JOSÉ DOS SANTOS FERREIRA

QUI-NOVA CHENCHO

— DIALECTO MACAENSE —

Qui-Nova, Chencho

JOSÉ DOS SANTOS FERREIRA

QUI-NOVA CHENCHO

Composto e impresso na Tipografia da Missão do Padroado
MACAU — 1973

QUI-NOVA, CHENCHO

Obra no dialecto macaense
— prosa e poesia — com breve
vocabulário.
Ilustração de Leonel Zilhão A. S. Barros
Prefácio de José Silveira Machado

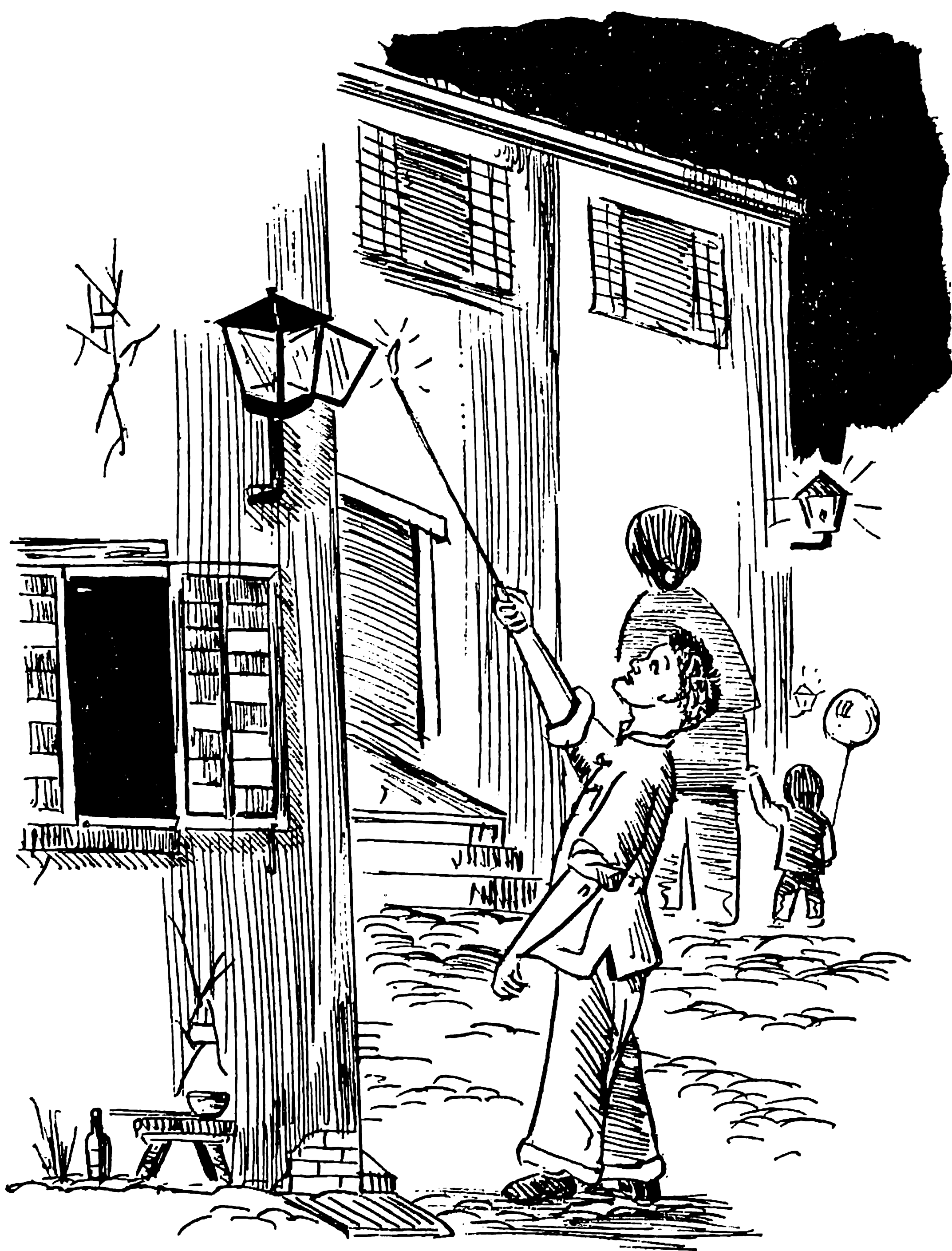
DO AUTOR

ESCANDINÁVIA, REGIÃO DE ENCANTOS MIL
MACAU SĂ ASSI

A toda a pleiade de bons Macaenses que sempre se orgulharam de ser filhos de Macau e souberam honrar o nome desta terra.

O AUTOR

Perto-perto iscurecê,
China sã sandê lampiám.
Lua na riva empê,
Dá más iluminaçám.

MACAU — 1923

Macau têm más caréta,
Qui rua, béco, travessa;
Têm mota, têm biciquéta,
Tud'ora aguá pessa-pessa.

MACAU — 1973

PREFÁCIO

Quando o meu bom amigo Santos Ferreira me pediu para prefaciar o seu segundo livro escrito na chamada Língua de Macau — o doce e mavioso «patois» — aceitei imediatamente tão honroso privilégio, embora soubesse que outros mais qualificados, intelectualmente mais dotados e mestres mais exímios no burilar da frase, o poderiam fazer com subido brilho e maior autoridade.

Não hesitei, porém, em me encarregar de tão penhorante quão delicada tarefa, porque o Santos Ferreira (o «Adé» de todos os amigos) logo me disse que gostaria que o meu nome ficasse ligado ao seu livro, a confirmar uma amizade que vem de muito longe. Do tempo em que, despreocupados, idealistas, irrequietos, vivíamos sonhos de beleza nesta encantadora terra de Macau. Terra que cativa e enfeitiça, que prende e seduz quantos penetram fundo no orientalismo luso do seu viver e auscultam o vibrar forte do coração da sua gente.

Foi através dessa amizade que conheci e penetrei na magia e nos encantos de Macau de outros tempos, que Santos Ferreira nos relembra, com saudade, no mimoso poema «Macau di tempo antigo». Que tomei contacto com as suas gentes e com os seus costumes, em que havia mais franqueza e sinceridade e o egoísmo não era tão feroz.

Foi a amizade do Santos Ferreira que me proporcionou o grato prazer de, pela primeira vez, me sentar à mesa de uma família macaense, para o tão tradicional e alegre convívio do jantar de dia de Natal.

Essa amizade continuou pelos anos fora, e foi-se tornando mais sólida e mais compreensiva à medida que eu mais admirava as excepcionais qualidades do Santos Ferreira: — do homem e do amigo.

Trilhámos juntos muitos dos caminhos da nossa vida, desde as fileiras do exército, onde com orgulho envergámos a mesma farda de artilheiros, e das associações e agremiações desportivas até às redacções do «Renascimento», de «O Clarim» e da «Comunidade», onde trabalhámos e sofremos, e experimentámos, também, das alegrias mais sãs.

Foi ao longo desses anos que melhor conheci e apreciei as qualidades de inteligência, de trabalhor incansável, de torturado da perfeição, de organizador metódico e minucioso de festas e convívios, de espectáculos e de competições desportivas, a par das suas maneiras finas e educação esmerada, corolário duma simpatia franca e sem rebuços, que irradia da personalidade forte de José dos Santos Ferreira.

Mas sempre admirei também, ao longo da nossa convivência nas lides literárias, os seus dotes naturais de poeta e o dom de escritor — sobretudo de jornalista — e o seu arreigado amor à terra onde nasceu.

E é nesta linha de pensamento que temos de situar e avaliar a sua obra, sobretudo os seus livros em «patois», os quais são contributo valioso para que não se perca, na poeira do tempo, essa Língua de Macau, que se formou por influência das línguas orientais, nomeadamente a chinesa e a malaia.

O contacto com outros elementos linguísticos forçosamente teria que afastar o português dos seus moldes primitivos, e a falta, nesses recuados tempos, de escritores locais, a deficiência de cultura geral e muitas outras causas contribuíram para o aparecimento do «patois» macaense.

Esse dialecto, melodioso no falar e rico no vocabulário, foi, porém, desaparecendo com o andar dos tempos, pois o macaense dominando correctamente o português, deixou de falar o «patois», mesmo no seio das famílias.

É pena que assim tenha acontecido, que se tenha deixado extinguir o dialecto de Macau.

Que se fale o português genuíno, sim, de pleno acordo! Mas que os macaenses deveriam ter continuado a falar também o dialecto local, é uma verdade incontroversa, para que se conservasse uma das mais características tradições desta sua terra de tão glorioso passado.

Infelizmente o «patois» desapareceu quase por completo, estando reservado apenas àqueles estudiosos que, por amor a uma forma literária quase desconhecida das gerações novas, o queiram arrancar ao pó do esquecimento.

Temos, por isso, de testemunhar ao Santos Ferreira a nossa sincera gratidão pelo valioso contributo prestado a quantos se interessam ainda pelo estudo do «patois» e por nos proporcionar o regalo espiritual de, através dos seus versos e da sua prosa, revivermos e recordarmos um passado que, ao longo de quatrocentos anos, firmou raízes fundas nesta terra de Macau.

Mas a obra do Santos Ferreira não é apenas trabalho dum estudioso, é o livro dum poeta e escritor que nos delicia ao longo das suas páginas.

A sua poesia fluente, de harmoniosa contextura e rasgada inspiração, revela uma apurada sensibilidade, aliada ao carinho e amor que o autor nutre por tudo quanto fale deste seu torrão natal.

* * *

Que «toda a pleiade de bons Macaenses que sempre se orgulharam de ser filhos de Macau e souberam honrar o nome desta terra», a quem dedicas o teu livro, amigo Santos Ferreira, saibam apreciar devidamente o teu trabalho e levá-lo ao conhecimento de quantos se interessam pelas coisas de Macau e por tudo quanto, no Mundo, é português e fala de Portugal, são os votos que formula o velho amigo de sempre.

Macau, 24 de Outubro de 1973.

José Silveira Machado

INTRODUÇÃO

Quando publiquei MACAU SÃ ASSI, *nunca supus que o trabalho, feito com o intuito de comunicar, no dialecto da minha terra, com quantos apreciam o chiste do «patois», pudesse vir a merecer a atenção e o interesse de tantos, sobretudo dos estudiosos.*

Consoante disse na Introdução, pretendi, acima de tudo, contribuir para que algo ficasse a lembrar o dialecto macaense, que ainda subsiste, senão falado publicamente, pelo menos no seio de algumas — bem poucas — famílias antigas desta terra.

Mas MACAU SÃ ASSI *acabou por despertar certa simpatia. O bom e geral acolhimento que teve foi a melhor compensação que eu podia ter recebido. Tão agradável êxito conseguiu fazer esquecer não apenas as canseiras, como os efeitos das críticas contundentes de certos espíritos derrotistas.*

Sinto deveras pena de não me ter abalançado a promover uma edição com maior número de exemplares, o que me teria permitido ver hoje satisfeitos muitos pedidos vindos das mais distantes parcelas de Portugal, assim como do Brasil e de vários territórios estrangeiros onde a comunidade portuguesa marca a sua presença.

*

QUI-NOVA, CHENCHO *vem hoje a lume com mais «patois». Este volume não é mais que uma continuação daquele trabalho, ou seja nova tentativa de demonstração do doce «papiá cristám» que outrora tanto se ouvia nesta portuguesíssima Macau.*

As páginas que se seguem arquivam muita recordação feliz do passado.

Não há caminho em nossa alma,
Não há caminho no chão,
Sem eco, ou sombra, ou saudade,
Dos tempos que já lá vão.

(A. Correia de Oliveira)

Do presente, guarda este livrinho a lembrança de alguns momentos agradáveis. Refiro-me, de modo especial, à Comédia «Qui-Nova, Chencho», levada a efeito por ocasião do Carnaval de 1969, em Macau (três sessões) e em Hongkong (uma sessão) com extraordinário sucesso. As tristezas não contam: ficam de fora, pois bastam as que nos confrangem o dia a dia da nossa existência.

Quando lidas, as páginas deste livro farão rir e possivelmente farão também chorar; há pessoas que não conseguem recordar o passado sem uma lágrima de comoção.

Não faltará, estou certo, quem aprecie este trabalho. Em várias passagens, ele procurará reproduzir uma história: a história da alma macaense. Muito possível é também que ele venha a ser alvo de censura e crítica destrutiva. Não admira, pois — como disse uma vez — Macau sã assi... *e também o resto do mundo. Quem menos faz é sempre quem mais desfaz*

Espero somente, e do coração, que todos aqueles que se comprazem em censurar e criticar saibam e queiram fazer melhor. Para eles, guardo os meus aplausos.

José S. Ferreira.

INTRUDUÇÁM

Quelóra iou já fazê sai MACAU SÃ ASSI, *nunca imaginá qui unga livro, fêto pa dessá iou papiá unchinho co quim gostá uví chiste di papiaçám di nôsso Macau, lôgo pôde pussá ôlo co atençám di tánto gente, más-a-más di quánto letrado.*

Na otrunga Intruduçám, iou já falá qui ancuza qui iou más querê olá sã recordá nôsso papiá cristám di Macau. Hoze em dia, quim sai vêm rua sã nádi uví nhu-nhúm co nho-nhónha papiá maquista chapado; mâs têm quánto famila-famila antigo, co chácha-chácha na casa qui ta continuá papiá língu antigo di Macau; sã bê , di pôco, mâs têm-na.

MACAU SÃ ASSI *já granzeá tánto bom ôlo; nunca sai na putau. Manéra quelê-môdo tudo já gostá, sã más grándi paga qui iou pôde achá, cavá matá-morê co acunga livro. Seléa bom fim, já fazê iou azinha isquecê tudo canséra; já fazê iou isquecê ramatá tudo babuzéra co papiaçám di quánto má-língu capaz atirá pedra iscondê má .*

Saiám sômente sã iou nunca astrevê fazê sai más tánto cópia; si já sai, sã lôgo pôde olá más tánto gente satisfêto. Quelê tánto nhu-nhúm di tánto tera-tera di Portugal, lóngi qui lóngi, co quánto di Brasil co tudo vánda únde nôsso gente ta vivo, já isquevê dôs regra pa iou, pa pedí acunga livro.

*

Hoze iou já fazê sai QUI-NOVA, CHENCHO. *Estunga asnéra sã unga continuaçám di acunga na-más. Iou torná vêm damostrá nôsso dóci papiá cristám, qui antigamente tudo ora têm pa uví na Macau, tera quánto-cento vez di Portugal.*

Estunga quánto fólia qui vosôtro ta abrí pa olá sã ta guardá lembránça bêm di fi'iz di tempo antigo.

Non-têm caminho na nôsso alma,
Non-têm caminho na chám,
Qui non têm eco, sómbra, saudade
Di tempo qui já passá.

Di tempo di agora, estunga livro lô guardá lembránça di ora-ora qui já fazê nôs contente. Sã acunga quánto dia di Comédia «Qui-Nova, Chencho», qui nôs já fazê na Canaval di 1969, na Macau (três repesentaçám) co Ongcông (unga repesentaçám). Quelê bom já sai; tudo gente já gostá. Ancusa triste sã nádi têm, nádi botá na estunga livro; tristéza qui tudo dia têm pa consumí pa nôs já basta.

Quelóra vosôtro ta lê estunga livro, quim lôgo ri-cacada, quim lôgo fi-fó churá; têm gente qui non-pôde recordá tempo antigo sim lágri curto--cumprido ta corê.

Nádi faltá gente qui sabe apreciá estunga quánto fólia-fólia. Iou sã derdezido querê contá unga estória: sã estória di nôsso gente di Macau. Pôde sã qui tamêm têm má-língu pa vêm co su tesorada. Dessá vai-ia... Sã iou já falá unga vez, Macau sã assi... *Quim más unchinho fazê sã quim más capaz disfazê.*

Divera, nunca sã mentira, iou sômente querê olá ilôtro, qui sã assi capaz má-linguá, fazê ancusa más bem-fêto. Iou sã lôgo sentá batê palma.

José S. Ferreira.

I PARTE

POESIA

SONETOS

GRATIDÁM

— Ao Senhor General José Manuel Nobre de Carvalho, benquisto Governador de Macau —

Quim más qui onçôm su gente estimá,
Qui dá más qui lô pôde recebê;
Quim más qui um-cento sono já perdê,
Su vida aguá, corê, olá passá.

Quim chá margo capaz pegá bebê,
Na xicra qui chá dóci já vazá,
Qui su alma tud'ora alumiá,
Pa alma di su gente intendê.

Quim sabe assi fazê co devoçám,
Têm mercê di más qui simples respêto,
Qui nôs têm-qui dá di obrigaçám.

Drêto sã nôs guardá quelê bem-fêto
Unga pa sempri vivo gratidám,
Na coraçám qui têm na nôsso pêto.

MACAU

Tera qui gente di nôsso naçám
J'achá, já merecê, ta conservá;
Porta aberto pa quim ânsia buscá
Sossêgo, teto, paz na coraçám.

Pia d'águ qui tant'alma lavá,
Casa inchido di amôr cristám;
Luz fórti pa lumiá civlizaçám,
Vôsso preço, quim pôde calculá?

Co chuva, co Sol, vôs sã abençoado,
Têm carinho, lindeza di cristal,
Têm pám, cama pa quim vêm zesperado.

Vôs sã, Macau, jardim di Portugal,
N'estunga vánda di Mundo semeado,
Como vôs, non-têm ôtro más lial!

AMÔR NA POBRÉZA

— A todas as bondosas Senhoras que tanto Bem têm espalhado em Macau —

Coraçám masquí pobre, sã 'nga ninho,
Rico sã lô sentí, grándi achá,
Si sã di mai qui pa su filo dá,
Tudo amôr, ternura co carinho.

Non-têm mai, non-têm grándi sacrifício
Qui nádi pegá mám, andá juntado,
Si filo qui mai têm na su cuidado
Churá, pedí seléa sacrifício.

Quelê dóci amôr mai têm pa dá,
Milagre sã non-pôde onçôm fazê,
Si sapeca non-têm, ta precisá...

Sã assi que nôs pôde intendê
Grandéza d'alma di quim ismerá,
Pa fil'filo di ôtro socorê.

*

Quim dá pa pobre, pa Dios imprestá,
Pa pobre pedí, nunca sã vegónha!
Alma cristám, bondade di nho-nhónha,
Sã lôgo fazê nôs assi pensá.

Tánto quiança vêm mundo tudo ora,
Nunca-sã tudo têm bérço di rosa,
Quim nacê têm su lençol côr-di-rosa,
Quim têm tudo quelóra vêm fora.

Coitado sã quim di pobréza sai,
Na su pobréza têm-qui continuá,
Más non-têm qui calôr d'amôr di mai.

Unde têm unga nhónha portoguésa,
Quánto incacho, colcha log'olá,
Pa amôr fazê isquecê tudo pobréza.

FILO-FILO DI MACAU

— A todos os Macaenses que, onde quer que estejam,
têm sabido honrar o nome da sua terra —

Quelóra iou pensá qui-foi Macau,
Tera qui sã divera piquinino,
Masqui na tempo bom, masqui na mau,
Grándi já ficá, pôde cantá hino;

Qui-foi vôs, Macau, lóngi di su Mai,
Pôde ficá inchido di amôr,
Qui di su coraçám nádi más sai,
Pa su nómi honrá, mer'cê valôr;

Quelóra iou pensá qui-cusa vôs,
Pitiz di tera na mundo gigánte,
Já fazê pa achá pa tudo nôs,

Más bom qui ôro caro co diamánte,
Estimaçám, bom-nómi co carinho,
Bénça pa vêm lumiá vôsso caminho.

*

Quelóra iou pensá sã lôgo vêm
Na lembránça qui tud'ora guardá,
Filo-filo bom qui Macau sã têm,
Qui tudo fazê, pa su tera honrá.

Qui n'Europa, qui na onçôm-sua tera,
Na Austrália, Brasil, Ongcông, Japám,
Na África, América, divera
Su Macau sã guardá na coraçám.

Mai qui seléa filo-filo têm,
Filiz sã pôde tud'ora sentí,
Su alma grándi lô achá tamêm.

Quim sã capaz, quim sã têm honradez,
Más qui ninguim onçôm sabe pulí
Estunga nésga di chám portoguês.

BONECA BUNITÉZA

— À minha muito querida netinha Cláudia
e a todas as crianças que, como ela,
inundam o Mundo de alegria —

Boneca assi capaz papiá, cantá,
Qui sabe andá, buli su bêço, ri,
Dôs mám mimoso qui capaz mimá,
Dôs ôlo qui olá nôs, azinha abri.

Coraçám di amôr quelê inchido,
Amôr qui nádi têm comparaçám!
Alma rainha, vêm di cêu decido,
Rôsto qui alegrá tudo coraçám.

Quim sã estunga ánjo quirubim,
Botám-di-rosa co tánto beléza,
Imági di inocéncia... ah, sã quim?

Sã vôs, quiança, boneca bunitéza,
Qui pegá mundo fêo fazê jardim,
Fazê nôs isquecê nôsso tristéza!

NHUM JUÁM

NHUM JUÁM

Nhum Juám,
Filo di sacristám,
Cristám-nôvo, cara di môno,
Unga dia erguí di sôno,
Abrí ôlo, pussá bafado,
Falá ta vai ficá sodado.

Nhum Juám,
Cavá cissí calçám,
Botá pê na sapato,
Corê vai trepá mato,
Buscá Sium Capitám,
Di nôsso Bataliám.

«Sium Capitám!
Iou sã Juám,
Macau-filo, bom *clistám;*
Papá sã *saclistám*,
Iou vêm ficá sodado,
Siliví Macau amado!

«Nhum Juám
Sã *fóti*, *lamendá* sansám,
Sabe *glassá* bota,
Gossô chám, lavá hota,
Nunca sã *malo-plestado*,
Fazê láncho pa sodado.»

Papiá vai, papiá vêm,
Bafo tamêm já non-têm.
Sium mostrá dente,
Juám repití logomente:
«Sium Capitám,
Juám capaz faz cozinhaçám!»

Nhum Juám,
Filo di sacristám,
Qui nunca sã mal-prestado,
Já virá ficá sodado,
Pa serví tudo naçám,
Nacunga Bataliám.

Pramicedo fazê ráncho,
Chegá anôte fazê ráncho;
Cavá erguí gossô chám,
Cavá comê limpá chám.
Fórti, ramendá sansám,
Grassá bota di capitám.

Dôs ano já passá,
Qui di ancusa já mudá:
Nhum Juám,
Filo di sacristám,
Ficá gôrdo, crecê rabo,
Já virá ficá cabo.

Di cozinhéro,
Passá pa ranchéro;
Pramicedo comê ráncho,
Chegá anôte comê ráncho;
Nuncassá gossô chám,
Vai grassá bota di capitám.

Nhum Juám
Já ficá pimpám,
Nunca assi mône-mône.
Unga dia, erguí di sôno,
Onçôm falá: «Juám, nómi têm,
Qui-foi *aplido* non-têm?»

Sium Capitám
Quelóra uví, chomá Juám
Vai buscá sagento,
Pa fazê requimento,
Qui Sium General, cavá,
Unga apilido lôgo dá.

Nhum Juám,
Quelê sabichám,
Qui nunca sã mal-prestado,
Pegá na papê-selado,
Requimento onçôm fazê,
Azinha, azinha isquevê:

«Iou, Juám,
Cabo di Bataliám,
Nómi têm, *aplido* non-têm,
Tudo *camalada* têm,
Qui-foi Juám non-têm,
Non-tá ceto, non cuvêm.

«Juám, antigo sodado,
Agola sã cabo *gladado;*
Antigo *cozinhélo,*
Agola sã *lanchélo;*
Sium *Ienelal,* dá *aplido,*
Juám
Pedí *diflido.*»

Sium General, lê qui lê,
Sã non-pôde intendê;
Botá ôclo, onçôm ri,
Tirá ôclo, geniado sentí.
«Qui-cusa sã *aplido*?»
Sium isquevê: *Indefeirdo*·

Nhum Juám,
Cabo di Bataliám,
Contente já ficá,
Quelóra papê olá.
«*Agola* Juám têm *aplido*,
Sã chomá Juám *Indifilido!*»

Sium General,
Qui vêm di Portugal,
Divera sã capaz!
Unga minuto na-más,
Fazê Juám ficá contente:
Juám agora sã gente.

Nhum Juám Indeferido,
Cavá trint'ano seguido,
Serví na Bataliám,
Vai casa comê pensám;
Juám, quelóra sodado,
Agora sã cabo reformado.

QUI-CUSA SÃ SAPECA

QUI-CUSA SÃ SAPECA

Filo, uví:

Sapeca qui hoze vôs ganhá,
Pa amanhã têm-qui guardá.
Quelóra vôs precisá,
Nádi têm gente pa fiá.

Nunca-bom fazê floristia,
Gastá tudo na unga dia;
Sapeca sã fáci gastá,
Ganhá qui sã quelê custá.

Ne-bom dôdo-dôdo pensá,
Pegá sapeca vai jugá:
Pa ganhá unchinho na-más,
Perdê tudo lô sã capaz.

Mám-largo co amigo-amigo,
Non-mestê vôs panhá castigo,
Guardá fáma di impostôr,
Tomá nómi di gastadôr.

Sapeca pôde dá festánça,
Tamêm pôde trazê matánça.
Amigo pegá vôs vendê,
Filo fazê pai padecê.

Nunca-bom ficá avarénto,
Sapeca nunca sã pám-bénto;
Isbanjá, tamêm nunca-bom,
Quim más perdê, sã vôs onçôm.

Quim divera estimá vôs,
Nádi querê ismifrá vôs;
Olá co quim vós ta andá,
Lembrá quelê-môdo gastá.

Sapeca non-sã p'adorá,
Tamêm non-sã pa desprezá;
Tánto, unchinho, têm su gôsto,
Si vôs ganhá co sôr di rôsto.

Têm pai chiquí tripa, juntá,
Pa su filo-filo gozá;
Têm filo azinha isquecê,
Tudo qui pai-mai já fazê.

Quelóra vôs sã precisá,
Si buscá agiota chapá,
Si nunca sã pulá na pôço,
Sã botá corda na piscôço.

Na roda di gente fingido,
Quim têm sapeca sã quirido;
Quelóra su bóca t'abri,
Tudo lôgo sentá uví.

Quim nádi fingí, logomente,
Falá pobre tamêm sã gente!
Têm capacidade, falá,
Têm razám, tudo concordá.

Sapeca qui vôs dá pa pobre,
Sã nádi valê más qui cobre;
D'ôro pesado têm valôr,
Quelóra vôs comprá amôr.

Têm ora, sapeca sã tudo,
Sã capaz fazê gente mudo.
Qui-foi Juda já astrevê,
Onçôm pegá Jesus vendê?

Vôs uví! Masqui custá crê,
Tamêm sã têm-qui intendê:
Sapeca sã ramendá diabo,
Têm cabéça, tamêm têm rabo.

Cabéça têm ôlo pa olá,
Rabo bulí pa intentá:
Vôs seguí trás di tentaçám,
Sã lôgo olá onçôm na chám.

Quim sapeca já inventá,
Más certo sã nunca pensá
Qui diabo, calado-calado,
Já têm su boiám preparado!

Tudo miliám qui têm na mundo,
Cai na Inferno, lô vai fundo!
Quelógra diabo, chuchumeca,
Lôgo ri, brincá co sapeca.

MACAU TÊM SU CHISTE

Quelóra nôs andá, vizá chám,
Cobra na arvre ta pindurado.

MACAU TÊM SU CHISTE

Macau sã divera têm su chiste;
Têm ora, quelê bom pandegá,
Têm ora, vêm co estória triste,
Fazê nôs cucús, sentá churá.

Gente bom co grándi coraçám,
Sã nôsso Macau têm quelê tánto;
Nhum mau, capaz rastezá na chám
Ramendá cobra, tamêm têm quánto.

Cobra virá ficá camaliám
Sã têm, pa mal di nôsso pecado;
Quelóra nôs andá, vizá chám,
Cobra na arvre ta pindurado.

Má-língu co má-língu juntá,
Sã língu co língu ta dá nó;
Tagaláng qui ilôtro cortá,
Lô cai fino-fino, ficá pó.

Têm gente bom, têm cachôro-china,
Atirá pedra, iscondê mám...
Quelóra nôs ta dobrá esquina,
Cachôro fuzí, rabo na chám.

Têm nhum campiám pa fazê intriga,
Más capaz qui nhónha aringuéra;
Botá mascra, vendê su cantiga,
Bulí bêço, papiá babuzéra.

Têm gente chomá acunga nhum
Galinha co péna di pavám!
Galinha boncô, sai di curúm,
Abrí su bico, ficá pimpám.

Nôs sentí qui acunga galinha,
Sã más ramendá unga galito:
Qui capaz ficá diabo-cacinha,
Erguí crista, sai voz di apito!

Gente uví galito papiá,
Badalá qui tudo na Macau,
Qui êle quelê sab'estimá,
Sã unga corja di gente mau!

Têm nhum qui chomá tudo ladrám,
Sômente êle qui sã honrado,
Tudo gente ficá pilizám,
Sômente êle sã iducado!

Qui coitado, vosôtro olá,
Eropêu di Eropa, bom hóme,
Di qui lóngi vêm pa nôs mimá,
Alma di amôr inchido di fóme.

Nôs sã ingrato di mato-Guia,
Nunc'apreciá seléa tesôro;
Nhum corê rua batê bacia,
Co cabéça inchido di lôro.

Otrunga, contente vêm Macau,
Pa cadunga di nôs dá 'nga ucho;
Nôs pilizá qui quebrá putau,
Fazê nhum triste, coraçám mucho.

Eropêu más cheng-cau qui nôs,
Buscá otrunga béco cantá,
Non-mestê vêm impingí pa nôs,
Pêsse amiz pa nôs vomitá.

Juda tamêm já dá unga ucho,
Pa cáva pegá Cristo vendê;
Nhum pôde continuá mucho-mucho,
Cucús pêsse pa onçôm comê.

Quim sã conhecido aringuéro,
Más bom sã ficá lóngi di nôs;
Querê pilizá, vai Taraféro,
Têm aporóna ramendá vôs.

Tamêm têm nhum quelê dotorado,
Onçôm falá onçôm sã capaz;
Gente di Macau buro-tapado,
Sabe buscá discórdia na-más.

Assi capaz, sã têm su canudo
Más grôsso qui quánto-cento trônco.
Nhum abrí bóca, nôs ficá mudo,
Nôs sã unga cambada di brônco!

Pa grassá bota di gente-rico,
Tamêm têm nhum más capaz qui tudo,
Pomada onçôm têm quánto pico,
Na bolsa têm páno di viludo.

Nhum bóca-grándi dizaforado,
Co cara di missó na putau,
Quelê capaz vivo mascarado,
Pa vêm bulí co nôs na Macau.

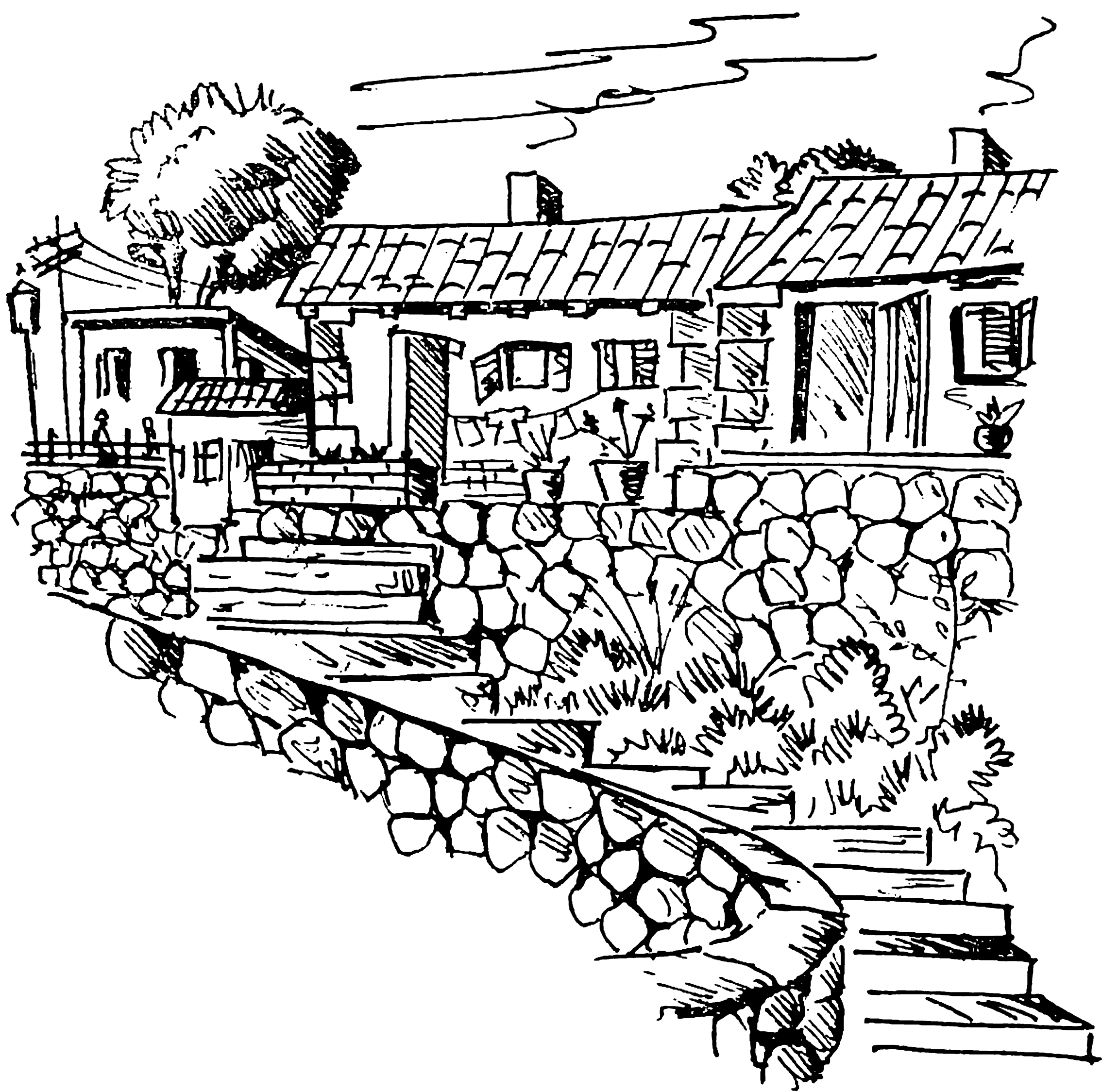
Sã assi-ia, vosôtro olá,
Nhum tiro-grándi d'hoze-em-dia.
Coitado sã quim têm qui aturá,
Mordecim sã sentí tudo dia.

Macau sã tera qui tudo têm,
Di bom, di mau, di fêde, cherôso;
Quelóra tufám grándi ta vêm,
Nadi olá cara di nhum chistôso.

Dôi cabéça sã pa nôs, aqui,
Nádi olá nhum co su bravura;
Passá tufám, nôsso porta abrí,
Nhum capaz ta vêm, botá figura.

Sórti sã Dios qui mundo criá,
Sã nunca dá asa pa cavalo;
Si já dá, únde nôs lô pará,
Pinchado pa acunga cavalo.

Qui ramêde si mundo têm más
Pastro bunitéza, raro-raro,
Assi bom hóme, assi capaz,
Co más valôr qui diamánte caro!

MACAU DI TEMPO ANTIGO

Casa masqui piquinino,
Sã casita pa ficá...

MACAU DI TEMPO ANTIGO

Quim otróra já olá
Nôsso Macau bunitéza,
Hoze sã lô istranhá,
Diante destunga beléza.

Macau di antigamente,
Na tempo di balichám,
Non-têm assi tánto gente
Co tánto inventaçám.

Nunca sã disinfreado,
Nunca nadá na confôrto,
Non-têm rua isburacado,
Co casarám tôrto-tôrto.

Casa masquí piquinino,
Sã casita pa ficá;
Fula quelê fino-fino,
Têm chêro pa izalá.

Taipán-taipán sã têm tudo
Pa inchí su casarám;
Quánto cortina-viludo,
Sai di teto tocá chám.

Na sala di tiro-grándi,
Sã têm mobila pau-preto;
Vaso-fula grándi-grándi,
Orná casa qui bem-fêto.

Non-pôde ficá janota,
Nôs sã têm-qui contentá
Co bánco, cadéra-rota,
Cortá chita pindurá.

Tempo antigo tamêm têm
Sapeca fémea co macho;
Milagre quelóra obrá,
Ôro lô cai cacho-cacho.

Milagre di água sã pôço:
Largá balde, elá água.
Di chám subí tê piscôço,
Tudo pôço inchido d'água.

Si sã quente, têm avâno,
Si sã frio, têm colcha-papa.
Ágúa suzo cai na cáno,
Non-têm rua papa-papa.

Rua curto-curto, istrêto,
Nádi olá chám lameado;
Gente pôde andá drêto,
Nádi cai ficá pinchado.

Má-língu co chuchumeca,
Tempo antigo tamêm têm;
Pa quim têm tánto sapeca,
Tudo lôgo amen-amen.

Abela-mestra, mandóna,
Sã têm na roda di vida.
Cachi-bacho pilizóna
Non-pôde más di astrevida.

Gente antigo, nôs sentí,
Têm más chiste, más manéra;
Sabe falá, sabe uví,
Papiá menos babuzéra.

Su grándi capacidade,
Sã fazê más filo-filo;
Pa ninguim sã nuvidade,
Pai-mai co vinte fil'filo!

Si non-sabe pilizá,
Na casa cavá comê,
Sim televisám pa olá,
Cusa más lôgo fazê?

Têm nhu-nhúm bêm di capaz,
Ramendá quánto letrado;
Buro-tapado têm más,
Pa mal di nôsso pecado!

China subí pinheral,
Cartá pastro na cajola...

Respêto nádi faltá,
Ne-bom fazê macriaçám;
Pai quelóra rabujá,
Tremê telado co chám.

> Chácha batê porta, intrá,
> Quiança-quiança azinha empê,
> Tomá bénça, vazá chá,
> Trazê dá chácha bebê.

Pramicedo, nôs erguí,
Vai janela lôgo olá
Sol na telado subí,
Galo na quintal cantá.

> Pintaínho na curúm,
> Sai bico pedí comê;
> Mamá cubrí su tudúm,
> Saguám intéro lavá.

China subí pinheral,
Cartá pastro na cajola;
Ar di Guia peitoral,
Pastro ficá cantarola.

> Lavá rôsto, gossô dente,
> Nôs tudo lembrá comê;
> Cavá chomá tudo gente,
> Vazá chá pa onçôm bebê.

Botá sucre, botá lête,
Têm um-cento rabusenga,
Virá mám panhá genête,
Ruçá dóci camalenga.

> Abolô di Títi-Chai
> Têm tudo di más sabroso;
> Nim botica di A Chai
> Têm merénda assi gostoso.

Nôs cavá comê inchido,
Azinha sai vai iscola;
Calçám na joêlo chipido,
Brôa ta cai di sacola.

Sai di casa virá esquina,
Têm *iau-cha-cuai, pa-cô-chôc;*
Más pa riva, china-china
Sentá rufá *hong-tau-chôc.*

«Apa-bico quente-quente!»
Merendéro ta gritá.
Abrí lata chomá gente,
Vêm pruvá su catupá.

Vai pa loja Po Man Lau
Comprá ancusa di iscola:
Péna, tinta, lápis-pau,
Livro, tabuada, sacola.

Caréta corê na rua,
Vagar dislizá na chám,
Nunca sã dono di rua,
Vôs nádi ficá ching-chám.

Unga dúzia di carétá,
Co meo-dúzia camiám,
Co unchinho biciquéta,
Serví tudo pop'laçám.

Nhónha quelóra vestí,
Usá mea co sapato,
Nádi fazê gente ri
Co um-cento ispalafato.

Si bêço ta rabicá,
Isquecê cubrí chapêu,
Chácha sã lô rabujá,
Chomá nhónha amui-balêu.

Cintura marado, fino,
Nhónha diante di ispêlo,
Virá chiquía mufino,
Saia vêm básso di joêlo.

Tudo nho-nhónha na casa,
Aprendê cuzinhaçám,
Sabe siviço di casa,
Cosê rópa, tecê láng.

Nho-nhónha intrá na greza,
Sã têm-qui cubrí chapêu;
Vêla têm dol na cabéça,
Quiança-quiança botá vêu.

Na missa faltá respêto,
Fazê Pade-Filo azinha,
Nunca sentá drêto-drêto,
Lôgo uví mai-sua ladinha.

Têm nhu-nhúm namoradôr,
Gostá seguí trás di nhónha;
«Vai-na, vêlo istopôr,
Vai co vôsso carantónha!»

Têm ora más astrevido.
Co cara di sánto-sánto,
Olá amui, ficá cholido,
Ficá macaco mám-tánto.

Sol fórti quelóra cai,
Recolê na trás di Bara,
Tonico chomá pai-mai
Olá Sol iscondê cara.

Perto-perto iscurecê,
China sã sandê lampiám.
Lua na riva empê,
Dá más iluminaçám.

Gente antigo sã gostá
Dá festánça, divertí;
Siara capaz cuzinhá,
Nhum lô bebê qui xirí.

Chácha rabujá unchinho,
Falá nhum já perdê juízo:
«Quim non-sabe bebê vinho,
Más bom sã vai bebê m...

Lua mostrá su rabinho,
Nôs ta ficá raganhado:
Pôrco bal'chám tamarinho,
Ta vêm co arôz caregado.

Panelám gru-gru, cozê
Cángi di fula-papaia;
Nôs tudo cavá comê,
Soltá calçám, largá saia.

Ana-fêde disintôm,
Cantá «Nôte istrelado»,
Rabixá Chai volontrôm,
Pa vêm zafiná juntado.

Tio-Padre tocá viola,
Sai voz grôsso ramendá
China-pobre pedí 'smola,
Imitá sapo churá.

Maria co su rabeca,
Pai ruçá su rabecám,
Avô sã cuçá careca,
Di tánto zafinaçám.

Si sã alguim fichá áno,
Chá-gordo sã lôgo têm;
Títi-títi, máno-máno,
Co quiança-quiança ta vêm.

Pisunto têm-qui bafá,
Tacho ta assá capám;
Chacháu-pêle lôgo olá,
Vêm mésa co balichám.

Galinha chacháu parida
Sã nádi pôde faltá.
Non-pôde chegá comida,
Dále chacháu lacassá.

Vaca-mínchi co *mui-choi*,
Lô têm tudo sánto dia.
Pôrco co rabo-chapôi,
Unga semána dôs dia.

Quelóra abrí fontám,
Têm comida requentado;
Têm lombo co açafrám,
Chap-sio co áde salgado.

Gente antigo sã divéra
Capaz pa comê bebê;
Dia intério pitisquéra,
Nuncassá susto morê.

Rua Palha têm A Fu
Co um-cento lata-lata:
Têm coquéra co ladú,
Bicho-bicho, bôlo-nata.

Chilicote quente-quente,
Múchi-múchi, fula-fula,
Nhum emado afiá dente,
Sentá qui comê di gula!

Si querê bom batatada,
Do-dol, bagí, pám-di-casa,
Têm qui buscá mám-di-fada,
Pa onçôm fazê na casa.

Cabelo-noiva, nhamada,
Bôlo-minino, mamún,
Siara nunca sã mal-prestada,
Sabe fazê pa su sium.

Nôsso «corn-star» co obrêa
Fôfo ramendá almofada;
Cilicário co gelêa,
Más peitoral qui jamada.

Ancusa assi bom comê,
Custá unchinho na-más;
Quim pagá, nádi gemê,
Quim comê, lô pedí más.

Gente antigo di Macau,
Pa andá na sociedade,
Nunca sã chacháu, la-lau,
Nádi goelá como áde.

Cunvite pa vai palácio,
Sã pa quim sabe portá;
Fulgéncio co Tio Acácio,
Rabo-barata botá.

Nho-nhónha mará cintura,
Su rópa tocá na chám;
Si fazê triste figura,
Sã lôgo uví papiaçám.

Gente bóba fichá bóca,
Non-mestê fazê asnéra;
Onçôm temá, abrí bóca,
Sã lô papiá babuzéra.

Gente antigo vai Ongcông,
Vapôr são têm-qui tomá;
Asnéra gongchông, gongchông,
Mamá sentá vumitá.

Pa vai Taipa, Coloán,
Sã tomá bote remá;
Quim têm fórça di sansám,
Más azinha lô chegá.

Na tempo di Canaval,
Macau quelê divertido!
Nho-nhónha inchí quintal,
Olá bôbo astrevido.

Bôbo-bôbo desbocado,
Têm ora largá asnéra;
Chai nádi ficá calado,
Lôgo dá co ôtro asnéra.

Quelóra tuna ta sai,
Bita azinha mascará,
Pegá mám di nôsso atai,
Vai meo di rua pulá.

Títi-dinha capa-dóci,
Fazê barba co ladú;
Avô comê qui vêm tóssi,
Sã jagra já sai vantú.

Chegá ano-novo china,
Nôs ta ficá alucinado:
Sai rua, dobrá esquina,
Clu-clú pa tudo lado.

Pa vai Taipa, Coloán
Sã tomá bote remá...

China bulí chaminica,
Gritá «Nhónha, ióga, ióga»!
Nôs encostá na botica,
China goelá «Ábli, ióga»!

Sês-pique, sete-cavéra,
Nádi sai si nôs temá;
Nhum já dá co dôs asnéra,
Virá costa gurunhá.

Natal azinha chegá,
Trazê paz pa tudo gente.
Quiança-quiança sã pulá,
Non-pôde más di contente.

Pai-mai sentí bólsa ardê,
Qui di dinherám gastá:
Rópa-nôvo sã fazê,
Pa casa intéro usá.

Cavá rópa, sã sapato,
Sã dóci, sã pitisquéra,
Recheá pirú alto-alto,
Bebê, panhá bebedéra.

Na anôte di consoada,
Têm cêa pa tudo gente;
Na Natal sã jantarada,
Qui tudo lôgo afiá dente.

Alua, quánto tachada,
Tudo casa lô fazê;
Fárti, coscorám, impada,
Nádi faltá pa comê.

Quiança-quiança qui azinha,
Usá rópa batê asa,
Dá Bo-Festa pa madrinha,
Co tudo gente di casa.

Si nunca panhá pisente,
Bêço sã lôgo pussá;
Têm quanto quelê contente,
Bom-bom ancusa achá.

Cavá Natal, quánto dia,
Tudo sentá, batê ôlo:
Quim lembrá su floristia,
Quim comê qui sentá ôlo.

Natal vai, vêm ano-nôvo,
Pauchông sã têm-qui quimá.
Nôvo-nôvo, pám-co-ôvo,
Sórti sã lô isperá.

Quim alegrá, quim churá,
Lembrá pai-mai, máno-máno,
Qui nádi más festezá
Intrada di nôvo ano.

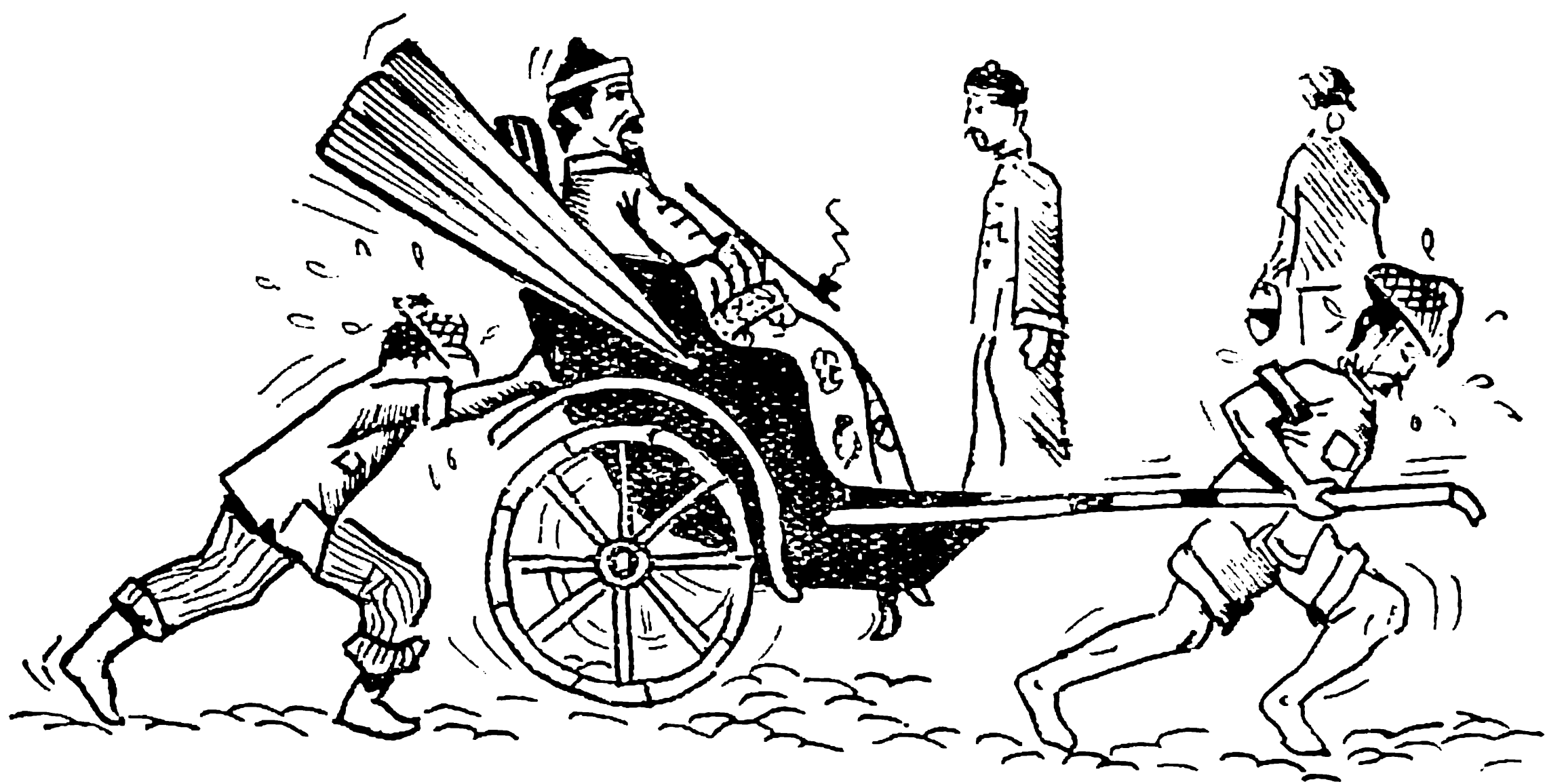
Vida sã assi, j'olá?
Non-pôde sômente têm,
Ancusa pa alegrá:
Tristéza têm ora vêm.

Nôsso Macau di otróra,
Qui sã tera pa ficá;
Tudo gente vêm di fora,
Nádi más Macau largá.

Rénda-casa, três pataca,
Pataca-meo, tomá ama;
Amui nuncassá pataca,
Da-comê, dá rópa, cama.

Quánto avo comprá som,
Têm pôrco, áde, galinha,
Cóve-flôr, lingau, cancông,
Asa-marêlo, tainha.

Gente-pobre más capaz,
Fazê su cuzinhaçám:
Pegá dez avo na-más,
Ta fazê dôs refeçám.

Têm vaca, unga pitiz,
Comprá brêdo champurá;
Si pêsse nunca amiz,
Pôde quentá pa jantá.

Gente-rico lógo têm
Caréta, cúli passá...

Chita pa rópa di nhónha,
Dez avo têm quánto jarda;
Páno-elefante pa frónha,
Custá dôs cen unga jarda.

> Tánto ancusa já fazê,
> Tamêm páno lô restá
> Pa incacho di bebê,
> Co ceróla di papá.

Vai olá fita-cinema,
Sômente pagá *tau-lêng*;
Dôs cen comprá guloséma,
Dôs cigaro unga cen.

> Salário trinta pataca,
> Já pôde pensá casá.
> Nuncassá armá baraca,
> Casa lô têm pa ficá.

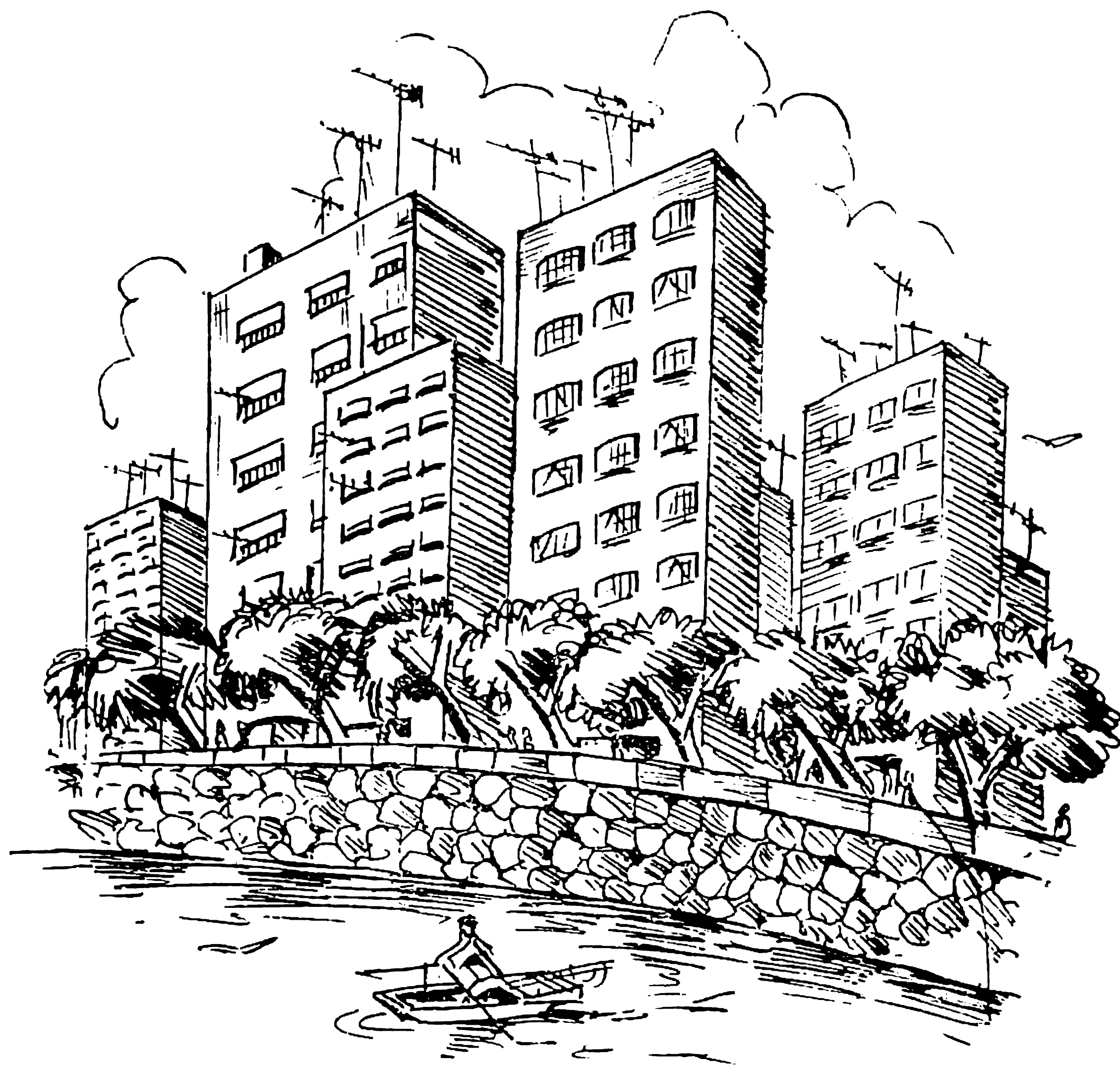
Gente-rico lôgo têm
Caréta, cúli pussá;
Si sã sapeca non-têm,
Vai rua pôde andá.

> Macau, ilôtro falá,
> Têm su arvre di pataca;
> Quim vêm colê, sã gostá,
> Nôs cherá fula champaca.

Quim di lóngi vêm Macau,
Qui co siara, qui onçôm,
Pruvá águ di Lilau,
Nádi más voltá *Sai Iông*.

> Sã assi Macau antigo,
> Na tempo di balichám;
> Quim sabe granzeá amigo,
> Sã non-têm consumiçám.

Nôs quelóra recordá,
Tempo antigo, filiz,
Vontade sentá churá,
Rezá, pedí Dios bis.

NÔSSO MACAU DI AGORA

Quánto-cento casarám,
Ta erguí pa tudo vánda...

NÔSSO MACAU DI AGORA

Nôsso Macau já crecê,
Já ficá quelê mudado!
Nôs cristám sã têm-qui crê,
Macau sã tera abençoado.

Crecedura di Macau
Ramendá unga balám:
Iou suprá, vôs chuchú pau,
Balám sã ficá ching-cháng.

Nunca sã brinco, olá,
Nôsso Macau di agora.
Chácha têm ora churá,
Recordá tempo d'otróra.

Pa tudo vánda chiquismo,
Vivéza qui non-têm fim.
Co seléa janotismo,
Mato ta ficá jardim.

Quanto-cento casarám
Ta erguí pa tudo vánda;
Di teraço pa gudám,
Tudo cánto sã varanda.

Têm casa, qui tentaçám,
Ramendá piscôço d'áde;
Casa azinha sai di chám,
Nhu-nhúm fazê nuvidade.

Acunga fino-comprido,
Ramendá caxa-fochai,
Onçôm já ficá capido
Na meo di dôs *san-chi-pai*.

Nhum capaz, assi falá:
«Sã quitetura moderno!»
Nôs pensá nhum imitá
Abolô co tánto terno.

China-rico erguí casa,
Más rico sã lô ficá;
Quim pagá rénda di casa,
Ceróla têm-qui impinhá.

Rénda qui nôs ta pagá,
Sômente pa unga mês,
Na tempo antigo bastá
Pa um-cento fora mês.

Macau di hoze-sua dia
Têm tudo di más janota;
Nho-nhónha cortá chiquía.
Vestí calçám, usá bota.

Masqui mau-gôsto vestí,
Sã têm-qui botá figura;
Na casa batê-tití,
Vêm rua mostrá ternura.

Saia míni, curto-curto,
Perna-grándi lô mostrá;
Hóme-hóme vista curto,
Chapá perto pa bispá.

Ôlo fino rabicado,
Ramendá rato cheroso;
Tánto nhum ficá babado,
Fazê jêto di chistoso.

Nhum di cabelo comprido,
Di tempo di Pai-Adám,
Têm argolinha na uvido,
Usá bota co tacám.

Nhum bulí côrpo dançá,
Ramendá unga serpente;
Ôlo sã têm-qui fichá,
Bóca aberto, mostrá dente.

Si chomá nhónha valsá,
Quelóra ta tocá tángo,
Nhum lô pulá cha-cha-chá,
Nhónha sã virá fandángo.

Nhónha cortá chiquia,
Vestí calçám, usá bota...

Cidade nómi di Dios,
Non-têm otrunga más lial!
Dôi bariga... lembrá Dios,
Si susto, tomá cordial.

Tufám cavá virá vai,
Ventania nádi têm;
Nuncassá gritá pai-mai,
Vai altar rezá... amen.

Querê vivo sossegado,
Tánto bénça pôde achá;
Si sã ficá endiabrado,
Dios reva, lô castigá.

Quánto-cento inventaçám,
Gente tamêm ficá jóvi;
Quim sentí subí pressám,
Quim onçôm andá à-nóvi.

Padre-padre tudo dia,
Têm batina na gavéta;
Na greza pegá candia,
Vêm rua pegá caréta.

Chácha agora vai greza,
Achá missa qui mudado;
Tentá chám, fazê su reza,
Pa nádi cai na pecado.

Nhum Padre falá «erguí»,
Tudo erguí; falá «sentá»,
Sã sentá; falá «erguí»,
Sã erguí, «sentá, cantá»!

Di tánto bassá, empê,
Chácha panhá unga côte,
Inchá patinga co pê,
Non-pôde durmí anôte.

Fábrica qui agora têm,
Inchí béco co travessa:
Nhu-nhúm di qui lóngi vêm,
Co sapiéncia na cabeça.

Quim rolá fio, fazê rópa,
Enfiá mútri na quimám;
Quim fazê baul co cópa,
Vassóra pa varê chám.

N'unga vánda limá pau,
N'otrunga suprá balám;
Sium botá «Made in Macau»,
Cavá ganhá dinherám.

Tudo laia inovaçám
Têm oficina fazê.
Si vôs querê balichám,
Sã onçôm têm-qui gemê.

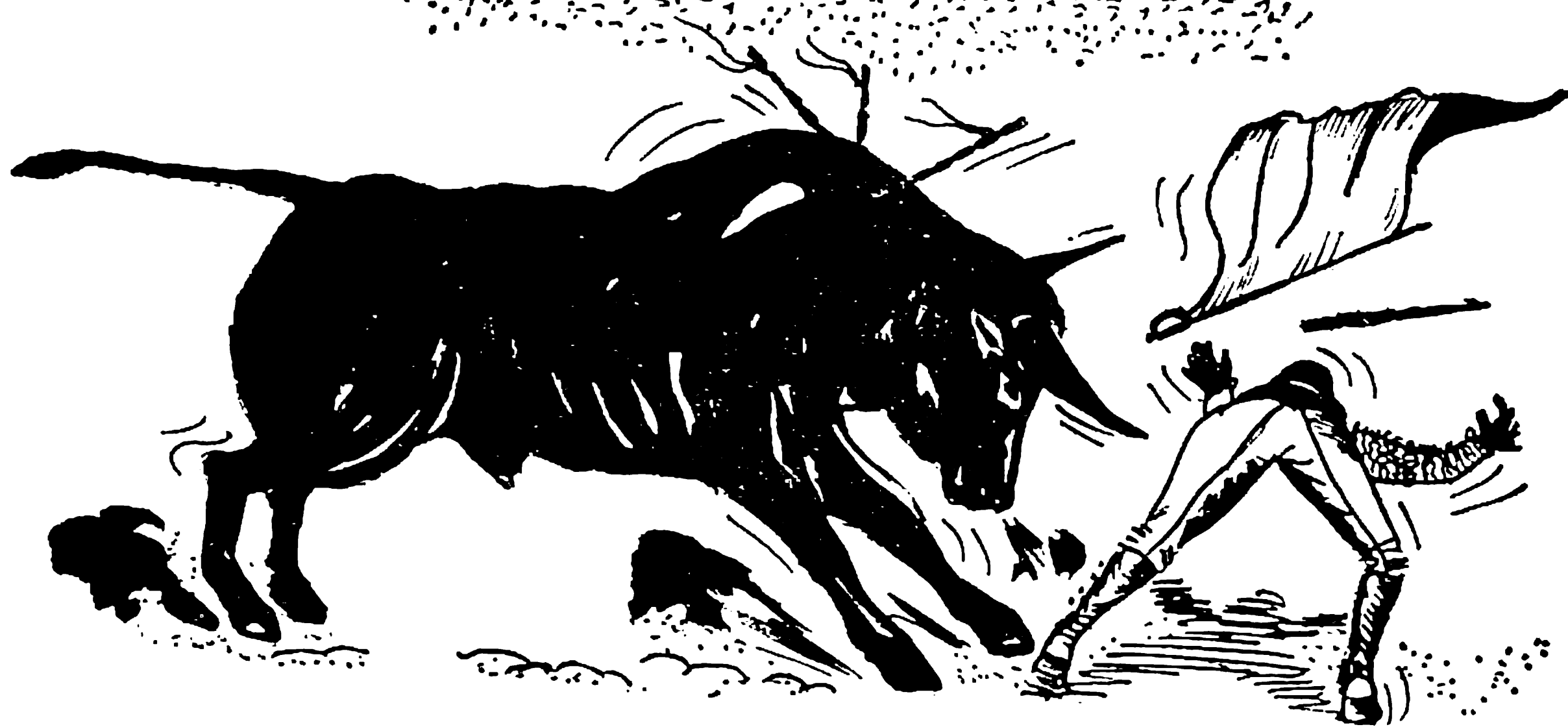
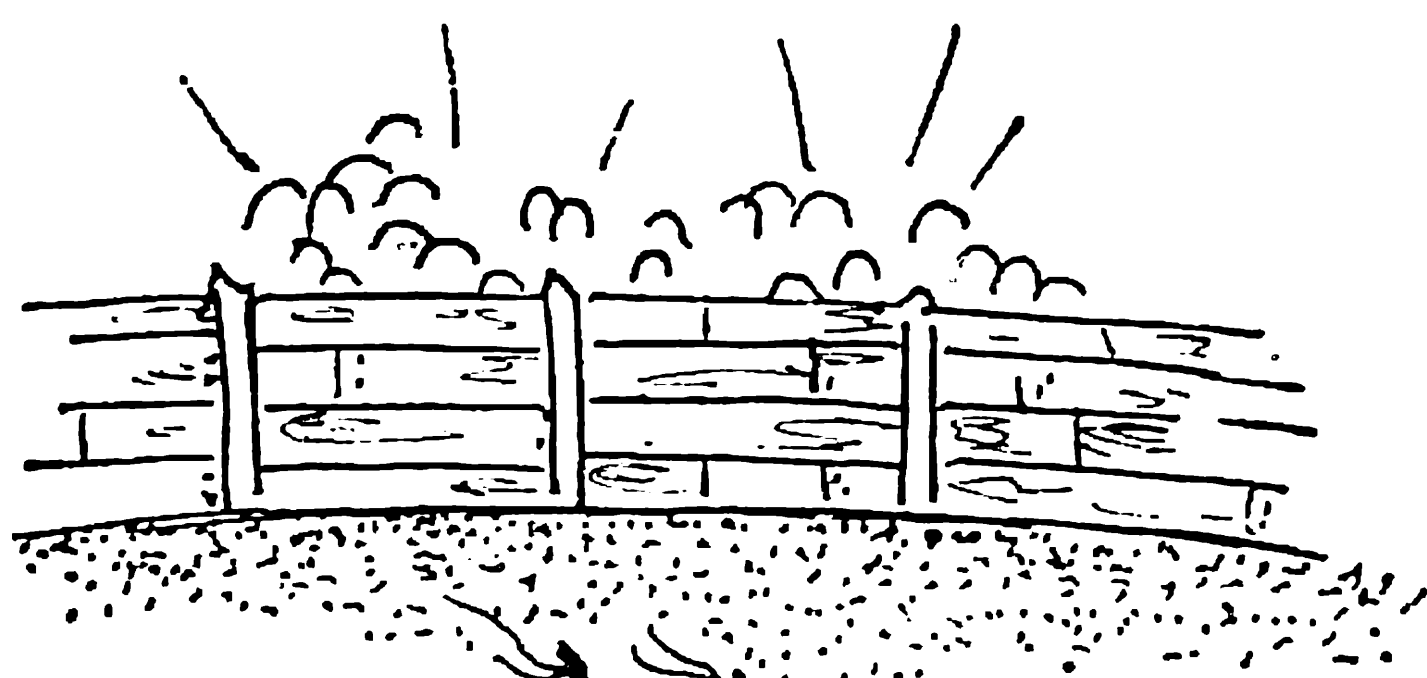
Águ pa bebê, lavá,
Virá mám, sai di tornéra.
Tánto pôço já fichá,
Tudo casa têm tornéra.

Têm ora, pingá, pingá,
Sã ficá seco ismirado.
Chácha vai praia banhá,
Já vêm casa constipado.

Luz elétrica quelóra
Sai na Macau, quente-quente,
Fazê nôs isquecê ora,
Cantá, pulá di contente!

Nôs nuncassá avaná,
Nuncassá quimá carvám;
Águ onçôm lô quentá,
Tempo-frio ficá verám.

Chapá fio... luz lumiá nôs,
Nuncassá sandê pavio;
Chapá fio... bafá arôz,
Querê vento... chapá fio.

Casa intéro sã fio-fio,
Pê di cama tê cozinha.
Tempo quente, tempo frio,
Tudo ancusa têm azinha.

Tôro ficá burecido,
Torero perdê calçám!

Chácha falá qui ramêde,
Estunga ancusa têm diabo!
Fio chapado na parede,
Fazê gato erguí rabo.

Seléa inventaçám,
Sabe fazê su ma-peça,
Dá tánto consumiçám,
Fazê gente dôi cabeça.

Fio-fio sabe perdê bafo,
Botá nôs na iscuridám.
Avô pensá qui ta safo,
Já tropeçá, cai na chám.

Justo MELCO ta morê,
Soltá último suspiro,
CEM quelóra já nacê,
Ramendá quiança arviro.

Na ora qui non-têm luz,
Sã têm-qui sandê lampiám;
Cambrám na putau cucús,
Sai vivo, pulá na chám.

Dios-haza dessá heránça,
Pa estunga geraçám;
Quim vêlo, perdê esp'ránça,
Sã chocá consumiçám.

Macau já olá torada,
Co quelê tánto Manólo;
Nhu-nhúm olá, ri cacada,
Nhónha susto, fichá ôlo.

Boi dôdo, preto-carvám,
Tamanhám di elefánte,
Impiná su dôs cornám,
Pa chuchú quim têm na diánti.

Toréro-cáfri, cholido,
Olá tôro, capí mám;
Tôro ficá burecido,
Toréro perdê calçám.

Quelóra tôro zinguá,
Nôs tudo gritá «Olé!»
China-china más gostá
Sã gritá «Hou-ié, hou-ié!»

Rua-rua di Macau
Divera quelê coitado!
Qualunga chacháu, la-lau,
Ficá tôrto ravirado.

Vêm fora, panhá poéra,
Cherá fumo di caréta,
Chácha largá unga asnéra,
Virá pê, cai na valéta.

Non-pôde más di geniado,
Sentá na casa gemê,
Co unga ôlo inchado,
Ruçá mizinha na pê.

Rua pôdre têm qui tánto,
Co quánto-cento buraco;
Lamaçal na tudo cánto,
Tapado co saco-saco.

Unga vêm quebrá, tapá,
Otrunga cioso partí;
Estunga cavá tambá,
Más unga torná abrí!

Chám co bariga aberto,
China pegá fio chuchú;
Assi, lô pará perto,
Sã têm-qui ficá vantú.

Chuva fazê chám mulado,
Chám liching sã lô ficá.
Quelóra cáno fichado,
Nôs tomá bote remá.

Co rádio, televisám,
Macau já ficá moderno:
Têm ora, qui animaçám,
Têm ora, sã unga inferno!

Cacho di gente na casa,
Vêm olá televisám;
Cavá olá, batê asa,
Nôs sã têm-qui varê chám.

Quelóra abrí rádio,
Têm Lisboa, têm Ongcông;
Pa uví fado Hilário,
Nuncassá tocá gam'fôn.

Si luz non-pôde chegá,
Fita co som lô fugí;
Televisám nádi olá,
Amália sã nádi uví.

Nhum na rádio ta papiá,
Falá chuva lôgo cai...
Quim sombrêlo si cartá,
Olá Sol fórti ta sai.

Gente antigo vai cinéma,
Olá tudo fita mudo;
Agora nôs vai cinéma,
Pôde sai vêm fora surdo.

Sium capaz já inventá,
Som... co tudo laia chêro.
Fedôr quelor'izalá,
Nôs sã pingá ágü-chêro.

Macau têm más caréta
Qui rua, béco, travessa.
Têm mota, têm biciquéta
Tud'ora aguá péssa-péssa.

Quim guiá, finzí alônço,
Quim andá, tomá cuidado!
Andá rua, sônço-sônço,
Lô ficá dizengonçado.

Nhum di caréta, têm ora,
Ramendá dono di rua;
Caréta corê vêm fora,
Pôde pinchá vôs vai Lua.

Novémbro di tudo áno,
Nôs sã imprestá Macau,
Pa qui tánto máno-máno,
Fazê Grám-Pri di Macau.

Caréta-dôdo corê,
Passá como fuzilada.
Chám co casa lô tremê,
Ramendá ta cai trovada.

Gente ramendá fumiga,
Fazê Macau istremecê.
Quim vêm pa inchí bariga,
Quim vêm pa olá corê.

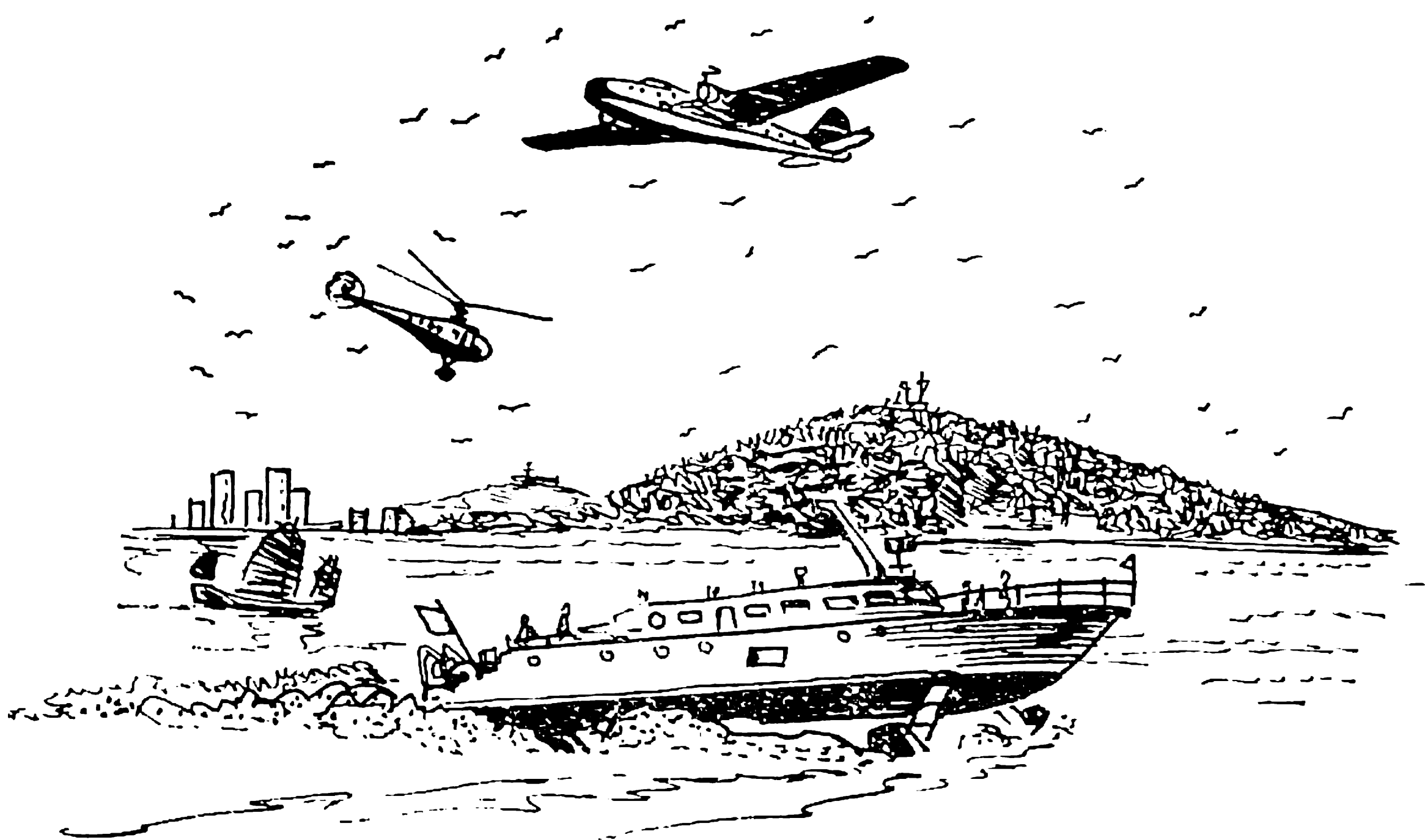
Hotê, pensám co culau,
Sã ganhá unga dinherám.
Sômente nôs di Macau,
Recolê consumiçám!

Cavá virá costa vai,
Macau ficá sossegado;
Ilôtro falá *bai-bai*,
Nôs sentá pussá bafado.

Quim agora vai Ongcông,
Têm «aidofói» pa sentá;
Tentaçám erguí, gong-chông,
Unga istánte chegá.

Si vôs sã mau marinhéro,
Tripa tamêm lô vêm fora;
Más bom sã vai Taraféro,
Buscá fólia di amora.

Cavá lô têm aroplano,
Pa viazá más azinha.
Macau, na roda di áno,
Lôgo olá andorinha.

Chácha quelóra uví,
Nôs pôde aguá alto-alto,
Di susto lôgo xirí,
Lôgo panhá sobressalto.

Cavá lô têm aroplano,
Pa viazá más azinha...

Macau têm quánto casino,
Pa nhum jugá qui enfadá.
Têm clu-clú, fantán co quino,
Têm roléta, bacará.

Jôgo chomá «vinte-um»
Sã perdiçám di Tio Chai;
Tio perdê, ficá murúm,
Prometê nádi más vai.

Tio pensá qui capaz,
Ganhá sapeca di china;
Querê pintura, vêm ás,
Pedí ás, china dá quina.

Tudo ora rabentá,
Sapeca sã vai di vez;
Tio pegá carta rasgá,
Ficá vantú unga mês.

Na vánda di Prai-Grándi,
Nhum di jôgo já erguí
Unga casarám qui grándi,
Co tánto catá-cutí.

Ramendá unga cajola,
Co ninho di bicho-mel,
Ornado co bola-bola,
Enfiado na quant'anel.

Levadôr chomá «Se-leva»,
Têm ora subí azinha,
Têm ora, divéra reva,
Vôs lô pará na cozinha.

Vai salám, pôde bailá,
Sono... vai quarto durmí.
Têm tánqui pa sium banhá,
Têm nhónha pa vêm chipí.

Pa comê nádi faltá,
Restoránte co culau;
Non-têm pôrco bafá-assá,
Têm *chau-min*, arôz cha-cháu.

Si pêsse non-têm sabôr,
Si vôs querê bacalau,
Sã têm-qui 'spera vapôr,
Di Portugal vêm Macau.

Têm bufê pa nôs rufá,
Bífi di um-cento pataca;
Chácha quelóra pagá,
Nôs azinha chomá maca.

Quim fado querê uví,
Vai gudám buscá Galera:
Sium tocá *tilí, tilí,*
Nhónha imitá Severa.

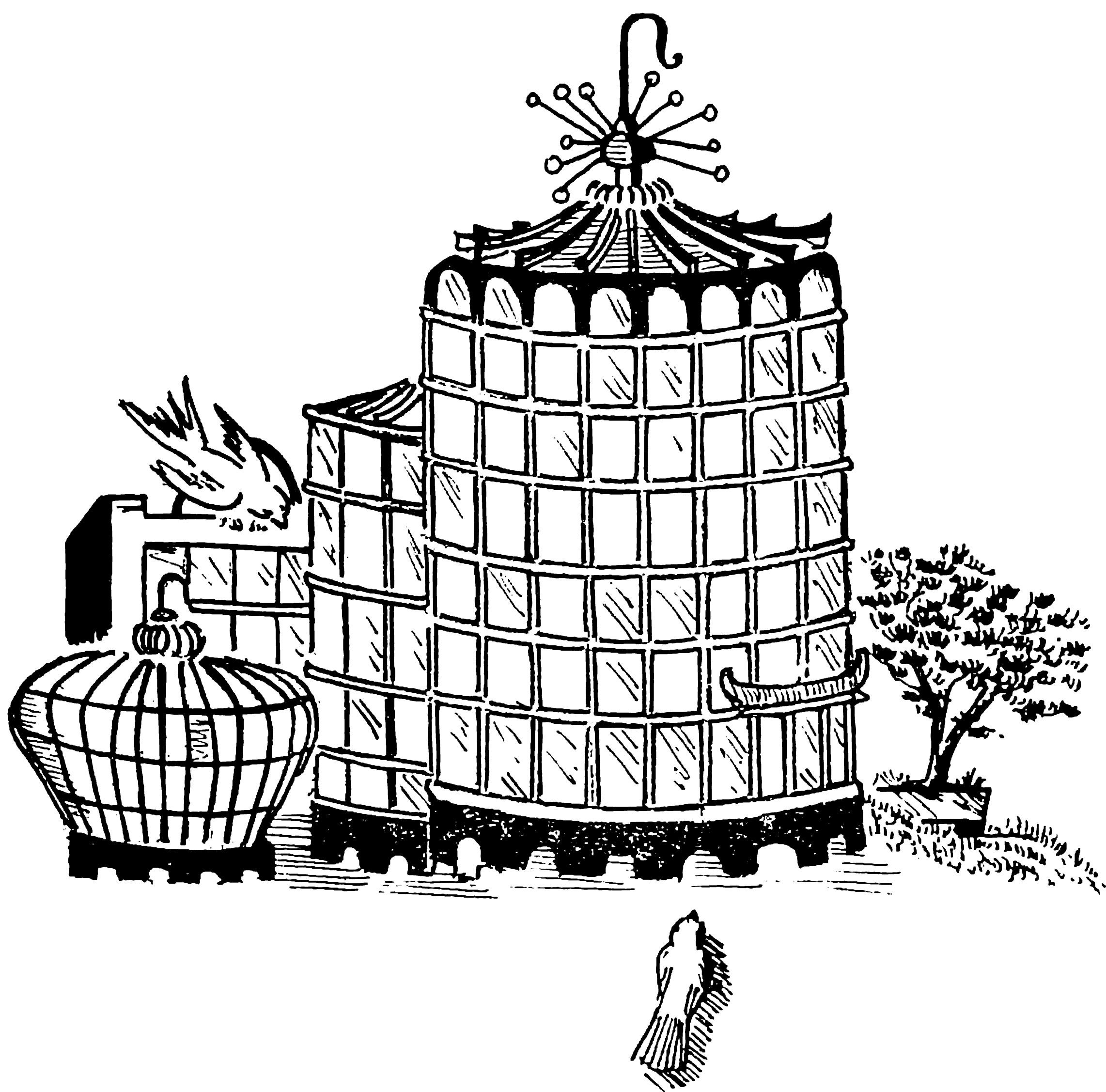
Cantadéra co ôlo preto,
Goelá «Ai, iou-sua mamá»!
Rópa preto, xáli preto,
Fazê nôs fi-fó churá.

Luz fichado, quarto iscuro,
Fazê nhu-nhúm cai co sôno,
Cai testa na bánco duro,
Ficá cara mône-môno.

Na ilarga di Galera,
Têm Cafê Anôte-Dia;
Nho-nhónha namoradéra,
Pegá anôte fazê dia.

Têm tánto pêsse-dorado,
Qui já aguá di Japám;
Pêsse co tánqui juntado,
Custá unga dinherám.

Na vánda di *Fá Chi Ki,*
Têm cachôro ta corê;
Campo azinha inchí,
Môno-môno vai gemê.

Cachôro sai di cajola,
Corê, segui trás di lebre;
Nhu-nhúm isvaziá sacola,
Palpá testa, sentí febre.

Ramendá unga cajola,
Co ninho di bicho-mel...

Tudo fim-fim di semána,
Chácha durmí na janela,
'Sperá Chai co Títi-Mána,
Qui já vai jugá quinela.

Nôs uví gente falá
Qui estunga Companhia
Nunca gostá mesquinhá,
Capaz fazê floristia.

Di tánto querê Macau,
Qui ilôtro ta vai gastá,
Pa bêm di nôsso Macau,
Sapeca qui aqui ganhá.

Quelê tánto já ganhá,
Nádi guardá pa onçôm;
Na Macau lô impregá,
Nádi levá vai Ongcông.

Quánto-cento di turista,
Juntá ráncho, tudo dia,
Vêm Macau insaguá vista,
Pulá di Mónti pa Guia.

Tánto-tánto *a-no-nê*,
Pegá mám, paxá juntado,
Andá rua batê pê,
Olá gênte raganhado.

Turista capaz gastá,
Tudo vánda querê vai,
Tudo ancusa lôgo olá,
Virá mám, sapeca sai.

Jóia-jóia qui comprá,
Lô fazê lembrá Macau.
Rico sã lôgo ficá,
Tánto nhu-nhúm di Macau.

Nôsso Macau sã divera
Qui já sai fora di sério;
Mâs nhum falá nôsso tera,
Sã qualunga cimitério.

Sã vontade malinguá,
Sã onçôm querê bulí.
Quim têm ôlo pôde olá,
Quim vivo pôde sentí.

Govérno cavá pensá
Na mar erguí unga pónti,
Cámara corê orná
Su Senado c'unga fónti.

Cámara azinha abrí
Fónti na dia di Sám Juám.
Gente di susto fuzí,
Pensá mar ta furá chám!

Águ qui fónti isguichá,
Sai co laia-laia côr.
Onçôm sai, onçôm trepá,
Nádi izalá fedôr.

Tánqui na básso ampará
Tud'águ qui ta corê.
Non-mestê nhu-nhúm lembrá
Vai tánqui lavá su pê...

Pónti, masqui-seza grándi,
Na meo di mar lôgo empê.
Subí vánda di Prai-Grándi,
Na Taipa azinha decê.

Co seléa compridám,
Sã têm-qui metê respêto.
Nhum tudo ora abrí chám,
Chuchú fero drêto-drêto.

Si intrá tôrto, qui ramêde,
Nôs lô ficá sim conserto!
Na básso sã mate fêde,
Na riva sã cêu aberto.

Nhum cavá obra, quelóra,
Quim vai Taipa, Coloán,
Nuncassá perdê quant'ora
Sentá china-sua sampán.

Azinha cavá comê,
Repimpado na caréta,
Istendê mám, cuçá pê,
Vai Taipa tirá assésta.

> Nôsso Taipa-Coloán,
> Onçôm já ficá pegado.
> Saiám sã rua têm chám
> Assi tôrto ravirado.

Caréta corê, corê,
Cavalo sã ramendá:
Têm ora subí, decê,
Têm ora non-pôde andá.

> Pa quim querê discansá,
> Choc Van têm unga posada;
> Cavá vai praia banhá,
> Vêm riva, têm patuscada.

Dózi quarto piquinino,
Co sala-jantá chipido;
Nhónha co cintura fino,
Fazê nôs qui divertido.

> Na Taipa, nhu-nhúm falá,
> Govérno más unga áno,
> Pegá montanha cerceá,
> Fazê rua p'aroplano.

Pôrto medónha di grándi,
Ka Ho cavá lôgo têm.
Vapôr quelê grándi-grándi,
Di lóngi sã pôde vêm.

> Quelóra quim vai *Sai Iông*,
> Sã intrá pónti aguá;
> Nôs nuncassá vai Ongcông
> Buscá tune pa cruzá.

Macau inchido di mate,
Vapôr têm ora incaliá.
Mate nunca sã sutate,
Draga sã têm-qui chupá.

Cavá chupá, pinchá fora,
Mar sã lô ganhá fundéza.
Mate cavá vai, tem ora,
Torná vêm co corentéza.

Mate sã unga riquéza
Qui Macau ta cultivá;
Saiám qui estunga beléza,
Ninguim querê vêm comprá.

Nôs lô ficá más janota,
Quelóra inaugurá
Acunga jôgo *Pelota*,
Qui ispanhol capaz jugá.

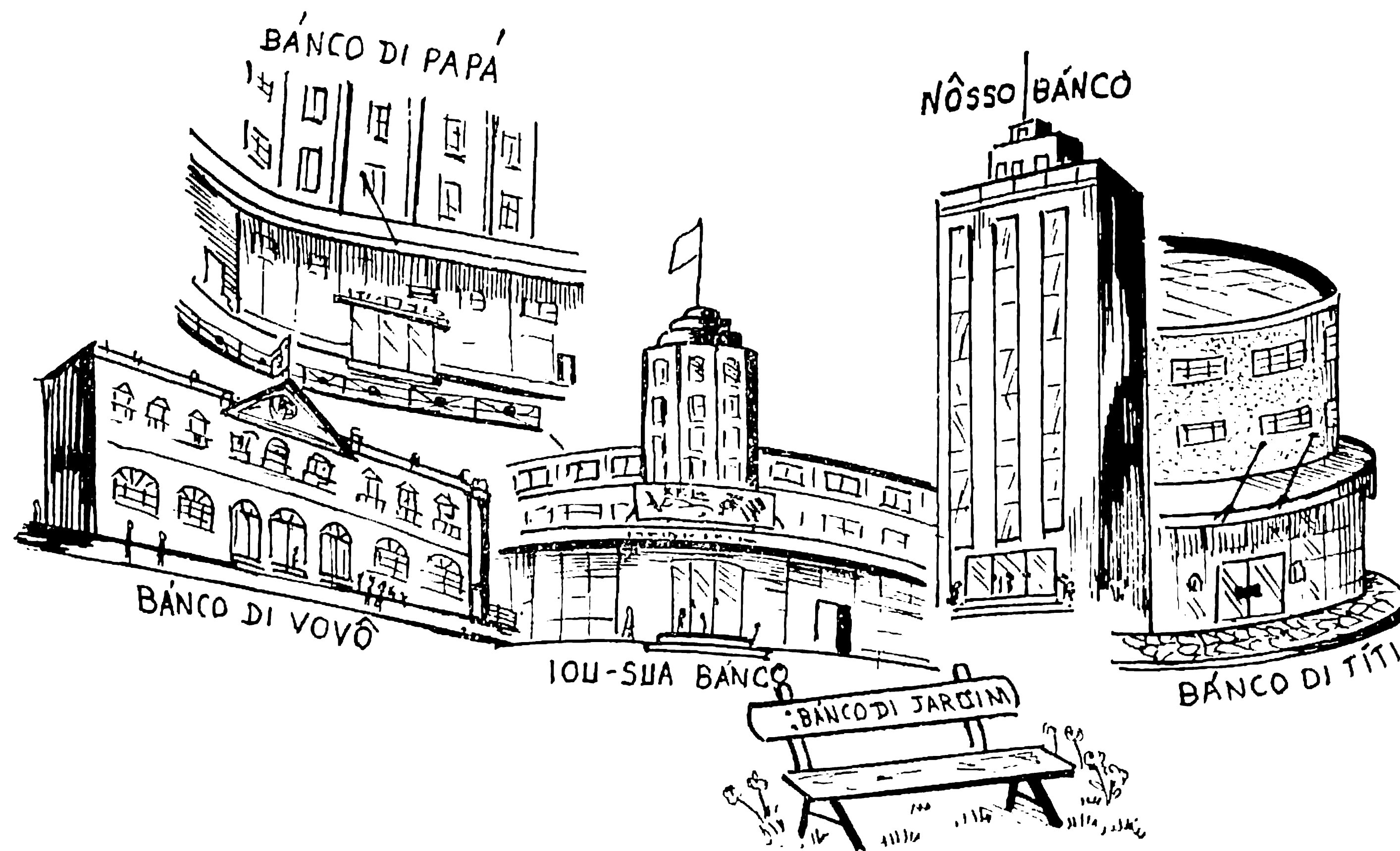
Na Ispánha sã *Jai-Alai*,
Vêm Macau ficá *Pelota*.
Tánto gente lôgo vai
Buscá sórti, cambiá nota.

Bánco grándi, bánco nôvo,
Pa tudo cánto ta abrí.
Nôvo-nôvo, pám-co-ôvo,
Sabroso sã lô sentí.

Bánco qui nôs ta falá,
Nunca sã bánco di pau,
Pa vôs sentá ó orná
Jardim-jardim di Macau.

Sã casa co cófri-fórti,
Qui tánto nhu-nhúm querê;
Nhu-nhúm quelóra têm sórti,
Botá sapeca iscondê.

Lôgo imprestá pa vôs,
Quelóra vôs precisá.
Sabe azinha buscá vôs,
Si vôs isquecé pagá.

Sã, nunca sã bunitéza,
Nôsso Macau di agora?
Tudo vánda sã beléza,
Tudo dia, tudo ora.

Bánco grándi, bánco novo,
Pa tudo cánto ta abrí...

Dotôr pôdre, sobichám,
Tudo dia têm p'olá;
Catavento, camaliám
Qui azinha abundá.

Capaz fazê intriga,
Têm más nhum qui Mariquinha;
Voz manso, zum-zum cantiga,
Ta vendê vôs qui azinha.

Divera sã já crecê,
Já ficá quelê mudado;
Hoze, sempre, tê morê,
Macau sã tera abençoado.

II PARTE

CANÇÕES

QUI NOVA, CHENCHO (*)

Qui-nova, Chencho,
Vôs ta bom, Chencho?
Iou qui tánto tempo
Nunc'olá pa vôs...

Vôs bêm di mau, Chencho,
Fuzí vai, Chencho,
Iou non-pôde,
Iou non-pôde,
Vivo onçôm, sim vôs.

Vêm-cá, vêm-cá, Chencho,
Dessá iou, Chencho,
Palpá vôsso coraçám
Si sã pa iou, non sã...
Vôs sã mau, Chencho,
Sã'nga galo-dôdo, Chencho,
Vôs sã têm qui olá amui.

Repetir —

Qui-nova, Chencho, (etc.)

Vêm-cá, vém-cá, Chencho,
Dessá iou, Chencho,
Palpá vôsso bolsa olá
Si sã vazio, non sã...

Vôs sã mau, Chencho,
Sã 'nga gastador, Chencho,
Vôs sã têm qui olá amui,
Vôs sã têm qui olá amui,
Vôs sã têm qui olá amui-amui.

(*) *Melodia: HELLO, DOLLY.*

BASTIANA

Vôs sã iou-sua amôr, Bastiana,
Tudo lôgo achá,
Iou ta bêm di sério, Bastiana,
Vôs ne-bom brincá.

Coraçám que Dios, Bastiana,
Dá pa iou vivê,
Já fuzí pa vôs, Bastiana,
Cusa más querê?

Fula na janela, Bastiana,
Nunca sã pa iou,
Quim sã filizardo, Bastiana,
Más capaz qui iou.

Chêro di catiaca, Bastiana,
Goiaba ramendá,
Nhum falá cherôso, Bastiana,
Iou ta vumitá.

Álio co sabola, Bastiana,
Vôs ne-bom comê,
Quelóra iou ta perto, Bastiana,
Lô fêde qui morê.

Gato erguí rabo, Bastiana,
Vôs más bom fuzí,
Vôs panhá saván, Bastiana,
Quim lôgo cudí?

Basta di papiaçám, Bastiana,
Vêm-cá nôs dôs vai,
Iou co vôs juntado, Bastiana,
Cusa lôgo sai...

DÓNG DÓNG, SIUM CAPITÁM

Dóng dóng-dóng, dóng-dóng,
Sium Capitám,
Ispada na cinta
Co róta na mám.

Áde ta guní,
Já cai na quintal,
Chácha vêm cudí,
Suzá su avental.

Balichám salgado,
Tacho ta fritá;
Quim pobre-limpado,
Sã chubí pám tocá.

Drêto sã Mui-Mui,
Co róta rutiá;
Nhum olá amui,
Su mám ta cuçá.

Istopôr di Taia,
Unga galo-dôdo,
Nhónha erguí saia,
Taia cai na lôdo.

Fula larangéra,
Noiva sã botá;
Quim fazê asnéra,
Fula lô muchá.

Iou subí na travéssa,
Olá amui co nhum;
Nhum bassá cabéça,
Amui cubrí tudúm.

Mám chipí pê fêde,
Azinha lavá;
Bôlo ficá fêde,
Quim lôgo comprá?

Quim querê pa vôs,
Chico bóca-grándi,
Iou ta dá co dôs,
Asnéra grándi-grándi.

IOU-SUA MAMÃ (*)

Ai, iou-sua mamã, iou-sua mamã,
Ai, iou-sua mamã, iou-sua amada; *(bis)*

Quim têm unga mai têm tudo,
Quim non-têm mai, non-têm nada. *(bis)*

Iou-sua mamã sã unga sánta,
Qui já cartá grándi cruz; *(bis)*
Quim já padecê na tera,
Sã lôgo olá Bom Jesus. *(bis)*

Ai, iou-sua manã, iou-sua mamã,
Ai, iou-sua mamã, iou-sua vida; *(bis)*
Iou sã, mamã, vôsso fila,
Vôsso Maria quirida. *(bis)*

(*) *Melodia: Fado MINHA MÃE.*

CASA MACAISTA (*)

Unga casa macaista, vôs olá,
Têm carinho na pobréza;
Si têm gente batê porta, pôde intrá,
Vêm comê co nôs na mésa.
Gente pobre, gente rico sã gostá
Cativá tudo visita.
Masqui-seza unga casita,
Têm su chiste co alegria,
Tudo ora, tudo dia.

Mésa co toália bordado,
Vaso di fula na chám;
Pisunto-china bafado,
Têm galinha, têm capám;
Porco bal'chám tamarinho,
Vaca chacháu maragoso;
Unga caneca co vinho,
Quánto bebinga sabroso,
Unga casa macaista fazê vista,
Sã fazê vista unga casa macaista.

Siara-siara sabe abrí su coraçám,
Lôgo ri pa tudo gente;
Na janela sã cherá mangericám,
Fazê vôs ficá contente.
Têm biscoito co obrêa na fontám,
Camalénga fêto dóci;
Chá co sucre dóci-dóci
Tudo ora têm na mésa,
Quim querê, fazê fineza.

Mésa co toália bordado (etc.)

(*) *Melodia: CASA PORTUGUESA.*

BALICHÁM NON TÊM (*

Non pôde más ficá dóna di casa,
Tudo quiada azinha batê asa,
Sapeca sã non-pôde isticá,
Tánto ancusa sã nádi comprá.

Sã balichám non têm,
Chíli-missó non têm,
Pêsse sagado non têm,
Fula-papaia non têm,
Vaca co pôrco non têm,
Sabola-mato non têm,
Sômente apetite tudo têm.

Padéro vêm trazê su pám guardado,
Arôz na loja tudo farinhado,
Nôs ta gastá qui tánto dinherám,
Cavá sentá chocá consumiçám.

Sã balichám non têm (etc.)

(*) *Melodia: BACALHAU NÃO HÁ.*

RUA DI BALICHÁM (*)

Na Rua di Balichám,
Têm 'nga botica di *liu-pun*. *(bis)*
Si iou-sua acunga tentaçám,
Bebê qui ficá murúm,
Nôs têm consumiçám. *(bis)*

Quelóra iou consumido,
Sã onçôm cantá, churá. *(bis)*
Mufino, vôs qui divertido,
Tud'ora vai pandegá,
Ficá quelê astrevido. *(bis)*

Quim já buscá estunga vida,
Sã onçôm têm-qui sofrê. *(bis)*
Quelóra vôs chomá quirida,
Sã ora di iou ta morê,
Buscá amôr n'otro vida. *(bis)*

(*) *Melodia: RUA DO CAPELÃO.*

MACAU, TERA GALÁNTE (*)

Macau sã tera galánte,
Di quánto-cento papiaçám,
Tánto nhu-nhúm qui cholido,
Têm nho-nhónha tentaçám;
Macau sã tera galánte,
Têm ora inchido di consumiçám.

CORO:
Uví, nho-nhónha,
Más bom sã nôs vai divertí,
Usá 'nga saia míni, míni,
Dessá ilôtro... bispá;
Qui pôde, tud'ora vai malinguá,
Sentá na casa murúm qui murúm,
Pa rabujá nhu-nhúm.

Macau já ficá qui jóvi,
Co laia-laia inventaçám,
Na rua nad'olá buraco,
Na casa têm televisám;
Macau já ficá qui jóvi,
Pulá macaco
Qui quebrá su chám.

CORO:
Uví, nho-nhónha (etc.)

Macau, já ficá janota.
Um-cento Bánco ta abrí,
Na meo di mar têm unga pónti,
Casarám ta erguí;
Macau já têm su pelota,
Têm unga fónti
Pa nôs divertí.

CORO:
Uví, nho-nhónha (etc.)

(*) *Melodia: LISBOA ANTIGA.*

AZINHA, PANCHITA (*)

N'acunga anôte istrelado,
Co Lua balá, balá,
Iou sã já ficá babado,
Quelóra iou-sua amôr passá.
Amôr passá...

Azinha, Panchita,
Vêm riva olá,
Estunga casita,
Pa nôs dôs ficá;
Têm Lua di riva,
Na básso têm fula,
Azinha vêm riva,
Panchita, iou-sua fula,
Vêm riva olá;
Vêm riva olá!

Qualunga vêla ma-língu
Olá iou co iou-sua amôr,
Já vai badalá su língu,
Qui amôr já perdê sabôr.
Perdê sabôr...

Qui pôde, Panchita,
Onçôm fuzí vai,
Dess'iou na casita,
Olá Lua sai;
Quelóra iou churá,
Fula têm na básso,
Sã lôgo muchá,
Fula têm na básso,
Sã lôgo muchá,
Sã lôgo muchá;
Sã lôgo muchá!

(*) *Melodia: NOITE SERENA.*

ADIOS PA SEMPRI (*)

Nôsso ora azinha chegá,
Iou-sua adios vôs sã têm-qui uví,
Lágri tánto nôs lôgo churá,
Quim di nôs sã lôgo más sentí.

'Stunga adios sã pa sempri, amôr,
Vôs ne-bom isperá iou voltá,
Fila, azinha isquecê 'stunga dôr,
Vôsso vida sã têm qui popá.

Si 'nga dia na cêu nôs olá,
Qui beléza, qui grándi ventura,
Coraçám nádi más separá,
Lôgo vivo co tudo doçura.

(*) *Melodia: ADEUS, ACABARAM-SE OS DIAS.*

CU, CU-RÚ CU-CÚ, NHUM VÊLO (*)

Vêlo qui non-têm juízo,
Vêm tudo dia chomá pa nôs;
Vêlo que sevandizo,
Vêm tudo ora bulí co nôs;
Vôs galo-dôdo mône,
Pensá qui nôs dôs sã cachi-bacho;
Vêlo erguí di sôno,
Co voz rachado di áde macho...

Ai, ai, ai, ai, ai... nhum vêlo,
Ai, ai, ai, ai, ai... garido;
Ai, ai, ai, ai, ai... nhum vêlo,
Vôs ne-bom ficá... cholido.

Vêlo assi careca,
Vêm tudo dia olá po nôs;
Cara di chuchumeca,
Vêm tud'anôte bispá pa nôs;
Nôs nunca sai di orta,
Non sã pipino pa vôsso dente:
Vôs vai batê ôtro porta,
Vai cherá corda, Dóm Juám contente...

Cu, cu-rú, cu-cú... nhum vêlo,
Cu, cu-rú, cu-cú... garido;
Cara di putau... nhum vêlo,
Quim querê pa vôs... cholido.

Cu, cu-rú, cu-cú,
Cu, cu-rú, cu-cú,
Cu, cu-rú, cu-cú...
Nhum vêlo,
Já perdê juízo.

(*) *Melodia: COO COO-ROO COO-COO, PALOMA.*

FILA, UVÍ PAPÁ (*)

Nina, uví vôsso pai falá,
Nunca bom pricipitá...
Fôgo qui vôs ta querê sandê,
Vôsso côrpo pôde ardê.

Coraçám jóvi sentí,
Vôs têm uvido, uví,
Vôs têm ôlo, olá.

Fila, uví papá,
Fila uví, papá falá,
Fila, uví papá,
Fila uví, papá falá.

Papá ne-bom sentá rabujá,
Fila sã querê casá.
Génio sã mau pa vôsso pressám,
Papá, qui-foi vôs vilám.

Coraçám sã pa sofrê,
Quim di amôr morê,
Nádi barafustá.

Nina querê casá,
Nina querê, querê casá,
Nina querê casá,
Querê casá, lôgo casá.

(*) *Melodia: SERENATA DE SCHUBERT.*

ABRÍ VÔSSO CORAÇÁM (*)

Abri vôsso coraçám,
Dessá iou-sua amôr intrá,
Non-mestê vôs, tentaçám,
Pegá na iou martizirá.

Ficá quente, coraçám,
Pa dessá estunga amôr,
Qui non-têm comparaçám,
Vai dentro pa panhá calôr.

Quim divera sã querê,
Dia intero padecê,
Lágri tánto lô churá,
Tristéza tánto lôgo achá.

Iou assi disesperado,
Vivo onçôm martirizado,
Fila azinha co dôs mám.
Abrí vôsso coraçám.

(*) *Melodia: ALWAYS IN MY HEART.*

SÔMENTE UNGA VEZ (*)

Iou sômente unga vez,
Querê divéra,
Iou sômente unga vez,
Amôr sentí,
Unga vez iou querê
Vôsso bêço tocá co ternura,
Pa su dóci sabôr
Iou-sua bêço tud'ora guardá.

Iou sômente unga vez,
Pedí unga ucho,
Vôs negá, fazê iou
Sofrê di amôr,
Quánto lágri amargo
Têm ora vazá d'iou-sua ôlo,
Quánto más lôgo pôde
Sofrê unga coraçám.

(*) *Melodia: SOLAMENTE UNA VEZ ou YOU BELONG MY HEART.*

CAVALO NA MATO (*)

Cavalo na mato,
Caubói montá,
Corê, corê,
Quim ta buscá?
Revólvi na mám,
Nhum ta pontá,
Nhónha perdê,
Quim já rubá?

Bigode mau,
Cartá, fuzí,
Nhónha churá,
Quim pôde uví?
Su pê-mám marado,
Sofrê assi,
Nhónha gritá,
Quim vêm cudí? (bis)

Su nhum namorado,
Azinha olá,
Revólvi na mám,
Já disparà!
Bigode mau,
Tamêm pontá,
Bala vai-vêm,
Lôgo matá.

Acunga mau,
Já cai na chám...
Nhum vai salvá
Su coraçám.
Cavalo na mato,
Pulá, pulá,
Nhónha co nhum
Bezá, bezá.

(*) *Melodia: YOUR CHEATIN' HEART.*

IOU QUELÓRA VÊLO (*)

Iou quelóra vêlo, vôs
Lôgo têm na lembránça;
Iou quelóra vêlo, sã
Vôs lôgo têm pa lembrá.

Vêm-cá nôs dançá,
Chapá coraçám;
Quelóra iou ta vêlo, sã
Vôs lôgo têm pa lembrá.

Iou quelóra vêlo, sã
Lô lembrá vôsso rôsto;
Iou co pê na cova, vôs
Sã lôgo têm pa lembrá.

Amôr, dessá iou
Pegá vôsso mám;
Quelóra iou ta vêlo, sã
Vôs lôgo têm pa lembrá.

(*) *Melodia: WHEN I GROW TOO OLD TO DREAM.*

JÁ CAI NA PUTAU (*)

«Fila, vôs non-mestê
Dessá nhum chapá, chapá»...
Si já uví mai falá,
Hoze nádi padecê.

Más iou sã já cai
Na putau pa ficá
Qui galánte, ramendá unga balám;

Iou sã já vai
Buscá sarna cuçá,
Têm-qui agora sofrê consumiçám.

Meno olá
Cusa vôs já fazê...
Iou sentí non-têm chiste di vez,
Iou sã más bom corê,
Vai chomá,
Mamã perdoá pa iou!

Tánto asnéra fazê,
Nôs sã têm-qui agora uví...
Nunca bom vôs fuzí,
Dessá iou onçôm sofrê.

Mâs iou sã já cai
Na putau pa ficá
Qui galánte, ramendá unga balám;

Iou sã já vai
Buscá sarna cuçá,
Têm-qui agora sofrê consumiçám.

Meno olá
Cusa vôs já fazê...
Iou sentí non-têm chiste di vez,
Iou sã más bom corê,
Vai chomá,
Mamã perdoá pa iou,
Mamã perdoá pa iou.

(*) *Melodia: KISS ME GOODBYE.*

CHUPÁ, CHUPÁ, CHUPÁ(*)

Nôs sã unga rebuçado,
Quelê adòcicado,
Qui vôs quelê gostá,
Chupá, chupá, chupá!

Nôs têm unga pám-di-casa,
Redondo como bola,
Qui vôs quelê gostá,
Pruvá, pruvá, pruvá!

Nôs têm dôs almofada,
Más fôfo qui pánha;
Nôs sã unga bebinga,
Más dóci qui sucre.

Nôs sã tudo ancusa,
Qui vôs, disesperado,
Querê qui tánto ora,
Pruvá, pruvá, pruvá;
Chupá, chupá, chupá!

(*) *Melodia: QUIZAS, QUIZAS, QUIZAS.*

PASTRO VÉRDE (*)

Pastro vérde na telado,
Ta cantá pa su amôr,
Su cantiga adòcicado,
Têm qui tánto bom sabôr.

Vêm-cá básso ensiná
Iou cantá pa iou-sua amór,
Non-mestê vôs ricusá,
Pastro vérde, istopôr.

Quim cantá assi bem-fêto,
Coraçám sã lô pulá,
Lôgo sai di nôsso pêto,
Nôsso amada vai chomá.

Pastro vérde na telado,
Vôs ne-bom martirizá;
Vôsso voz adòcicado,
Imprestá pa iou cantá.

(*) *Melodia: SPRINGTIME IN THE ROCKIES.*

BÊM QUIRIDO (*)

Iou-sua bêm quirido,
Coraçám dá pa iou,
Vêm suprá na uvido,
Vôs querê sô pa iou.

Dessá vôsso rôsto,
Iou-sua ôlo guardá,
Lágri têm mau gôsto,
Vôs ne-bom churá.

Vôs quelóra triste,
Iou más triste ficá;
Vida non-têm chiste,
Coraçám lô fichá.

Quim di amôr sofrê,
Ninguim más qui nôs dôs,
Vôs pa iou querê,
Iou querê sô pa vôs.

(*) *Melodia: LET ME CALL YOU SWEETHEART.*

DÁ SU CORAÇÁM (*)

Rico sã sapeca lôgo têm,
Tudo ancusa sã pôde achá;
F'licidade pôco têm,
Ôro sã nádi comprá.

Pobre, filo-filo tánto têm,
Más filiz têm ora lô sentí;
Alegria sabe vêm
Coroçám inchí.

Iou sã pobre, vôs pôde olá,
Más non-têm qui unga coraçám,
Sempri quente pa guardá,
Vôsso amôr co estimaçám.

Fila, vôs azinha respondê,
Iou-sua vida têm na vôsso mám;
Quim divéra sã querê,
Dá su coraçám.

(*) *Melodia: TILL WE MEET AGAIN.*

MUFINO TA TREPÁ (*)

Quim pôde vêm cudí iou,
'Stunga pê móli-móli ta cai,
Acunga pinga qui iou
Já dále onçôm,
Mufino, ta trepá...

Quelóra iou pará
Na cáno ó na chám,
Vôs azinha vêm
Corê cudí iou,
Mufino, ta trepá.

Quim pôde vêm cudí iou,
Cabéça qui grándi já ficá,
Acunga pinga que iou
Quelóra tomá,
Mufino, ta trepá...

Chám na básso di pê,
Azinha ta fuzí,
Qui ramêde, iou
Non-pôde andá,
Mufino, ta trepá.

(*) *Melodia: SHOW ME THE WAY TO GO HOME.*

AI QUE SAIÁM (*)

Ai qui saiám,
Vivo sim amôr,
Ai que saiám,
Ai que grándi dôr,

Iou assi chistosa,
Iou sabe custurá,
Bêm di jetosa,
Iou pôde cuzinhá.

Ai qui saiám,
Têm-qui vivo onçôm,
Ai qui saiám,
Sim unga gong-gông,

Tud'ora triste,
Dôi iou-sua coraçám,
Sã non-têm chiste,
Ai qui saiám.

(*) *Melodia: DYLI SAYON.*

MANO JÁQUI (*)

Mano Jáqui, mano Jáqui,
Ta durmí, ta durmí,
Sai di cama azinha,
Sai di cama azinha,
Vêm aqui, vêm aqui.

Mano Jáqui, mano Jáqui,
J'acordá, j'acordá,
Cusa vôs sunhá,
Cusa vôs sunhá,
Vêm contá, vêm contá.

Mano Jáqui, mano Jáqui,
Já sunhá, já sunhá,
Qui su gato branco,
Qui su gato branco,
Já fuzí, já fuzí.

Mano Jáqui, mano Jáqui,
Ta churá, ta churá,
Já perdê su gato,
Já perdê su gato,
Quim j'achá, quim j'achá.

Mano Jáqui, mano Jáqui,
Já pegá, já pegá,
Su gato agreste,
Su gato agreste,
J'aranhá, j'aranhá.

Mano Jáqui, mano Jáqui,
Vai durmí, vai durmí,
Isquecê su gato,
Isquecê su gato,
Ding, deng, dóng,
Ding, deng, dóng.

(*) *Melodia FRÈRE JACQUES.*

SIUM MACHADO CO DÓNA MANELA

SIUM MACHADO CO DÓNA MANELA

(Versos lidos no jantar de despedida oferecido ao Coronel José Luís Machado, no Hotel Lisboa, em Macau, no dia 16 de Dezembro de 1972)

Hoze sã festa di gala,
Nunca-sã cha-chau, la-lau.
Iou sã têm-qui botá fala,
Papiá língu di Macau.

Cabéça-grándi di festa,
Sã qui tánto «sinhô-dom».
Sium ficá abela-mestra,
Nôs têm-qui ficá gong-gông.

Iou-sua unga «dear friend»,
Cunvidá iou vêm papiá.
Telefón tocá «te-lém, te-lém»,
Iou non-pôde iscapá.

Tudo pagá adiantado,
Pa non-têm consumiçám.
Sium unchinho discunfiado,
Mêdo nôs lô ferá cám!

Tánto nho-nhónha co nhu-nhúm,
Já inchí 'stunga salám.
Quim triste, ficá murúm,
Quim comê, soltá calçám.

Quim comê qui ravirá,
Fijám qui já vêm di cave,
Lô chomá siara falá:
—Uví, iou já perdê chave!

Nho-nhónha já janotá,
Co rópa di figurino.
Pintá cara, bacará,
Bêço c'ôlo ficá fino.

Anêl lustro, grôsso-grôsso,
Na dedo fino ta cai.
Parabiça na piscôço,
Fazê nôs ficá cacai.

SIUM MACHADO CO DÓNA MANELA

(Versos lidos no jantar de despedida oferecido ao Coronel José Luís Machado, no Hotel Lisboa, em Macau, no dia 16 de Dezembro de 1972)

Hoze sã festa di gala,
Nunca-sã cha-chau, la-lau.
Iou sã têm-qui botá fala,
Papiá língu di Macau.

Cabéça-grándi di festa,
Sã qui tánto «sinhô-dom».
Sium ficá abela-mestra,
Nôs têm-qui ficá gong-gông.

Iou-sua unga «dear friend»,
Cunvidá iou vêm papiá.
Telefón tocá «te-lém, te-lém»,
Iou non-pôde iscapá.

Tudo pagá adiantado,
Pa non-têm consumiçám.
Sium unchinho discunfiado,
Mêdo nôs lô ferá cám!

Tánto nho-nhónha co nhu-nhúm,
Já inchí 'stunga salám.
Quim triste, ficá murúm,
Quim comê, soltá calçám.

Quim comê qui ravirá,
Fijám qui já vêm di cave,
Lô chomá siara falá:
—Uví, iou já perdê chave!

Nho-nhónha já janotá,
Co rópa di figurino.
Pintá cara, bacará,
Bêço c'ôlo ficá fino.

Anêl lustro, grôsso-grôsso,
Na dedo fino ta cai.
Parabiça na piscôço,
Fazê nôs ficá cacai.

Tánto di ilôtro qui cedo,
Corê vai lavá cabéça,
Cabêlo cherá azêdo,
Sã lô impestá travéssa.

Sôc-sôc sã nádi cherá,
Pramicedo, já banhá.
Si porta nunca fichá,
Onçôm lôgo cunstipá.

Nhu-nhúm ta barafustá,
Olá tánto 'stravagáncia;
Sentí bolsa isvaziá,
Coraçám pulá di ánsia.

Títi chomá Tio Anáno
Ne-bom susto, gurunhá;
Lembrá qui estunga áno,
Têm tréze mês pa ganhá.

Paga d'estunga Natal,
Sã Tio nádi más olá:
Pirú guní na quintal,
Ta vai pa forno assá.

Nôs hoze vêm aqui,
Nunca-sã pa pandegá;
Nôs sã vêm pa dispidí,
Unga casal ta churá.

Sium Machado co su siara
Ta virá vai Portugal.
Vapôr cavá virá Bara,
Ninguim lôgo falá mal.

Ilôtro dôs sã bom gente,
Qui non-têm imposturice.
Tudo ora mostrá dente,
Papiá co nôs, fazê chiste.

Sium quelóra vêm Macau,
Têm posto di capitám.
Nunca vai Bica Lilau,
Bebê ágn-tentaçám.

Sã assi qui nádi ficá
Na Macau pa vida intéro.
Ilôtro ta imbarcá,
Na dia três di Janéro.

Sium vêm Macau capitám,
Vai cor'nel condecorado.
Ombro di tánto galám,
Qui já ficá intortado!

Dóna Manela, su siara,
Torá francês, qui capaz.
Sium têm ora fazê cara,
Sentí qui «ne comprend pas».

Ilôtro quelóra vêm,
Macau bêm di antiquado;
Modernismo sã non-têm,
Casa chipido-chapado.

Nôsso Macau di agora,
Qui janota já ficá.
Tudo lado, tudo ora,
Tánto ancusa têm pa olá.

Sium Machado co su siara,
Tudo ancusa já olá,
Di Porta-Cérco pa Bara,
Di Mónti atê Mong-há.

Cavá vai, lôgo churá,
Sempre lembrá co saudade,
Di gente qui estimá,
Co assi grándi amizade.

Sium sã nádi isquecê
Di ténis qui assi gostá;
Pegá raquéta corê,
Pegá espada pinchá.

Siara quelóra querê
Saboriá arôz cha-chau,
Su cartéra lô gemê,
Na Restoránti Macau.

Vosôtro ne-bom isquecê,
Vai cais-vapôr dispidí.
Lágri tánto si corê,
Águ di mar lô inchí.

Iou-sua estunga papiaçám,
Sã sermám incomendado,
Pa nhu-nhúm di cumissám,
Qui ta sentá regalado.

Qui-foi iou já aceitá?
Sã questám di amizade.
Vosôtro lô disculpá,
Si iou sã bafo di áde.

Fora di tudo chalaça,
Tudo gente, vêm-cá nôs
Erguí nôsso taça-taça,
Pa bebê pa ilôtro dôs.

Saúde, nôs desezá
Pa famila di Machado,
Pedí Dios pa ilôtro dá,
Viaze bom, abençoado.

SIUM VILASCO NA MACAU

SIUM VILASCO NA MACAU

(Versos lidos no jantar de despedida oferecido ao Major Eduardo Velasco, no Hotel Estoril, em Macau, no dia 16 de Outubro de 1972)

Dessá iou contá 'nga história,
Pa vosôtro intretê.
Non-pôde botá na fólia,
Puliça lôgo prendê.

Nunca-sã inventaçám,
História qui iou vai contá.
Pôde sã qui tentaçám,
Fazê iou izagerá.

Cinco ano já passado,
N'unga manhã di Otono,
Unga sium, calá-calado,
Co jêto di môno-môno,
Largá siára na *Sai Iông*,
Tomá aropláno aguá,
Vêm Macau onçôm-onçôm,
Buscá sarna pa cuçá.

Macau justo já cavá
Parabiça di *chau-min*.
Festánça ta começá,
Grandéza qui non-têm fim.

Nôsso Taipa co Coloán,
Azinha ficá pegado;
Rua, unga cumpridám,
Co chám tôrto-ravirado.

Tudo vánda, casarám,
Co tánto piscôço d'áde.
Fábrica, unga montám,
Ti-Vi trazê nuvidade.
Rua quebrado-quebrado,
Abrí pa chu-chú fio-fio.
Luz elétrica danado,
Fazê nôs sandê pavio.

Aqui sã pónti cumprido,
Alivanda, sã hotêl.
Nôs tudo sentí metido,
N'unga Tóri di Babêl.

Sium, qui justo já chegá,
Pensá Macau sã qui grándi.
Sai di Bara, vai Mong-há,
Azinha têm na Prai-Grándi.

Vai pa riva, Porta Cérco,
Pa Bara, torná já vêm.
Intrá-sai qui tánto béco,
Meo-ora tamêm non-têm.

Acunga sium sã chomá
Dado Belico Vilasco.
Nho-nhónha gostá chomá
Major chistoso Dom Vasco.

Êle sã bêm di brejero,
Capaz bulí co nho-nhónha.
Mám ligéro qui ligéro,
Ôlo capí sim vegónha.

Dadinho cavá chegá,
Azinha vai *San Ma Lu*
Olá si pôde panhá
Nairo vivo co taulú.
Rua justo ta lameado,
Sium faltá unchinho cai.
Rópa já ficá mulado,
Nairo virá fugí vai.

Tánto nho-nhónha di Macau
Sentí sium bêm di chistoso.
Sium, quelóra nunca mau,
Vírá ficá bulicioso.

Títi olá sium passá,
Coraçám pulá, batê;
Corpo intéro balá,
Babo na bóca corê.
Tio atacá ciumidade,
Fichá Títi na saguám;
Títi panhá humidade,
Ficá co cunstipaçám.

Sium gostá vestí janota,
Olá nhónha, bulí mám.
Capaz contá anedota,
Pa nôs ri qui cai calçám.

Dado chegá na Macau,
Capitám sã su posto.
Nunca vai Bica Lilau
Bebê águ, tomá gosto.

Já trepá unga degrau,
Ficá major Comandánte
Di tánto puliça-pau,
Chang-kêng co tudo rondánte.

Siara uví nuvidade,
Di pescaria di sium,
Co tudo su liberdade,
Já virá ficá murúm.

Unga dia, pramicedo,
Vilasco sentí galánte:
Sai di cama, mêdo-mêdo,
Olá su siara na diánte!

Sórti que êle, divera,
Sã modélo di casado.
Si nunca fazê asnéra,
Sã nádi ficá ferado.

Co su raquéta di ténis,
Quelê capaz intretê.
Quelóra ta jugá ténis,
Azinha lôgo dôi pê.
Dále qui dále co fórça,
Su bola ficá ching-cháng.
Sium azinha perdê fórça,
Dobrá joêlo, cai na chám.

Cinco ano assi bom,
Sium qui tánto amizade
Já angariá pa onçôm,
Di quánto cento beldade.

Quelóra sium imbarcá,
Cais lôgo ficá chipido;
Di tánto gente churá,
Mar têm-qui ficá inchido.
Nôs nuncassá dragá
Porto-nôvo, unga mês.
Lágri qui tudo churá,
Fazê mate vai di vez.

Cavá partí di Macau,
Lôgo ficá transtornado.
Si sã comê bacalau,
Pensá sã pêsse-sagado.

Menina, traz-me o «min-pau»,
Fai-ti, fai-ti câm fai-fai!
Serve-me já o «chau-chau»,
Chá tó-tó, siu-siu ngau-nai!

Quiada sã lô pensá,
Qui patrám já ficá dôdo;
Qui língu sium ta papiá,
Qui ramendá môro-gôrdo.
Siara lôgo intendê,
Qui su sium ta falá china,
Qui na Macau j'aprendê,
Co ôtro laia di «menina».

SIUM BARBOSA

SIUM BARBOSA

Versos lidos no jantar de despedida oferecido ao Capitão-de-fragata Manuel de Sousa Barbosa, no Hotel Estoril, em Macau, no dia 5 de Dezembro de 1970)

N'unga manhã, pramicedo,
Sium Barbosa já chegá;
Macau intéro, qui cedo,
Olá sium disembarcá.

Têm dôs ano justo-justo,
Sium pisá chám di Macau.
Azinha vai tirá susto,
Bebê águ di Lilau.

Gente di Macau sã crê:
Quim vai Bica di Lilau
Panhá su águ bebê,
Nádi más sai di Macau.

Águ já panhá saván,
Qui nunca fazê efêto;
Buricido di locán,
Lavá Bica qui mal-fêto.

Sã assi qui sium agora,
Fichá dôs ano na-más,
Ta querê fuzí vai fora,
Pa dessá Macau pa trás.

Sium quelóra aqui chegá,
Já buscá consumiçám;
Tanto nho-nhónha pensá,
Qui êle sã solterám.

Êle nunca sã soltéro,
Têm siara na Portugal;
Nunca sã pantominéro,
Vôs ne-bom intendê mal.

Sium onçôm já declará
Qui sã casado, bom filo.
Siara nom pôde cartá,
Têm qui olá pa su filo.

Nho-nhónha falá Barbosa
Sã unga sium qui chistoso;
Su ôlo ramendá rosa,
Su corpo bêm di cheroso.

Masqui-seza assi pichote,
Macau têm dôs pôrto grándi:
Unga na dentro pa bote,
Otrunga pa vapôr grándi.

Nôsso sium sã Capitám
Di dôs pôrto di Macau;
Quelóra têm confusám,
Sium têm qui pagá patau.

Êle sã bêm di capaz,
Tudo ancusa sabe olá:
Qui di diánte, qui di trás,
Su ôlo nádi iscapá.

Desde qui sium têm aqui,
Pôrto qui fundo ficá.
Mate qui tirá d'ali,
Quánto mar pôde intulhá!

Nôs-sua riquéza sã mate,
Mas ninguim querê comprá;
China falá têm bagáte,
Qui-cusa fazê dragá?

Puliça-mar co locán,
Nom pôde más di contente,
Já falá qui su patrám,
Fazê ilôtro ficá gente.

Macau desde que êle têm,
Nunca más j'olá tufám;
Tufám nunca astrevê vêm,
Medo nôsso Capitám.

Nôsso sium capaz corê,
Bêm di jóvi jugá bola.
Vêm Macau, sium já prendê
Bebê Rum co Coca-Cola.

Pa cantá tamêm têm dôm,
Sábe quánto-cento fado...
Masqui-seza desintôm,
Sium nádi causá enfado.

Na Macau, onçôm-onçôm,
Tud'ora lembrá su gente,
Capaz corê vai Ongcông,
Comprá qui tánto pisente.

Cavá voltá vai Sai Iông,
Sium Barbosa, Capitám,
Nádi más sintí onçôm,
Nádi vivo solterám.

Quelóra lembrá Macau,
Sium Barbosa, comovido,
Lô inchí unga putau,
Di lágri curto-cumprido.

Nôs aqui sã lô lembrá
Di sium co tánto saudade;
Sium non-mestê vôs churá,
Vôs têm nôs-sua amizade.

Lembrá dôs regra isquevê,
Pa tudo amigo-amigo.
Macau sá nádi isquecê,
Di sium, su grándi Amigo.

III PARTE

CONTOS EM PROSA

SIUM LOPES CO SU NHÓNHA

Iou-sua amigo Lopes têm unga nhónha bêm di chistosa; quelê querê pa êle. Estunga nhónha sã siara di gente... têm marido, j'olá? Nunca sã pa istranhá, sã nunca? Ilôtro falá sã moda!

Unga anôte, justo Lopes já vai gafinhá acunga tentaçám, queló-ra ilôtro dôs entretido ta conversá, iou chapá co vôs, vôs bulí co iou, mám aqui, pê ali — vosôtro pôde imaginá, nhum brejéro juntado co nhónha garida, qui-cusa lôgo sai — di-repente uví gente batê porta.

—Ai, credo! Qui ramêde! Sã iou-sua marido! — nhónha gritá.— Vôs azinha iscondê!

—Iscondê? Vai únde iscondê, demónia? — Lopes priguntá.

—Ali, bôbo, na riva di acunga armário-di-ropa!

Demónio di Lopes, masquí volontrôm, ramendá unga nhum jóvi pegá na cadéra, onçôm trepá.

Intremente nhónha ta consertá cabêlo, pussá rópa bem-fêto pa vai abrí porta, iou-sua amigo Lopes qui azinha já têm na riva di armário, estendido di cumprido, ramendá unga tábu di istricá rópa.

Nhónha abrí porta, unga nhum manso-manso já intrá. Cavá vêm dentro sentá, sabroso conversá, chapá vai, chapá vêm, iou ri, vôs ri, acunga par qui ramendá dôs passarinho.

Lopes barbero-bafabo, querê sabe qui-cusa acunga dôs ta fazê. Sã assi qui já sai cabéça unchinho fora pa bispá.

Sánto-Pai! Cavá dá unga rabiadela, dá más unga, olá bem-fêto, Lopes já discobrí qui acunga nhum nunca-sã marido di su «cacatua». Estunga tentaçám, vosôtro olá, têm dôs gong-gông! Tamêm nunca-sã pa istranhá... Sã moda, j'olá?

Justo Lopes ta querê decê di armário pa vêm básso pilizá, pegá nhónha iscabelá, torná uví batê porta!

—Ai, credo! Qui ramêde! — nhónha gritá. — Sã iou-sua marido! Vôs azinha iscondê!

—Iscondê na únde! Na qualunga buraco?

—Ali, istopôr! Na básso di acunga armário-rópa!

Sórti que estunga gong-gông sã bêm di magro. Onçôm estirá na chám, bulí-bulí su côrpo, qui azinha já cachipiá na básso di armário.

Qui bom olá: Lopes, tôrto-ravirado na riva di armário, calado ramendá unga rato; otrunga mông, capido na básso di armário, ramendá unga barata pisado; tudo dôs non-pôde sai bafo; nádi astrevê respirá.

Ah! Estunga vez, Lopes nuncassá sai cabeça pa olá; quelóra êle uví voz conversá, qui azinha sabe qui estunga nhum sã divera marido di nhónha.

Iou sã têm-qui explicá qui estunga marido mônο sã bêm di biato. Sã gente di batê pêto, j'olá? Tudo ora lembrá Dios! Quelóra têm trapalaçám, si têm consumiçám, sã Dios qui lôgo ajudá; dôi bariga, chomá Dios ajudá; non-pôde chegá sapeca, Dios lôgo dá; tudo ancusa, sã lembrá Dios.

Bom, siara co marido já sentá, ta conversá, sã Lopes co otrunga gong-gông têm-qui uví...

—Vôs sabe?—siara falá. —Nôsso vizinho divera bom. Justo já comprá unga par di sapato nôvo co méa di séda pa su siara... Iou qui sã más coitado! Tudo sánto dia sã rustiá unga sapato vêlo di quánto ano...

—Dessá vai! — marido virá respondê. — Acunga qui têm ali-riva lôgo dá tánto méa di seda co sapato nôvo pa vôs.

Quelóra papiá, virá ôlo tentá cêu. Siara torná papiá:

—Vôs sã assi falá! Mês passado, vizinho já comprá quánto rópa nôvo pa su siara. Iou qui sã coitado! Quánto seclo nunca achá unga saia nôvo...

Torná virá ôlo tentá cêu, nhum falá:

—Ficá discansado, fila! Acunga qui têm ali-riva tamêm lôgo dá tánto rópa nôvo pa vôs. Lôgo dá rópa qui vôs nádi têm tempo pa usá. Ah! Lôgo dá, lôgo dá!

Siara ta começá finzí churá:

—Aia, via-na! Vôs tudo ora vêm co estunga lénga-lénga! Iou sã non-têm nada! Vôs sã unga marido di jagra!... Olá, siara di vizinho ta andá quelê enjoiado... Iou unga pulséra pôdre tamêm non-têm...

—Fila, fila! Uví iou falá! Nunca-bom dizesperá! — Agora, ta tentá cêu, fazê ramatá Pádi-Filo. — Acunga qui têm ali-riva lôgo dá tudo jóia-jóia qui vôs querê. Nunca sã sômente jóia, sapato, rópa... Lôgo dá unga capa di pêlo, si vôs querê; unga caréta nôvo, si vôs querê... Non-mestê sentá churá, fila. Tudo ancusa qui vôs querê, acunga qui têm ali-riva lôgo dá!

Rapaz di Dios! Lopes na riva di armário ta fazê cónta!... Quelóra uví nhum boquizá capa di pêlo, caréta nôvo, tudo ancusa, sã têm-qui subí ánsia!

Geniado qui non-pôde más, sai tudo cabeça fora di armário, priguntá:

—Uví, amigo! Acunga istopôr qui têm ali básso... nuncassá dá nada?

PANELA DI QUARTÊL

Sium Capitám justo ta sentá na cartéra isquevê, uví gente batê porta di su quarto.

—Sã quim!

—Sã iou, 29, Sium Capitám.

—Pôde intrá! Qui-cusa vôs querê?

—Sium Capitám, nôsso ranchéro chomá iou vêm falá qui acunga panela di quartêl têm su fundo rôto.

—Rôto nunca sã rôto-ia?...

—Sium Capitám! Panela co fundo rôto, sã tudo sópa lôgo corê na chám! Sã más bom levá vai tambá...

—Ah, bom! Vôs levá vai tambá.

—Iou? Sã unga panelám grándi qui grándi! Quelê-môdo iou onçôm lôgo cartá?

—Sã divera! Chomá 34 vai juntado co vôs!

—Pronto, Sium Capitám!

Justo 29 ta fazê continéncia pa virá vai, Sium Capitám torná chomá êle:

—Uví! Siara di nôsso tenénte Silva ta incomodado. Quelóra vôs passá su porta, vai dentro, falá iou querê sabe si siara já ficá bom nunca...

—Pronto, Sium Capitám!

*

Acunga dôs diabo, 29 co 34, cavá priguntá nova di siara di tenénte Silva, cavá cartá panela di quartêl vai tambá, tentaçám, já lembrá vai botica dále dôs copo, pa mulá garganta. Di dôs, já virá pa quatro, di quatro pulá pa oito... Más unchinho ora, sã non-sabe quelê-môdo pará...

Passado cinco ora tempo, voltá pa quartêl, acunga dôs demónio já ficá língu marado, andá más tôrto qui unga bote na tufám.

Pum, pum, pum!—porta di quarto di capitám ta batê.

—Sã quim!

—Sã iou... 29!

Demónio azinha intrá, perna cang-cáng, rópa tôrto-ravirado, co boné caído na testa.

—Cusa vôs querê! Qui-cusa já sucedê?

—Iou... iou... nunca sucedê nada, Sium Capitám... Iou sã já vêm di panela, j'olá?

—Qui-cusa? Sômente agora voltá?

—Ah, bom... Capitám sabe... iou co 34...

—Calá bóca! Nuncassá explicá! Quatro passo pa trás! Falá! Azinha!

Quelóra Sium Capitám goelá, 29 começá tremê, pegá pê fazê mám, pegá mám fazê pê, virá respondê:

—Sium Capitám, nôsso panela mandá gradecê vôs co tudo vôsso cuidado... êle falá qui já passá unga anôte quelê aliviado...

—Panela? Qui-cusa já sucedê co siara di nôsso tenénte Silva? Falá azinha!

—Ah, estunga... —29 respondê. — Estunga têm su fundo quelê gastado, j'olá? Sã ta precisá unga fundo nôvo...

LIVRO DI FÓLIA VÉRDE

—Uví, Pedro, únde têm acunga livro co fólia vérde na fora, qui avô já dá pa vôs?

—Iou já dá Jorge pa levá guardá.

—Azinha vai pedí.

—Pa fazê qui-cusa?

—Pa dessá tia Carlota olá acunga pintura di hóme qui ta caçá pastro-pastro.

—Uví, vôs sabe? Coitado nôsso Clara, quelóra abrí porta di quarto, já cai, já quebrá unga garafa di petróleo, qui já cortá pa onçôm. Iou agora ta vai botica buscá mizinha. Atarde, iou lôgo azinha chomá Jorge dá acunga livro pa vôs.

—Divéra?

—Divéra, Júlio, pôde ficá discansado.

—Olá, tomá cuidado!

(Adaptado do livrinho «Cartilha Maternal», de João de Deus, 1.ª Parte)

HISTÓRIA DE UNGA PRÍNCIPE

Têm unga príncipe unga dia, quelóra ta montá su cavalo pa vai caçá laia-laia animal, já olá unga hóme passá; sã hóme di cavá chám pa simiá batata. Sium Príncipe olá rópa di istunga hóme, sentí qui galánte. Sã assi qui já chomá êle vêm perto, priguntá qui-cusa êle fazê pa ganhá sapeca.

Hóme di cavá chám virá respondê:

—Iou sã vivo di istunga ancuza!—azinha mostrá unga fêro chu-chú pau pa cavá chám, qui ilôtro chomá «enxada». — Sapeca qui iou ganhá, sã pa repartí pa três quinhám: unga, sã pa pagá iou-sua cónta; otrunga, sã pa sustentá onçôm; otrunga, pa imprestá, ganhá juro.

Sium Príncipe ficá cara mône-môno, non-pôde intendê quelê môdo acunga hóme pobre pôde têm sapeca resto pa imprestá pa gente.

Raganhado, hóme di cavá chám virá respondê:

—Iou cavá explicá, vôs lôgo azinha intendê: unga quinhám, iou ta sai pa sustentá iou-sua pai-mai; assi sã ta pagá iou-sua cónta, j'olá? Otrunga quinhám, sã iou onçôm gastá co iou-sua sustento co sustento di iou-sua siara; otrunga, iou ta gastá co iou-sua filo-filo; agora, sã iou qui têm-qui olá pa ilôtro; lôgo chegá ora qui ilôtro lôgo olá pa iou: sã assi qui iou ta imprestá, intendê?

Sium Príncipe abaná cabeça, papiá pa onçôm:—Istunga tentaçám têm más juizo co capacidade qui tánto nhu-nhúm di iou-sua palácio.

(Adaptado do livrinho «Cartilha Maternal», de João de Deus, 2.ª Parte)

PADRINHO

(Na estunga estória, tudo qui ramendá estória qui ôtro gente já isquevê, tudo qui ramendá vida di quim tamêm bom, sã sômente concidéncia. Nómi-nómi di gente, di tera, di tudo lugar sã já vêm di imaginaçám.)

Cadilac grándi, preto, ta corê na Avenida 52, pa vánda di Man--Heta. Cinco nhu-nhúm ta repimpado na dentro.

Na ilarga di chofé, Dom Vico Corona. Tánto gente chomá Dom Vico *Padrinho*. Êle sã padrinho di meo-mundo; gostá ajudá, fazê favô pa quim pedí; nuncassá pagá; quelóra êle precisá, sabe batê porta pedí paga; paga, sã favô qui gente têm-qui fazê pa êle; si ricusá, nunca-sã más gente: sã cachôro-môrto.

Na cadéra di trás, três latagám ta sentado: na meo, filo-grándi di Dom Vico, chomá Santano; tudo gente chomá êle Sonny; na isquerda di Sonny, Tomás Hagg, letrado di Corona, consilhéro di famila; gente chomá êle Tom; na otrunga vánda, Frederico, sigundo filo di Dom Vico.

Na trás di *Cadilac*, otrunga caréta preto ta corê, co más quatro latagám: chofé sã Fred; otrunga três sã viziá costa di Dom Vico — Paolo Laco, Pedro Clemente co Roco Campone.

Estunga catravada justo ta vêm di Praia Cumprido, únde Dom Vico têm ora ficá. Constantina, fila di Dom Vico, justo já cavá casá. Grándi festánça; quelê tánto gente já achá cunvite.

Dom Vico Corona sã unga rê di Mafia. Diante di Dom Vico, tudo gente tremê; têm gente sômente uví su nómi, ta tremê ramendá vara-vér-de. Vinte-fora áno na «trono», Dom Vico já ficá rico, poderoso. Masquí poderoso, gente falá êle têm bom coraçám... Têm ora, êle sã divera têm bom coraçám; mâs têm ora, êle ramendá non-têm coraçám di vez.

Caréta corê, corê, Dom Vico priguntá: «Unde têm iou-sua Miguel?»

Miguel sã su filo más pichote. Cara co jêto di nhónha; namoradôr qui non-pôde más.

Tom virá respondê: «Certo sã têm na quarto di hotê co unga fedo-rénta... Nunca comê ramatá bôlo di noiva, azinha já fuzí vai».

«Dessá namorá! Quiança, bóca cherá lête, nádi intendê nôsso negó-cio».

Justo acunga dôs caréta ta dobrá esquina, pa intrá na Man-Heta, tudo ilôtro uví «Pim! Pim! Pim!»

Chofé di *Cadilac* azinha encostá su caréta na unga cánto di rua. Otrunga caréta dá unga cifrada, vêm tapá caréta di patrám.

Paolo sai vêm fora, chapá na lado di Dom Vico.

«Quim ta quimá pauchông?», Dom Vico priguntá.

«Nunca-sã pauchông», Paolo respondê. «Sã robuçado 45! Olá, já quebrá unga vidro di nôsso caréta».

«Sai di únde?»

«Iou ta olá quánto cabéça escondido na trás di acunga quánto lata-lata pôdre».

«Vosôtro três azinha vai... falá «qui-nova». Levá Thompson caregado!»

«Zinguá?»

«Zinguá!»

Paolo, Pedro co Roco azinha corê vai. Más unchinho ora, ta uví: «Pim! Pim-pim! Pim-pim!»

Roco, onçôm corê na meo di rua, de-repente cai di cumprido, co cabéça metido na cáno. Paolo co Pedro subí génio, corê más azinha, ramendá dôs tôro dôdo.

Passado dôs minuto, torná ta uví: «Pim-pim! Pim-pim! Pim-pim!»

Paolo cavá pulá vai riva di unga camiám, sã uví: «Ra-ta-ta-tá! Ra-ta-ta-tá! Ra-ta-ta-tá! Tá! Tá! Tá!»

Já cai tudo na siléncio.

Acunga dôs, co tudo pachora, vagar-vagar andá vai perto di caréta di patrám.

«Quánto di ilôtro?», Dom Vico priguntá.

«Cinco, Padrinho. Estunga cinco sã nádi más bulí co nôs».

«Qui-cusa sucedê co Roco? Já iscoregá?»

«Sã bala iscoregá na su testa, Padrinho».

«Têm siara?»

«Siara co oito filo-filo. Bom sujêto... Onçôm mône, corê na meo di rua...»

«Acunga cinco sã di quim?»

«Tatáglia! Filipe Tatáglia!»

«Vêm-cá nôs vai», Dom Vico ordená.

Paolo co Pedro intrá na caréta di trás, dôs caréta começá corê.

«Tom», Dom Vico chomá. «Tocá telefón pa Tatáglia!»

... ...

«Tatáglia? Iou sã Vico Corona! Uví, vôs más bom tomá cuidado! Estunga vez, cinco di vôsso gente já vai pa Inferno! Más unga vez, vôs pôde prepará caixám pa onçôm...»

? ? ?

«Si nunca-sã vôsso órdi, quelê-môdo acunga cinco cachôro astrevê isperá iou passá?... Qui-cusa? Tomá gente erado?... Uví, Filipe! Quánto contrabándo vôs fazê, quánto miliám vôs ganhá co iscravo-iscravo, nunca-sã iou-sua negócio. Vôsso bala já pinchá iou-sua Roco na bóca di cáno... Estunga negócio sã iou-sua, ta uví, nunca? Roco Campone têm siara co oito quiança... Amanhã, meo-dia, iou querê olá vinte mil na mám di viúva! Si nunca, meo-dia passado unga minuto vôs pôde chomá pádri incomendá vôsso alma! Já uví, nunca?»

Dom Vico, geniado, largá telefón.

Caréta continuá corê.

«Frederico», Dom Vico falá, «pa cadunga quiança di Roco, iou querê unga cachôro di Tatáglia na Inferno. Cinco já vai-ia; ta faltá três. Vôs botá quatro hóme viziá casa di Roco. Ilôtro cavá entregá sapeca, dá cadunga unga *cam-cho-lám* na testa!»

«Papá, acunga rua têm puliça rondá...»

«Puliça têm-qui vai bebê café. Si temá, limpá ramatá!»

Caréta justo ta pará na diante di Hospital di Man-Heta.

«Santano, Tom, nôs vai riva olá Gento. Frederico, vôs vai prepará operaçám-famila-Roco!»

«Dom Vico», Tom virá falá, «co assi tánto gente na oficina ta isperá vôs, vôs vai visitá doente?»

«Uví, Tom, ilôtro tudo pôde isperá. Gento ta morê... non-pôde isperá. Vêm-cá nôs vai riva!»

Gento Anbadado sã unga siciliano. Vinte-fora áno serví Dom Vico, ramendá unga cachôro fiel. Agora, têm na hospital ta isperá ora. Su inimigo? Cáncro!

Quelóra Dom Vico chegá porta di quarto, siara co filo-filo di Gento azinha corê vêm, pegá su mám bezá.

«Padrinho!» siara falá. «Vôs sã unga sánto! Dia di vôsso fila casá, tamêm vôs vêm olá iou-sua Gento.»

«Padrinho, salvá nôsso papá! Salvá nôsso papá?», quiança-quiança ta gritá.

«Vêm-cá nôs vai dentro!», Dom Vico falá.

Dotôr azinha vêm cercá porta: «Iou sentí más bom sã siara onçôm intrá.»

Dom Vico subí génio. «Uví, dotôr! Quánto áno más di vida Gento lôgo têm?»

«Quánto áno? Disgraçado nádi passá di hoze...», dotôr respondê.

«J'olá? Abrí porta azinha, dessá iou vai conselá Gento!»

Quarto iscuro-iscuro, fêde mizinha. Na cama, unga isquelêto metido na dentro di rópa branco. Sã Gento, ta gemê, gemê.

«Gento!», siara chomá. «Padrinho já vêm olá vôs.»

«Pa...drinho? Padri...nho?», Gento quelê trabalo papiá.

Dom Vico vai perto di cama, olá acunga figura di muribundo, onçôm tremê. Tirá chapêu, cuçá cabéça, torná cubrí chapêu. Gento, tremê-tremê, ta buscá mám di Padrinho pa pegá.

«Gento, iou-sua Gento! Qui-cusa ilôtro já fazê pa vôs?»

«Nunca...sã ilôtro», Gento vagar-vagar respondê, «sã cán...cro, pió qui unga... bómba!» Agora ta fazê fórça, erguí cabéça. «Dom Vico... iou mêdo morê! Vôs assi... capaz... assi poderoso... chomá Dios nunca... bom levá iou!... Vôs pôde... fazê tudo! Nunca-bom... dessá iou... morê!»

«Ne-bom papiá boboriça!» Dom Vico respondê. «Têm ancusa qui iou pôde fazê, têm ancusa qui non-pôde. Dá órdi pa Dios, sã trabalo siviço. Dios sã más poderoso qui iou». Cavá, dôs mám pegá mám di Gento, continuá: «Nuncassá susto! Quelóra morê, onçôm pensá qui ta vai durmí. Ficá bravo! Vôs tudo vida sã valente!»

«Sã... valente. Vôs assi valente», Gento priguntá, «querê vai Inferno buscá iou... jugá dado co iou?»

«Lôgo, lôgo», Dom Vico consolá êle. «Dessá olá si iou-sua passaporte sã pa básso, sã pa riva. Agora, vôs durmí discansado. Iou lôgo olá pa vôsso siara co filo-filo.»

Gento cai cabéça na almofada, tentá Dom Vico, falá: «Iou sentí... sã pa básso... juntado co iou... Nunca-bom isquecê levá... dado.»

Fichá ôlo, cai mám, perdê bafo. Su siara co quiança-quiança panteá. Dom Vico sentí su rosto mulado. Co costa di mám limpá, chomá Santano co Tom, já virá vai.

*

Caréta corê, corê, pará na diante di unga casarám alto qui alto.

Intremente Dom Vico ta sai, Paolo co Pedro azinha-azinha ta revistá tudo cánto di rua. Chofé Fred onçôm chapá perto di portéro, dá dôs trelha. Cavá, onçôm vai dentro.

Quelóra Dom Vico ta andá pa porta, portéro falá: «Bom-dia, Padrinho. Têm unga nhum, a-pôco, tocá telefón buscá vôs.»

«Sã quim?», Santano priguntá.

«Nunca falá nómi», portéro respondê pa Santano.

N'unga estánte, chofé Fred ta corê vêm fora, falá: «Dom Vico, nunca-bom vai na ilevadô di diante! Más bom sã passá vánda di trás subí!»

Dom Vico co su gente, passo grándi-grándi, passá pa vánda di trás, tomá ilevadô piquinino vai riva. Metade caminho, tudo uví: «BOOM!»

«Já rabentá!», Fred falá. «Sã acunga bómba qui iou já olá...»

«Vôs já olá bómba na ilevadô?», Tom priguntá.

«Sã, sã! Unga pacote pinchado na unga cánto... Sã assi qui iou já salvá vida di nôsso patrám.»

«Agora querê prémio, sã nunca?», Dom Vico priguntá.

«Drêto sã ganhá vôsso prémio di cinco mil...», Fred respondê.

«Sã, sã.», Dom Vico falá.

Ilevadô pará, tudo passá coredô, intrá na oficina di Corona.

«Chomá Fred vêm dentro», Dom Vico ordená.

Paolo co Pedro trazê Fred vêm dentro.

«Revistá!»

Paolo pegá dôs braço di Fred, Pedro revistá su corpo. Na bolsa di jaqueta têm unga pacote. Abrí, já sai quánto nota; contá dez mil.

«Drêto sã vôs ganhá prémio, ah?», Dom Vico priguntá. «Estunga prémio sã vêm di únde?»

Fred ta tremê, ramendá cachôro qui já cai na ágn frio.

«Trazê portéro vêm riva!»

Justo Santano ta abrí porta pa sai, Fred azinha dá unga cifrada pa fuzí. Mám pesado di Tom, co sôco fichado ramendá unga pilám, vêm di trás, zinguá... vai pará na bóca di istómago di Fred. Uví unga grito, Fred fichá ôlo, cai dobrado na chám.

Portéro intrá co Santano. Vai na diante di Dom Vico, co cáno di 45 di Santano chapado na su cachaço.

«Quim tocá telefón buscá iou!», Dom Vico querê sabe.

«Non-têm ninguim, Padrinho».

«Qui-foi vôs falá mentira?»

«Fred chomá iou falá... Já dá um-cento dóla pa iou falá...»

Paolo ta erguí Fred di chám. «Já uví, Fred?», Dom Vico priguntá. «Sã divéra, nunca?»

«Sã divéra, Padrinho. Perdoá pa iou... Iou nunca-sã querê matá vôs. Somente querê comê di dós lado...»

Dom Vico chomá Santano guardá su revólve. «Vôs», virá falá co portéro, «sórti qui estunga vez nunca falá mentira. Sai di iou-sua vista! Vai lóngi... nunca-bom vêm na iou-sua diante más unga vez!»

Portéro cavá sai, Dom Vico dá órdi pa Paolo co Pedro: «Levá estunga cachôro vai! Dá prémio qui êle assi capaz já ganhá... dôs *cam-cho-lám* na dôs lado di cabéça...

«Padrinho, perdoá!», Fred gritá. «Iou prometê... nádi más»!

Intremente ta prometê, Paolo pegá na unga braço, Pedro na otrunga, Fred ta vai pa fora, rastizado na chám.

«Quim têm na sala grándi ta isperá?», Dom Vico priguntá co Tom.

«Têm sês. Tudo sabe qui vôs nádi ricusá favô hoze, dia qui vôsso fila casá. Sã tudo siciliáno, como vôs.»

«Qualunga priméro?»

«Amico Bonasera. Su fila já ficá intrujado pa dôs jóvi...»

«Sabe-ia, sabe-ia. Chomá Bonasera intrá.»

Bonasera intrá, sentá, contá co Dom Vico tudo estória di disgraça di su fila: dôs americano jóvi já intruzá, cavá já díle, su fila já vai pará na hospital. Puliça já prendê; dôs jóvi já vai tribunal; juiz já condená pa três áno, mâs péna já ficá suspendido.

«Qui-cusa vôs querê agora?», Dom Vico priguntá.

«Padrinho, iou querê justiça. Vôs ajudá iou fazê justiça! Iou lôgo pagá tudo qui vôs pedí!»

«Vôs já chomá puliça... Já vai buscá juiz pedí justiça... qui-foi agora vêm batê iou-sua porta?»

«Juiz nunca fazê justiça! Iou quelóra já confiá na justiça di ilôtro... Agora sabe qui sômente vôs pôde fazê justiça! Vôs sã siciliáno, iou ta-

mêm sã siciliáno! Ajudá iou, Padrinho! Chomá vôsso gente sová acunga dôs malvado... ilôtro já disgraçá iou-sua fila! Vôs tamêm têm fila... Vôsso fila justo hoze casá. Tomá estunga chéc! Sã pisente pa vôsso fila!»

«Trinta mil!» Dom Vico lê. «Si querê estunga laia di justiça, isquevê ôtro chéc... chuchú más unga zero!»

«Más unga zero? Assi tánto?»

«Adios!», Dom Vico ta pontá porta, chomá Bonasera sai.

«OK, OK!», Amico Bonasera azinha sentá, isquevê chéc. «Mâs, Dom Vico, iou querê justiça bem-fêto... intendê?»

«Intendê. Vôs dá tudo nómi, co tudo indicaçám pa Tom! Tom, estunga operaçám têm-qui ficá na mám di Luca. Êle sã más dôdo... Acunga dôs jóvi têm-qui pará na hospital pa unga mês...»

Bonasera cavá sai, Dom Vico botá dôs pê na mésa, chuchú unga churuto Di Nobili na bóca, priguntá co Tom: «Agora, quim?»

«Vigo Sollozzo, turco di ópio co pó-branco...», Tom respondê.

«Qui-cusa ertunga demónio querê?»

«Sollozzo ta buscá vôs pa ajudá intrá pó na América. Êle, agora, ta passá di Turquia pa Sicília. Ta buscá tacada pa trazê vêm América...»

«Papá», Santano azinha lembrá. «Estunga negócio sã bom... pôde dá fortuna!»

«Vôs calá bóca. Quelóra iou querê vôsso opiniám, lôgo pedí». Cavá, virá pa Tom: «Chomá Sollozzo intrá!»

Sollozzo, gôrdo, volontrôm, tamêm sã italiáno. Sã êle têm tánto negócio na Turquia qui tudo gente chomá êle turco.

Qui azinha já intrá, sentá. Cavá isguichá tudo su papiaçám, priguntá co Dom Vico: «Vôs pôde, non-pôde ajudá iou? Tudo miliám qui iou ganhá, metade sã pa vôs. Non-mestê pensá qui têm tánto perigo. Tudo perigo, sã pa iou. Querê?»

«Uví, Sollozzo! Iou tudo vida sã negociá ancusa bem-fêto: azête, ispaguéti... co unchinho di jogatina. Pó-branco co ópio nunca-sã pa iou. Jogatina, Govérno nádi reva... Vício di pó, sã ui-di reva!»

«Vôs têm manéra pa convencê ilôtro...»

«Iou ta bom co Govérno, co puliça, co quánto senadôr... Vôs nunca-bom transtorná iou-sua vida!»

«Iou querê fazê bem pa vôsso vida! Negócio sã quelê bom. Iou

trazê di Turquia, vôs sômente garantí qui lôgo intrá na América. Sã assi tánto... Pôde, non-pôde ajudá?»

«Unga palavra, na-más: NO!»

«Estunga «no» sã unchinho sinal di cobarde!»

«Uví, Turco-gôrdo! Vôs têm unga minuto na-más, pa sai di acunga porta! Más unga palavra, vôs nádi más olá pó-branco vêm di Turquia!»

Sollozzo ramendá unga fuzilada sai di porta.

«Papá, qui-foi vôs ricusá?», Santano querê sabe.

«Tom», Dom Vico chomá, «panhá acunga dôs-regra di nôsso amigo Ted Williams, dá pa iou-sua filo-grándi lê. Vai, filo, vai lê, cavá vôs lôgo sabe qui-foi Famila Corona nunca-bom intrá na negócio di pó co ópio.»

«Dom Vico», Tom manso-manso falá, «Sollozzo sã unga inimigo perigoso. Vôs tomá unchinho cuidado...»

«Iou tamêm sã perigoso, quelóra gente bulí co iou...»

Intremente Sonny ta lê acunga carta di senadôr Williams, Paolo abrí porta, botá cabêça iscutá: «Padrinho, vôsso afilhado Johnny têm aqui...»

«Johnny? Johnny já vêm? Azinha, chomá intrá! Uví, Tom, iou agora nádi têm tempo pa más ninguim...»

Johnny Fatano, afilhado, sã Dom Vico co su siara já criá juntado co ilôtro-sua filo-filo. Dom Vico quelê querê pa estunga afilhado. Jóvi, chistoso, têm bom voz pa cantá, já vai Oliúd ficá atôr.

«Johnny, iou-sua Johnny!», dôs ucho na rosto.

«Padrinho!», dôs ucho na rosto. «Ne-bom reva co iou! Já aguá três mil milha pa olá Constantina casá, já chegá tarde!»

«Iou nunca reva, Johnny. Mâs tamêm nádi crê qui vôs vêm di assi lóngi derdezido pa olá iou-sua Tantina casá. Vôs certo ta dôi bariga... Contá pa iou, filo. Cusa já sucedê co vôs...»

«Sã, Padrinho. Iou têm quelê grándi consumiçám... Mâs tamêm já vêm pa olá Tantina casá...»

«Ah! Iou sã já adivinhá... Qui-foi vôs têm consumiçám? Sã non--têm juízo.» Dom Vico botá mám na ombro di su afilhado, chomá Tom vazá uísqui dá Johnny bebê. «Azinha contá!»

Dom Vico sabe qui Johnny cavá vai Oliúd ficá atôr, já ganhá qui tánto sapeca co grándi fáma. Tánto nho-nhónha tudo ora seguí trás di Johnny. Quelóra fáma já subí cabéça, Johnny já dá unga pontapê pa

siara co dôs filo. Dom Vico quelóra qui reva, já chomá Johnny dis-compô. Capaz cantá, mâs di tánto namorá, bebê, pandegá, qui su voz já começá cai. Su cónta na Báneo ta começá isvaziá, êle quánto vez já buscá Padrinho pa tomá sapeca imprestado.

«Sã acunga istopôr di Jack Wall!», Johnny falá. Jack Wall sã unga grándi patrám di cinematógrafo, qui nôvo-nôvo quelê gostá Johnny, fazê êle ganhá fáma.

«Qui-foi istopôr? Vôs nunca seduzí êle-sua siara? Iou nunca falá co vôs nunca-bom bulí co siara di gente? Oliúd co América intéro têm quánto miliám di nina-nina soltéra, chistosa... Qui-foi têm-qui bulí co siara di gente?»

«Padrinho, estunga Susan sã más bonita qui unga bonéca! Um--cento miliám di nina, non-têm unga ramendá êle assi chistosa. Sã Susan seduzí iou... Iou fraco, já iscoregá... Quelóra iou non-sabe qui Susan sã unga demónio... Agora, ta virá co quánto hóme-hóme...»

«Já olá? Têm onçôm-sua siara assi bom, vai chapá co siara di gente, pa agora ficá cabrito fritado na tacho!»

«Susan sã atriz, Padrinho! Iou sã atôr... Atôr co atriz juntado, fáma más azinha trepá vai riva...»

«Di azinha trepá, qui azinha já tombá na chám!»

«Iou nádi tombá si Jack Wall nunca botá iou fora di siviço. Já tirá tudo fita di iou. Agora têm unga fita quelê importánti... Iou já ficá pinchado na unga cánto... Drêto sã iou fazê estunga fita. Oscar tamêm lôgo pôde ganhá. Jack falá si iou dá di volta su siara, tamêm nádi dá fita pa iou fazê.»

«Vôs querê fazê estunga fita importánti? Querê iou ajudá?... Bom. Dessá iou botá unga condiçám: largá Susan, dessá tubarám comê; vai di volta pa vôsso gente; Francesca co dôs quiança ta isperá vôs...»

«Lôgo, Padrinho. Iou agora sabe sabôr... Miao-miao, sã onçôm-sua gato...»

«Bom, si sã assi, iou lôgo ajudá.» Virá pa Tom, falá: «Tom, vôs conversá co Johnny, olá tudo ancusa bem-fêto; cavá, tomá aroplano, aguá vai Oliúd buscá Jack Wall. Falá co êle qui Johnny Fatano têm--qui intrá na estunga fita nôvo. Dá prazo 24 ora! Qui-cusa más têm--qui fazê, vôs onçôm sabe...»

«Padrinho», Johnny torná falá, «estunga Jack sã más duro qui unga pico di fero! Êle lôgo temá...»

«Iou-sua calibre .90 tamêm sã duro. Dessá estunga negócio pa nôs. Vôs azinha vai casa olá Francesca co quiança-quiança. Tom sabe cusa lôgo fazê!»

*

Sentado na su cadéra grándi, na su oficina di Oliúd, Jack Wall ta gritá, ta insultá Tom Hage. Tom já papiá qui tánto, já messá qui tánto, tamêm Jack nádi cedê.

«Iou nunca susto vôsso patrám, co tudo cambada di Máfia! Pôde vai falá co êle qui su afilhado nádi botá pê na iou-sua istúdio! Iou já perdê tánto tempo co vôs. Pôde vai, nuncassá voltá más!»

«Uví, Sium Wall, nunca-bom assi impostôr. Vôs cuidado co greve! Tudo uniám ta preparado, têm na nôsso lado. Padrinho abrí bóca na-más, vôsso cinematógrafo lôgo ficá dizengonçado!»

«Vai! Vai cuzinhá greve! Iou tamêm têm iou-sua gente! FBI tamêm ta preparado. Vai! Vai vôs, co vôsso Padrinho, co vôsso Johnny!»

Quelóra Tom voltá, dá recado Dom Vico, estunga já ficá qui reva. Pulá alto-alto, ramendá cachôro co raiva.

Passado unga dia, Jack Wall na casa, quelóra anôte trepá cama pa vai durmí, erguí colcha, olá lençol inchido di sángui. Chapado na almofada, Jack olá cabéça di su cavalo Kartuum, cortado. Kartuum sã rê di cavalo di corida. Já custá Jack meo-miliám di dóla. Jack adorá estunga cavalo. Justo ta guardá êle pa fazê cria.

Na riva di almofada, têm unga pedacito di papel. Jack pegá lê: «Falta unga cabéça. Sã vôsso!»

Otrunga dia, pramicedo, Johnny Fatano já achá unga telegráma: «Pôde vêm começá vôsso fita.»

*

Miguel, filo más piquinino di Dom Vico, qui sabroso passá unga dia intéro na quarto di hotê co su nina Kay. Justo ta lembrá levá Kay vai casa di pai, na Praia Cumprido, pa conhecê su pai-mai.

Cavá vestí, Miguel co Kay decê vai rua, chomá caréta. Intremente, quiança di vendê gazéta ta gritá, na porta-rua di hotê: «EXTRA! EXTRA! Grándi nuvidade! Matánça na Los Ângi! EXTRA! EXTRA!»

Tudo gente qui ta passá, compiá gazéta pa olá. Miguel onçôm tamêm já comprá unga.

Miguel co su noiva intrá na caréta. Caréta começá corê. Miguel abrí fólia pa lê. Nunca passá dôs minuto, Miguel gritá pa chofé: «Azinha! Vai di volta pa hotê! Azinha!»

Caréta azinha virá esquina, orçá pa otrunga rua, torná vai pa vánda di hotê. Kay panhá susto, priguntá: «Cusa já sucedê, dáling? Qui-foi nôs ta vai di volta pa hotê?»

«Vôs olá!», Miguel abrí fólia di diante, dá pa Kay lê.

«MATANÇA NA LOS ÂNGI» — «Vico Corona, rê di Máfia já ficá pontado»!

«Su corpo inchido di bala! Já vai di maca pa hospital. Nôs sentí qui Corona nádi iscapá».

Miguel azinha subí vai su quarto, pegá telefón, tocá pa casa di pai. Su mano Santano atendê. Já contá tudo tragédia pa Miguel. Tudo ta triste. Sentí qui pai nádi iscapá.

«Sã obra di quim?», Miguel priguntá.

«Certo sã obra di Sollozzo... Vôs azinha vêm casa. Tomá cuidado!»

*

Vico Corona, fórti ramendá unga tôro, já livrá di morte. Quánto dotôr capaz já operá, já salvá su vida.

Quim nunca iscapá sã Vigo Sollozzo, co tudo su catravada. Corona cavá ficá bom, já fazê qui tánto razia. Na meo di razia, su filo Santano tamêm já ficá razado, com sês *cam-cho-lám* na cabéça.

Otrunga filo, Frederico, di susto fuzí vai lóngi. Ninguim sabe únde êle têm.

Passado unga áno, Dom Vico Corona já vai pará na hospital. Quelóra su siara, su filo Miguel, su fila Tantina co Tom na diante, Dom Vico falá: «Iou-sua coraçám. Ta querê pará!» Pussá bafado, respirá fundo, Dom Vico continuá: «Tom, Miguel! Negócio di famila Corona non-pôde pará! Vosôtro dôs têm-qui continuá!»

Más unchinho ora, Dom Vico fichá ôlo, su corpo estendido na cama. Sã su coraçám já pará... já pará di vez...

Miguel priguntá co Tom: «Unde ta vai iou-sua papá agora?»

Tom virá responnê: «Iou sentí ta vai jugá dado co Gento Anbadado. Gento desdi qui ora ta erperá êle...»

Sã assi tánto-ia!

IV PARTE

COMÉDIA "QUI-NOVA, CHENCHO"

Levada a efeito:

— Em Macau, no Teatro D. Pedro V, nos dias 7, 8 e 9 de Abril de 1969 —

— Em Hongkong, no Teatro do Colégio «Wah Yan», no dia 19 de Abril de 1969 —

(APRESENTAÇÃO DA COMÉDIA)

(Moça moderna, bem apresentada. Vem de mini-saia, calçando botas, com boné na cabeça)

Qui-nova, Chencho,
Vôs ta bom, Chencho,
Iou qui tánto tempo nunca olá pa vôs...

Qui-nova, nho-nhónha! Qui-nova, nhu-nhúm, co tudo títi-títi, máno-máno! Qui-nova, iou-sua Chencho! Únde têm estunga demónio!

Divéra sabroso olá nôsso Clubo assi inchido di gente! Qui tánto tiro-grándi já vêm hoze... Vosôtro sabe qui-cusa sã tiro-grándi? Ilôtro no Ongcông falá sã «big shot»!

Na Macau, tánto tiro grándi-grándi buscá vánda di Chunambéro co Pénha pa ficá. Iou-sua avô-cong, quelóra já tocá Pacapio, azinha-azinha mudá vai Pénha ficá. Non-pôde achá casa bem-fêto, já virá nôs tudo ficá na vacaria. Avô falá, masqui-seza vacaria, tamêm sã Pénha, bairo di tiro-grándi, j'olá? Iou nunca triste... Qui-foi? Quelóra iou passá na rua, andá, torcê qui torcê, hóme-hóme seguí trás di iou, falá: «Mas qui tiro!» Iou sã lôgo virá respondê: «Tiro-grándi, istopôr!»

Falá di Macau, iou agora lembrá qui nôsso Macau divera ta ficá bêm di moderno... Quánto draga-draga co dragadôr qui azinha já chupá na tudo mate di pôrto-pôrto... Iou sentí non-têm más pa chupá-ia. Mar já ficá qui fundo! Canal tamêm já ficá lagatiado... Di estunga manéra, sã vapôr quelê grándi tamêm lôgo pôde intrá, sã nunca?

Iou uví falá qui na estunga verám, Macau lôgo têm unga draga pa chupá na tudo musquito qui têm. Vosôtro sã pôde durmí discansado... nádi consumido co picada di musquito, co fedôr di pivete.

Acunga ancusa chomá pónti, na unga abrí-fichá ôlo ta pronto-ia. Cavá empê na riva di mar, Taipa lôgo virá ficá Macau, Macau lôgo virá ficá Taipa! Na Coloán já têm unga casarám pa recebê tudo turista. Agora, sômente têm dózi quarto. Si sã têm tánto turista, ilôtro lôgo azinha-azinha erguí más dózi quarto. Quarto-quarto sã unchinho chipido. Turista si nunca-sã volontrôm, lôgo pôde andá na quarto.

Ah! Únde têm iou-sua Chencho? Estunga demónio falá qui lôgo vêm olá pa iou... Únde ta metido estunga galo-dôdo? Iou querê sabe qualunga beldade já rabichá êle vai. Sã assi-ia, tudo hóme-hóme... Ónte, chomá nôs chistosa, su vida, su coraçám, su tudo ancusa... Hoze, na unga minuto na-más, lôgo azinha isquecê tudo ancusa qui já papiá, ta andá co co-iôc chapado na lado...

Vosôtro ta bêm di ispantado olá iou aqui, sã nunca? Drêto, sã iou-sua chácha têm aqui, nunca-sã iou. Iou-sua papá, Dios sabe únde já vai virá, qui já vêm pa casa savanado! Chácha reva qui non-pôde más... têm qui cozê mizinha saván, raspá mordecim. Sã assi qui iou já vêm, tomá lugar di chácha... Iou-sua papá tamêm sã hóme, j'olá? Ramendá tudo hóme-hóme galo-dôdo, non-pôde ficá sossegado... têm-qui fazê su arvirice. Mamá, coitado, consumido qui non-pôde más.

Rópa nôvo qui iou ta usá, justo já chegá di Paris. Si non-têm rópa nôvo, iou sã nádi astrevê vêm na diante di vosôtro... Vosôtro gostá olá estunga chapêu nôvo? Sã último palavra di boné francê...

Chácha chomá iou vêm falá qui comédia di estunga áno ui-di bom olá... Têm quánto-cento di ancusa pa fazê vosôtro ri... Uví, nunca-bom ri qui xirí... Cavá pôde mulá chám, sã nunca?

Tuna di musiquéro tamêm lôgo têm. Estunga comédia drêto sã fazê na Carnaval. Tánto atô-atô já panhá Ongcông-flu, j'olá? Sã assi qui di Carnaval já passá pa Micarém... Quelóra Micarém chegá, ilôtro qui azinha já isquecê tudo anrusa qui já prendê. Di Micarém sã têm--qui passá pa Páscoa. Di Páscoa faltá unchinho ta passá pa Natal...

Rópa di quánto tentaçám qui lôgo bailá hoze, nunca-sã rabusénga... Nunca-sã cosido pa alfaiate Ma-lau... Nôsso Clubo pagá unga dinherám chomá D'Avenida fazê! Acunga quánto chistosa di D'Avenida, qui contente, tudo insaio intretido midí côrpo do nhu-nhúm... Nhu-nhúm sevandizio, daretido qui daretido, tudo ora dá su côrpo pa nho-nhónha midí...

Iou lôgo ri sã quelóra Missi Macói chuchú cónta pa Clubo pagá. Nôsso tesoréro lôgo dismaiá. Pisidente nôvo, nho-nhónha falá, bêm di chistoso. Êle têm na ali-riva ta sentado...

Más unchinho ora, comédia ta começá-ia.

Lôgo têm russo-russo cantá pa vosôtro uví. Nunca-sã russo-mentira! Sã divéra russo di Muscôvo, chomá Cussacu di Dom...

Têm unga mestre-china ui-di capaz vendê su mizinha di cobra... Êle falá su mizinha sã mizinha-sánto, pôde curá tudo ancusa... Língu

di gente má-língu tamêm pôde ficá curado. Sômente ruçá unchinho pomada, língu lôgo virá ficá dóci qui dóci...

Quánto nho-nhónha co fula na cabéça, co quánto beldade di Paris, lôgo bailá pa vosôtro olá. Qualunga más chistosa qui ôtro. Têm quánto bêm di garidóna! Nunca-sã brinco! Vosôtro hóme-hóme, quelóra ta olá, pôde tomá pontaria... Si sã agradá, pôde chomá nôsso A Kong di Clubo pa marcá incontro.

Acunga dôs buricida chomá «Chapsio Sisters» já vêm di Ongcông pa cantá na nôsso Clubo. Vosôtro divéra têm sórti. «Chapsio Sisters» nunca vai Istoril cantá, pa vêm azinha aqui cantá pa vosôtro.

Cavá, vosôtro lôgo olá comédia di César co Cleopatra. Estunga Cleopatra sã más chistosa qui Isabel Alfaiate di animatógrafo.

Romeu co Juléta tamêm lôgo têm. Shakespía si têm vida lôgo morê impido quelóra uvi falá qui Romeu co Juléta sã gente di Macau, ta vivo na Bica di Lilau...

Vosôtro non-mestê reva si comédia di hoze damostrá aucusa mal-fêto. Estunga comédia sã já vêm di bo-vontadi di dôs dúzia di atô-atô, qui já sacrificá quelê tánto pa fazê aucusa pa vosôtro olá. Têm quánto, divéra coitado... non-pôde sentá na Solmar pa ma-linguá... Tudo dia corê vêm insaio, midí rópa, chupá uísqui.

Bom... vosôtro olá-ia... Iou ta vai buscá iou-sua Chencho. Certo ta metido na Vapôr Macau co quánto fedorénta na lado... Uví, siara-siara, tomá cuidado! Nunca-bom dessá vosôtro-sua nhu-nhúm vai Ongcông estunga quánto dia... Ilôtro, cháqui-cháqui vai Ongcông co siviço, sã ta vai bispá francésa di Paris. qui ta fazê brinco na vapôr...

Adios. Olá, comédia ta começá...

CHICO VAI ESCOLA

CHICO VAI ESCOLA

(Cemédia em 1 acto)

Figurantes: *PROFESSOR*
CHICO.

A cena representa uma sala de aula. Carteira de professor; quadro--preto, giz, ponteiro; mapa pendurado na parede; ao pé da carteira está um cesto de papéis; sobre a carteira um telefone, livro de matrícula e tinteiro.

(O professor está sentado, pensativo. Levanta-se; mãos atrás das costas, ronda a sala).

PROFESSOR Qui ferado! Sete dia afio aqui ta secá, unga quiança pa matriculá tamêm non-têm.

Dez pataca unga mês na-más... Unde têm escola assi barato, vosôtro olá...

Quelê-môdo nôs professô-professô pôde vivo?

Bom... tamêm têm-qui olá... têm escola saguáti! Iou--sua escola, quim querê vêm têm-qui cambiá sapeca...

Qui-foi nádi pagá? Iou tamêm têm bariga, sã nunca?

(Tira o relógio; vê as horas. Levanta-se; ronda a sala)

(O telefone toca. O professor atende, enquanto se senta)

PROFESSOR Ah! Sã quim? Iou sã professô Chencho. Sã quim?

(Dum pulo, levanta-se da cadeira)

Ah! Bom-dia, Sium Dotô! Sã divera, Sium Dotô. Pôde, pôde! Iou têm aqui unga dia intéro. Fica discansado, Sium Dotô, lôgo isperá!...

Fazê favôr, fazê favôr...

(Pousa o auscultador. Esfrega as mãos de contente. Sai do lugar. Anda)

PROFESSOR Bom, bom... Assi nunca mau! Afilhado di Sium Dotô Silva... Letrado, gente-rico, têm quánto casa...

Ah! Estunga sã nádi pagá dez pataca somente... Têm-

qui pagá 30! Uví, 50 tamêm nunca-sã tánto! Qui-foi nádi pagá um-cento?

(Ouve-se queimar um petardo. O professor assusta-se)

PROFESSOR Credo! Qui-cusa já sucedê? Quim ta querê matá pa iou?

(Corre, pega no ponteiro e esconde-se atrás da porta, tomando posição de combate)

(Chico, gorducho, entra, soltando uma gargalhada. O professor vem por detrás, olha para ele e trá-lo por uma orelha até ao meio da sala)

PROFESSOR Uví, quiança, cusa vôs ta pensá? Vôs sabe non-sabe qui aqui sã unga escola di respêto?

CHICO Qui-sabe... Padrinho chomá iou vêm... nunca chomá iou tesá pêto...

PROFESSOR Padrinho? Vôsso padrinho? Quim sã vôsso padrinho? Nunca-sã Sium Dotô Silva?

(Abraça o Chico. Leva-o a sentar-se)

PROFESSOR Falá co iou, quiança. Vôs vêm pa matriculá, sã nunca?

CHICO Qui-cusa?

PROFESSOR Vôs vêm pa matriculá, sã nunca! Vêm estunga escola pa aprendê lê, contá...

CHICO Ah, sã. Padrinho chomá iou azinha aprendê lê, contá...

(Chico tira da sacola um doce)

PROFESSOR Sã, sã... aprendê lê, contá sapeca pa dá pa iou...

(Chico oferece o doce ao professor)

CHICO Vôs gostá lo-li-póc?

PROFESSOR Non-mestê cerimónia, filo! Iou non-têm dente pa cachi.

CHICO Nunca-sã pa cachi, animal! Sã pa chupá!

PROFESSOR Sã, chupá, animal...

(Abre o livro, pega na caneta. Chico tira o papel do doce e dá-o ao professor. Este deita o papel no cesto. Chico chupa o doce)

PROFESSOR Vôsso nómi?

CHICO — Nómi? Iou-sua nómi? CHICO
(O professor começa a escrever)

PROFESSOR — Chi... Uví, Chico sã Francisco, sã nunca? Vôs sã...

CHICO — CHICO!

PROFESSOR — Estunga nómi Chico sã vêm di...

CHICO — CHICO sã CHICO! Já uví, nunca, bronco?
(O professor pousa a caneta, levanta-se irritado; volta a encher-se de paciência, senta-se, torna a pegar na caneta)

PROFESSOR — Uví, bronco sã ta vai unchinho lóngi, quiança...

CHICO — Lóngi? Iou pôde vêm más perto...
(Aproxima a cadeira)
Azinha isquevê... CHICO!

PROFESSOR — Bom... bom... C h i c o... Uví, vôsso Chico sã co X, sã co C h ?

CHICO — Más bom sã isquevê co canéta... Nunca bom isquevê co giz!

PROFESSOR — *(Escrevendo)* Chi... co. Bom. Apilido?

CHICO — Apito? Já trazê.
(Tira um apito da sacola e desata a apitar)
(O professor tapa os ouvidos)

PROFESSOR — Pará! Pará!
(Chico para de apitar. Guarda o apito na sacola)
Más unchinho ora puliça ta vêm, pensá iou to comê vôs...
Iou priguntá vôsso apilido, quiança. Apilido!

CHICO — Ah! Apilido?

PROFESSOR — Sã! A - pi - li - do...

CHICO — Qui sabe? !

PROFESSOR — *(Escrevendo)* Chico... Qui Sabe...
Qui Sabe sã isquevê co K?

CHICO — Capa? Têm na casa. Nunca trazê.

PROFESSOR	*(À parte)* Vôs si já ficá na casa nunca-sã más bom? *(Para o Chico)* Idade?
CHICO	Qui-cusa?
PROFESSOR	Idade! Quánto áno vôs têm!
CHICO	Ah! Catórzi na-más,
PROFESSOR	Catórzi na-más! Agora lembrá vêm aprendê lê, contá... *(Para o Chico)* Únde ficá?
CHICO	Ta ficá co mamá.
PROFESSOR	Únde vôsso mamá ficá?
CHICO	Ta ficá co iou...
PROFESSOR	Uví, quiança! Vôs ficá co mamá, mamá ficá co vôs... Sã unga casa, sã nunca? Casa têm rua, sã nunca? Rua qui nómi chomá!
CHICO	Nunca sã rua, bôbo! Sã béco... Béco di Palanchica, na vánda di Sám Lorénço...
PROFESSOR	*(Escrevendo)* ... Palanchica... di Sám Lorénço. *(Para o Chico)* Nómi di Pai...
CHICO	*(Benzendo-se)* Nómi di Pai... Filo... Apito-sánto...
PROFESSOR	*(À parte)* Sã, más bom sã vôs benzê onçôm. Más unchinho ora vôs nádi têm tempo pa benzê... *(Para o Chico)* Iou priguntá nómi di vôsso papá!
CHICO	Ah! Papá tamêm sã Chico. Êle sã Chico-grándi, iou sã Chico-piquinino, j'olá?
PROFESSOR	*(Escrevendo)* Chico... *(Pergunta)* Apilido?
CHICO	Qui sabe...
PROFESSOR	*(Escrevendo)* Chico Grándi Qui Sabe... *(Pergunta)* Mamá?
CHICO	Mamá têm na casa... Ta bom...
PROFESSOR	Vôsso mamá-sua nómi!
CHICO	Nómi? Ah, sã Chica.

PROFESSOR	Famila intéro sã Chico-Chico... Qui bom olá... Apilido?
CHICO e PROFESSOR	*(Simultaneamente)* QUI SABE!
	(O professor está a escrever; Chico interrompe-o para lhe entregar o doce)
CHICO	Pinchá fora! Iou non-quêro más-ia...
	(O professor pega no doce e deita-o no cesto de papéis) *(Chico tira um charuto da sacola; põe-no na boca. Pede lume ao professor. Este, distraidamente, tira o isqueiro e acende o charuto. De-repente, dá um pulo da cadeira)*
PROFESSOR	Qui-cusa? Vôs ta assi adiantado?
	(Chico lança uma baforada de fumo na cara do professor. Este tem um acesso de tosse)
CHICO	Mamá falá qui churuto sã más bom qui cigaro...
PROFESSOR	*(À parte)* Iou nunca si olá unga buda assi isperto... *(Para o Chico)* Uví, já trazê sapeca, nunca?
CHICO	Sapeca? Padrinho já dá... Iou já comprá lo-li-póc co churuto...
PROFESSOR	Comprá lo-li-póc co churuto? Únde têm iou-sua sapeca?
CHICO	Vôs querê sapeca fazê qui-cusa? Non-sabe chupá lo-li-póc, non-sabe fumá churuto...
PROFESSOR	*(Exaltado)* Uví, cavá aturá vôs unga ora tempo, vôs non-têm sapeca pa pagá escola?
	(Levanta-se; leva o Chico por uma orelha até à porta)
	Uví, quiança! Más bom vai paxá! Azinha! Vai di aqui!
	(Põe o Chico na rua)
PROFESSOR	Vosôtro pôde imaginá! Iou sentá aqui, bariga ta dá ora, nunca vai casa comê, pa estunga buda dá cabo di iou-sua paciência... Ah! Sã non-pôde ficá professô... Más bom sã ficá cúli, vai pussá caréta...
	(Chico volta e acende outro petardo com o charuto. Ouve-se um estoiro forte. O professor volta e vê o Chico com uma pistola de água apontada para ele) *(Chico desata a rir)* *(O professor apalpa o peito, as costas, a cabeça)*

PROFESSOR Ai! Já pontá pa iou!

(Chico foge)

PROFESSOR *(Levando as mãos ao coração)* Ai! Crédo! Iou-sua coraçám! Iou sentí ta pará! Ai! Sã já pará! Divéra já pará? Iou ta morto! Iou já morê!...

(Arrasta-se até à mesa; puxa o telefone para o chão. Liga)

Puliça! Socoro! Azinha cudí pa iou!...

Unga quiança já pontá pa iou! Iou ta morto!... Cudí, azinha!

Êle-sua nómi... sã CHICO!

Apilido?... QUI SABE!...

CAI O PANO

ROMEU CO JULÉTA

ROMEU CO JULÉTA

(Opereta em 1 Acto)

FIGURANTES:	*ROMEU*
	JULIETA
	TICO (Pai da Julieta)
	BITA (Mãe da Julieta)
	VIZINHO

Romeu transporta um escadote e encosta-o à boca do palco. Sobe uns degraus. Começa a cantar.

ROMEU *(Canta)*

Iou-sua Juléta, (*)
Nina chistosa,
Vêm pa janela,
Olá pa iou,
Iou fome,
Di vôsso amôr,
Vôs sã mizinha,
Pa iou-sua dôr.

O vizinho aparece, saído da cama. Está aborrecido.

VIZINHO — Amôr, amôr! Iou querê durmí! Vai ladrá pa otrunga freguesia!

Romeu acaba de subir até ao palco. Deixa o escadote encostado.

ROMEU — Sium, disculpá... Aqui nunca-sã Lilau, casa di iou-sua Juléta?

VIZINHO — Aqui sã casa di estunga iscravo di siviço! Amanhã têm-qui erguí cedo... 7 ora ta gossô dente vai siviço!

ROMEU *(desculpa-se)* — Nunca-bom reva... Iou cantá pa iou-sua noiva tamêm non-pôde?

VIZINHO — Querê cantá? Virá vôsso gramafón pa otrunga vánda, pôde non-pôde?...

(*) Melodia: O SOLO MIO.

ROMEU Sium, sium... iou-sua coraçám ta dôi... Iou ta querê morê...

VIZINHO Querê morê? Morê, hóme! Azinha morê, dessá iou durmí... Amôr! Amôr!

O vizinho sai.

Romeu desce pela escada de acesso à plateia. Vai buscar o escadote e encosta-o à boca do palco, do lado oposto. Torna a subir e canta.

ROMEU *(Canta)*

Iou-sua Juléta, (*)
Nina chistosa,
Vêm pa janela,
Olá pa iou.

(Acaba de subir. Está no palco)

Iou fome,
Di vôsso amôr,
Vôs sã mizinha,
Pa iou-sua dôr.

Juléta minha,
Iou-sua coraçám,
Si têm na cama,
Erguí azinha.
Dóci Juléta,
Iou-sua salvaçám,
Erguí azinha,
Corê vêm gudám.

Julieta aparece, toda sorridente.

ROMEU *(Muito amoroso)* Juléta, iou-sua bijú!

JULIETA *(Romântica)* Romeu, iou-sua ladú!

(Canta)

Iou-sua Romeu, (*)
Cáfri landim,
Estunga ora,
Vêm buscá iou?
Ai vôs,
Qui astrevido,
Ta buscá sarna
Pa cuçá!

(*) Melodia: O SOLO MIO.

Romeu aproxima-se, apaixonado. Julieta estende-lhe os braços.

Romeu beija a mão da Julieta.

ROMEU — Juléta... qui dóci!

JULIETA *(Retirando a mão)* — Aia, vai-na! Nunca-bom assi garido!

Romeu afasta-se, envergonhado.

ROMEU *(Canta)* — Estunga amôr qu'iou ta guardá na pêto, (*)
Tudo quánto ta querê quimá,
Sã unga amôr qui perfêto,
Pa nôs dôs lôgo matá.

JULIETA *(Canta)* — Romezito vôs sã imprudente,
Estunga ora vêm bulí co iou,
Iou-sua papá mau-repente,
Lôgo matá vôs co iou.

ROMEU *(Canta)* — Nôs dôs si sã querê unga pa ôtro,
Qui-foi nôs lôgo têm-qui separá...

JULIETA *(Canta)* — Vôs, ne-bom tomá caminho tôrto,
Cavá, nunca-sã fáci indiretá, indiretá.

ROMEU e JULIETA *(Cantam juntos)* *(Abraçam-se)* — Estunga amôr qu'iou ta guardá na pêto,
Tudo quánto ta querê quimá,
Sã unga amôr qui perfêto,
Pa nôs dôs lôgo matá.

Tico, pai da Julieta, aparece.

TICO — Fila!

Julieta tenta encobrir Romeu.

JULIETA — Papá?

TICO — Qui-cusa vôs ta fazê aqui, estunga ora?

Tico avança. Dá com Romeu.

(*) Melodia: VAYA CON DIOS.

Ah? Sã vôs? Seléa astrevido! Unde têm iou-sua rota?

Romeu esconde-se atrás da Julieta. Arregaça as mangas.

JULIETA *(Alarmada)* Papá, nunca-bom subí génio!

ROMEU Sium Tico! Iou non-pôde durmí. Iou sã querê casá co Juléta!

Tico solta uma gargalhada.

TICO Pobre, raspiáti, querê casá co iou-sua fila?
Fora! Fora di aqui, atai astrevido!

Julieta intervém, solícita.

JULIETA *(Canta)* Papá, vôs non-mestê fazê zaragata, (*)
Estunga ora.

ROMEU *(Canta)* Sium Tico, iou nunca susto vôsso génio,
Vôs sã vilám.
Vôs pensá qui sã qui grándi gente,
Cheng-cau, cheng-cau!

JULIETA *(Canta)* Vôsso fila nunca sã 'nga quiança,
Papá olá...

TICO *(Canta, irritado)* Fora! Fora! Fora di aqui!
Fora! Fora! Fora di aqui!

Bita, mãe da Julieta, aparece.

TICO *(Continua a cantar)* Azinha, azinha, azinha sai,
Azinha, azinha, azinha sai,
Fuzí di iou-sua vista,
Atai di rua, abusador!

BITA *(Canta)* Tico, Tico, cusa sucedê?
Tico, Tico, cusa sucedê?
Qui-foi, qui-foi, qui-foi gritá?
Qui-foi, qui-foi, qui-foi gritá?

(*) Melodia: FUNICULI, FUNICULA.

Falá co iou uví,
Vôs nunca-bom barafustá.

O vizinho mete a cabeça fora do pano.

VIZINHO *(Canta)*

Cacho, cacho, cacho di pimpám!
Cacho, cacho, cacho di pimpám!
Papiá, papiá, papiá, papiá,
Somente sabe pilizá!
Iou querê durmí,
Chomá puliça vêm cudí!

O vizinho retira a cabeça. Julieta avança para Bita.

JULIETA

Mamã, valê pa iou! Romeu já perdê juízo. Papá já perdê cabéça. Vizinho ta chomá puliça!...

BITA

Hóme-hóme sã tudo assi-ia! Azinha perdê juízo, azinha perdê cabéça.

(Dirigindo-se ao Romeu)

Uví, buricido! Estunga ora nunca-sã ora pa vêm bulí co iou-sua fila...

ROMEU *(Canta)*

Títi Bita, Títi Bita, (*)
Iou pedí pa vôs perdoá,
Quim-sua coraçám têm fôgo
Sã non-pôde isperá...

TICO *(Canta)*

Estunga atai zavergonhado,
Iou sã nádi tolerá!
Panhá rota vêm pa básso,
Dessá iou vai zavaná!

JULIETA *(Canta)*

Pai divéra non-têm chiste,
Tudo ora rabujá.
Nôs sã já fazê asnéra,
Agora sã têm-qui casá!

ROMEU *(Canta)*

Já uví?

TICO *(Canta)*

J'olá?
Pegá rota zavaná!

(*) Melodia: TIA ANICA DE LOULÉ.

ROMEU *(Canta)*	Títi Bita, ajudá, Nôs sã têm-qui vai casá!...
BITA *(Admirada)*	Têm-qui vai casá?
TICO *(Furioso)*	Têm-qui vai casá!
ROMEU *(Com ar de vitorioso)*	Sã! Nôs têm-qui casá!
BITA *(Para a filha)*	Cusa significá «têm-qui casá»? Fila, nunca-bom falá...
(Mudando de tom)	Vôs já fazê asnéra!...
JULIETA	Sã, Mamã. Iou unchinho móna, já fazê asnéra... Quelóra tomá aspirina, pensá qui sã ancusa qui tudo nhónha ta tomá... Já ficá ferado, j'olá?
BITA	Aia, fila! Qui-foi vôs assi móna?
JULIETA	Mamã... Iou onçôm querê... Romeu tamêm querê... Sã nunca, Romeu?
ROMEU	Amôr, quim nádi querê?
TICO *(Furioso)*	Qui-cusa vosôtro ta papiá? Iou non-pôde intendê...
BITA *(Calma)*	Aia! Bôbo! Asnéra fêto, cusa más têm pa intendê?

Romeu e Julieta abraçam-se.

ROMEU *(Canta)*	Iou querê pa vôs, sempre, sempre, (*) Iou querê pa vôs, sempre...
JULIETA *(Canta)*	Iou querê pa vôs, sempre, sempre, Iou querê pa vôs, sempre...
ROMEU e JULIETA *(Cantam juntos)*	Non-sã pa unga dia, Non-sã pa unga anôte, Non-sã pa unga ora, Pa sempre, sempre...

(*) Melodia: ALWAYS.

'Para os pais da Julieta) Bái-bái!

Julieta sai, abraçada a Romeu.

Uví, Bita, ilôtro pôde querê... Iou sã nádi dessá!

Calá bóca, bôbo! Quelóra ilôtro querê, cusa vôs pôde fazê? Querê botá cadeado?

Vôs nunca-bom assi azinha isquecê qui iou tamêm já querê, cavá vôs já ferá pa iou!...

Aia, vai-na! Na nôsso tempo, únde têm mizinha bola-bola?

Sã! Mâs vôs tudo ora chomá iou mulá pê na águ frio, lembrá? Vêm-cá, bôbo. Vêm-cá nôs vai riva durmí... Iou nádi mulá pê n'águ frio, ja uví, nunca?

Bita leva Tico pelo braço. Saem da cena.

F I M

CÉSAR CO CLEÓPATRA

CÉSAR CO CLEÓPATRA

(Comédia em 2 Actos)

FIGURANTES:

CÉSAR
CLEÓPATRA
APOLÓNIA (Cozinheira)
CÁSSIO
BRUTO
SOLDADO CORNÉLIO
SOLDADO JULIANO (Gago)
SOLDADO AURÉLIO
SOLDADO OCTÁVIO
CRIADA (Coxa e muda)
PROTECTOR DE CLEÓPATRA
ASSASSINO
GENERAL MOISÉS
1.° EGÍPCIO
2.° EGÍPCIO.

1.° ACTO

CENA: Sala decorada a Império Romano. Um trono, duas cadeiras, uma mesa. Gongo para chamar criados.

A cena abre com dois soldados romanos — Cornélio e Juliano (gago) — e a cozinheira Apolónia. À boca do palco há um «placard» com os dizeres: ROMA — ANNO XX.

Os dois soldados, armados com lanças, guardam o palácio. Apolónia está entretida a pilar.

A certa altura, Apolónia canta, continuando a trabalhar.

APOLÓNIA *(Canta)*

Pilám qui ta pilá,
Tánto fôrça lôgo têm,

(Os soldados escutam com atenção)

Quim nunca exprementá,
Nádi sabe qui sabô têm.

(Juliano senta-se; deita-se no chão)

Tánto qui batê, batê,
Tánto qui pilá pa iou,
Tudo quánto daretê,
Vôs ne-bom culpá pa iou.

Jambulám maduro
Qui móli já ficá,
Iou-sua pilám duro,
Qui sã nádi discansá.

Pa bâsso pilá vai,
Pa riva pilá vêm,
Vôs cavá lô cai,
Tudo chiste já non-têm.

CORNÉLIO e JULIANO *(Aplaudindo)*

Bravo! Bravo!

CORNÉLIO

Qui capaz, nôsso Apolónia. Iou pensá qui vôs somente sabe cuzinhá. Mal-sabe qui vôs cantá tamêm capaz...

JULIANO *(Levanta-se)*

Ap... Ap... polónia. Unde vôs prendê ca... ca... cantá, assi bêm... bêm fêto?

APOLÓNIA *(Aproximando-se de Juliano)*

Aia, Sium Juliano, qui-foi vôs assi bôbo conversá? Língu marado, *cagajá* qui *cagajá*.

JULIANO

Ap... Ap... polónia! Iou nunca sã ca... cagajá. Um... um... unchinho ne... nervoso somente. Uví vôs ca... ca... cantá, co... co... coraçám subí pa pis... pis... piscôço.

CORNÉLIO

Di nervoso, qui papiá assi tánto babuzéra.

APOLÓNIA *(Para Cornélio)*

Vôs sã divéra bulicioso, Sium Cornélio. Juliano nunca papiá babuzéra. Êle papiá ancusa bêm di drêto.

(Para Juliano)

Vôs sã divéra buniteza! Iou qui querê pa vôs.

Juliano faz-lhe festinhas no rosto. Apolónia torce-se toda.

APOLÓNIA — Aia, Juliano, vôs ta daretê pa iou...

CORNÉLIO — Uví, vôs pilám pôdre, nunca-bom assi garidóna...

JULIANO *(Zangado)* — Cor... Cor... Cornélio! Vôs ta in... in... chido di cium... ciumidade? Unde ta dôi? Pô... pô... pôde falá iou uví?

CORNÉLIO — Non-têm más vida fazê! Ciumidade di unga gordofóna co unga bôbo qui tudo ora *ca... ca... cagajá?*

JULIANO *(Zangado)* — Cu... cu... cusa vôs ta falá?

Juliano toma posição de combate com a lança. Cornélio imita-o.

JULIANO *(Afastando-se)* — Nunca-sá fuzí, cachôro-china!

CORNÉLIO *(Afastando-se também)* — Vôs ta fuzí, cabrito-egipço! Iou nunca mêdo vôs.

Apolónia, alarmada, corre dum lado para o outro.

APOLÓNIA — Credo! Santo-Pai! Cudí, vosôtro. Credo! Estunga dôs ta matá unga pa ôtro!

Entra em cena o soldado Octávio. Desembaínha a espada.

OCTÁVIO — Qui-cusa ta sucedê? Quim ta pilizá?

(Para Juliano) — Juliano, vôs já ficá dôdo?

JULIANO *(Apontando para Cornélio)* — Êle bulí co iou! Êle chomá Apolónia gordofóna!

OCTÁVIO — Sã mentira?

CORNÉLIO *(Apontando para Juliano)* — Ele bulí co iou! Falá iou inchido di ciumidade!

OCTÁVIO *(Afastando-os)* — Bulí, bulí! Más bom sã tomá juízo!

Entra em cena o soldado Aurélio. Vem a correr.

AURÉLIO *(Levantando os braços)* Basta-ia! Basta-ia! César já vêm!

OCTÁVIO César já vêm?

TODOS César já vêm!

Apolónia sai a correr, levando o pilão. Octávio e Aurélio saem atrás dela. Cornélio e Juliano compõem o uniforme e ficam postados nos dois cantos.

Aurélio e Octávio tornam a entrar, trazendo, cada um, uma trompeta. Colocam-se entre os dois soldados.

Octávio e Aurélio anunciam.

OCTÁVIO e AURÉLIO César já vêm!

Cornélio e Juliano descem à plateia e colocam-se à subida da escada. Octávio e Aurélio fazem soar as trompetas.

(Música: CHAO CHAO BAMBINO)

César faz a sua entrada, vindo do fundo da plateia, seguido por Cássio e Bruto. Atrás, vem a criada coxa e muda. César enverga uniforme de general romano. Cássio e Bruto vêm de túnica.

César caminha até à escada de acesso ao palco.

CORNÉLIO *(Ergue o braço)* Salvé, César!

CÉSAR *(Ergue o braço)* Salvé!

JULIANO *(Ergue o braço)* Salvé, César!

CÉSAR *(Ergue o braço)* Salvé!

César sobe. A meio da escada, saúda a plateia.

CÉSAR Salvé, pópulo macaísta!

CÁSSIO Pópulo romano, César!

CÉSAR Ah! Disculpá! Pópulo romano! Salvé!

César sobe. Atrás dele sobem Cássio, Bruto e a criada. Atrás seguem os dois soldados.

OCTÁVIO e AURÉLIO (*Simultaneamente*) — Hai, César!

CÉSAR (*Ergue o braço*) — Hai!

César abaixa o braço e dirige-se para Aurelio.

CÉSAR — Uví! Qui-cusa sã «Hai»?

AURÉLIO — Sã salvé moderno, César.

CÉSAR (*Ergue o braço*) — Hai!

OCTÁVIO e AURÉLIO (*Erguem o braço*) — Hai!

Octávio e Aurélio saem da cena. César tira o capacete e entrega-o a Bruto; este passa-o para a criada. Esta recebe o capacete e sai.

Com as mãos atrás das costas, César ronda a sala. Cássio e Bruto imitam-no. César pára. Cássio e Bruto param.

CÉSAR (*Para Cássio*) — Cássio! Azinha mandá unga telegráma!

CÁSSIO (*Para Bruto*) — Bruto! Azinha! Telegráma!

BRUTO — Tele cusa?

CÁSSIO — Nunca-sã tele-cusa, Bruto! Telegrámá! «Cable»! Já intendê, nunca?

BRUTO — Ah! «Cable»!

Bruto sai. Entra a criada com a túnica. César tira a armadura, ajudado por Cássio. Põe a túnica. A criada sai com a armadura.

Bruto entra com um rolo de pergaminho e uma pena. Entrega a pena a Cássio e abre o pergaminho. Entretanto, César está sentado no trono.

CÉSAR (*Ditando*) (*Cássio escreve*) — Pa Mundo intéro! César já cholê Macedónia. Já voltá pa Roma. Ta bom di saúde, ta fórti, valente.

Pa Egito! César já chegá Roma. Querê sabe Cleópatra quelóra vêm.

Cássio acaba de escrever. Enrola o pergaminho.

CÉSAR — Fazê corê azinha!

CÁSSIO *(Entrega o pergaminho a Bruto)* — Fazê corê azinha!

BRUTO *(Recebendo o pergaminho, entrega-o a Juliano)* — Fazê corê azinha!

JULIANO *(Entrega-o a Cornélio)* — Fa.. fa.. fa...

CORNÉLIO *(Interrompe)* — Fazê corê azinha!

Juliano e Cornélio saem com o pergaminho.

César faz soar o gongo. Entra a criada.

CÉSAR — Chomá Apolónia vêm!

A criada não ouve.

CÁSSIO *(Aos ouvidos da criada)* — Apolónia!

A criada sai. Em seguida, entra Apolónia.

APOLÓNIA *(Ergue o braço)* — Salvé, nhum Julinho!

CÉSAR — Salvé! Vêm-cá, Apolónia!

Apolónia aproxima-se.

Uví, vôs sabe, non-sabe Cleópatra lôgo vêm...

Cássio e Bruto sentam-se. Conferenciam.

APOLÓNIA — Cleópatra lôgo vêm? Aia! Vôs qui atrasado! Êle qui ora já vêm-ia!

CÉSAR *(Dando um pulo)* — Cusa vôs ta falá? Cleópatra já vêm--ia? Quelê-môdo já vêm? Falá co iou uví...

APOLÓNIA — Nunca-sã passá mar vêm, ramendá tudo gente? Vôs querê êle passá pónti?

CÉSAR — Contá, Apolónia! Vôs já olá iou-sua Cleópatra? Ta chistosa, nunca?

APOLÓNIA — Já olá, já olá, nhum Julinho. Chistosa qui non-pôde más. Pramicedo, tomá su banho, agora ta paramentá pa vôs olá. Uví, pa estunga buricida banhá, tánqui já ficá inchido di lête...

CÉSAR — Tánqui inchido di lête?

APOLÓNIA — Sã, nhum Julinho. Tentaçám non-sabe lavá côrpo na ágــu, j'olá? Somente querê lête. Di tánto lête, qui nôs mugí tudo cabra-cabra di Roma tamêm non-pôde chegá.

CÉSAR — Cavá, quelê-môdo?

APOLÓNIA — Cavá, sã têm-qui chomá quánto-cento ama-lête pa vêm ajustá. Tánqui já ficá inchido, tentaçám já vai dentro banhá.

CÉSAR — Agora, si iou querê lête, como?

APOLÓNIA — Lête, sã non-tem más. Si querê quejo, têm tánto.

(Baixando a voz) — Uví, quelóra Cleópatra banhá, sodado-sodado co cinturiám qui sabroso... Pa tudo cánto-cánto sai ôlo, bispá... Iou já tirá rópa banhá juntado.

CÉSAR *(Zangado)* — Qui-cusa? Sodado-sodado bispá iou-sua Cleópatra banhá? Cássio! Bruto!

Cássio e Bruto dão um pulo e aproximam-se.

Azinha vai olá qualunga sodado co cinturiám já olá Cleópatra banhá. Pegá na tudo, pinchá pa liám!

BRUTO *(Para Cássio)* — Vêm azinha, Cássio!

CÁSSIO *(Para Apolónia)* — Uví, Apolónia! Cleópatra já cavá banhá-ia, nunca?

CÉSAR *(Dá um grito)* — Azinha!

Cássio e Bruto saem.

CÉSAR — Uví, Apolónia, qui-cusa vôs têm pa iou-sua noiva tifiná?

APOLÓNIA — Iou já assá dôs cabrito co oito letám. Têm unga porçám di nhame co iam-chi-cu. Já picá dôs vaca pa fazê mínchi...

CÉSAR — Mínchi? Qui-cusa sã mínchi?

APOLÓNIA — Aia, vôs non-sabe? Sã acunga ancusa qui nôs já comê na Alexandria... pegá parám picá vaca, burufá co sutate.

CÉSAR — Bom, bom. Si tifim nunca-bom, iou picá vôs pa dá-comê liám. Ja uví, nunca?

APOLÓNIA — Nhum Julinho, nunca-bom assi mau coraçám...

CÉSAR — Azinha sai di iou-sua vista!

Cássio e Bruto entram. Apolónia sai.

CÁSSIO — César! Nuncassá pinchá sodado-sodado pa liám! Tudo qui já bispá Cleópatra banhá, já vai tánqui comê quêjo. Cavá comê, unga-unga azinha morê...

CÉSAR — Sã quêjo ta invenenado?

BRUTO — Sã, Papá. Lête, co chêro di Cleópatra, virá ficá quêjo invenenado.

A criada entra, trazendo um grande prato contendo queijo. Espetado no queijo, um punhal. Aproxima-se de César.

CÉSAR — Estunga asnéra sã qui-cusa, assi fêde?

A criada encolhe os ombros. Cheira o queijo e faz caretas.

BRUTO — Sã quêjo di tánqui, Papá!

CÉSAR *(Para a criada)* — Sai di iou-sua vista!

A criada prova um bocado de queijo, encolhe os ombros e sai.

CÉSAR *(Para Bruto)* — Qui-cusa têm pa hoze?

BRUTO — Hoze, vôs ta vai julgá três dôdo. Unga, já tasquinhá galo co galinha-choca di su vizinho...

CÉSAR — Pinchá pa liám!

BRUTO — Otrunga, já bulí co siara di gente. Siara chistosa, êle mám-tánto...

CÉSAR — Pinchá pa liám!

BRUTO — Têm más unga-na. Estunga já matá su sogra!

CÉSAR — Matá sogra? Estunga sã capaz! Trazê êle vêm...

Bruto aproxima-se da entrada e dá sinal com as palmas das mãos. Aponta.

Cornélio e Juliano entram, trazendo o assassino.

CÉSAR — Sã estunga?

BRUTO — Sã, Papá.

CÉSAR — Contá, hóme. Quelê-môdo vôs matá sogra?

ASSASSINO — Co dôs parám di cuzinha...

O assassino retira do saco duas grandes faces. Mostra-as a César. Este salta para trás, assustado, esconde-se protegido pelos soldados.

CÉSAR — Uví, guardá vôsso parám, pôde, non-pôde?

ASSASSINO *(Guardando as facas)* — Iou-sua sogra, vinte-fora ano consumí iou. Iou perdê cabêça, pegá êle cortá fino-fino, picá fazê mínchi!

CÉSAR *(Aflito)* — Picá fazê mínchi? Cavá, botá sutate burufá?

ASSASSINO — Burufá co sángui!

CÉSAR *(Grita)* — Apolónia! Apolónia!
(Para o assassino) — Vôs pôde vai... Vai azinha, hóme!

O assassino sai, acompanhado dos dois soldados. Apolónia entra a correr.

APOLÓNIA — Nhum chomá iou? Qui-cusa querê?

CÉSAR — Apolónia! Mínchi, sã iou nádi comê!

APOLÓNIA — Qui-foi, nhum Julinho? Cleópatra assi gostá...

CÉSAR — Já uví, nunca? No mínchi!

APOLÓNIA — Já uví, já uví! Nuncassá reva...

César sai apressado, seguido de Cássio e Bruto.

APOLÓNIA *(Para a plateia)* — Já querê mínchi, já falá nádi comê... Si sã pa Cleópatra comê, nunca-sã más bom fazê galinha cha-chau parida? Cavá, têm unga putau co gingivre co mám-di-pôrco... Iou sentí Cleópatra-sua côrpo unchinho galánte!

CAI O PANO

FIM DO 1.º ACTO

CÉSAR co CLEÓPATRA

2.° ACTO

CENA: *Aposento antigo. Ao fundo, um toucador. Um sofá, almofadas no chão e outras peças simples de mobiliário. Uma mesa, com fruteira cheia de frutas.*

César está no sofá, agarrado a uma lira.

A criada coxa e muda está sentada no chão, descascando uma maçã. Vai descascando e vai comendo uns bocados, pondo outros num prato para César.

CÉSAR *(Canta)*

Cleópatra vêm Roma (*)
Pa César onçôm olá.

Vôs divéra sã unga buniteza,
Vôs divéra sã unga buniteza,
Qu'iou já achá...

Cleópatra vêm Roma
Co iou querê casá.

Vôs divéra sã quelê chistosa,
Vôs divéra sã quelê chistosa,
Iou já olá...

Cássio entra seguido de Bruto. Estão preocupados.

CÉSAR *(Continua a cantar)*

Cleópatra vêm Roma,
Co iou querê casá...

BRUTO

Papá, uví! Egito ta reva co nôs, falá César ta disincaminhá su Rainha. Róma intéro ta susto qui morê... Vôs sentá aqui cantá?

César olha para Bruto, entrega a lira à criada. Esta levanta-se e retira-se com a lira e o prato.

(*) *Melodia: ARIVA DERCI ROMA.*

CÉSAR *(Levantando-se)*	Quim susto?
(Comendo uvas)	Iou nunca susto.
CÉSAR *(Aproxima-se)*	César! Tomá cuidado! Estunga Cleópatra têm diabo na côrpo. Êle lôgo disgraçá pa vôs...
ÇÉSAR *(Com ar despreocupado)*	Diabo sã vôs! Cleópatra sã unga anjo!
BRUTO	Papá! Uví nôs falá! Senado ta reva. Róma intéro ta querê virá pê pa cabéça.
CÉSAR *(Comendo uvas)*	Pinchá tudo na buraco, dessá liám comê!
BRUTO	Cavá, quim lôgo cudí pa nôs? Egito ta cerá dente! Já chomá tudo vizinhánça pa virá côntra nôs. Iraq, Jordánia, Síria, Líbano, co Arábia intéro ta aguçá faca. Ilôtro falá nôs ta chupá tudo sapeca di ilôtro...
CÉSAR	Vosôtro tudo susto? Iou nunca susto.

César faz soar o gongo. Entra a criada.

CÉSAR	Uví! Azinha trazê acunga general chomá Moisés vêm dentro... Acunga
(César tapa um olho com a mão)	general qui têm unga ôlo tapado, qui já vêm di Jerusalém... Azinha!

A criada faz que percebe e sai.

BRUTO *(Alarmado)*	Papá César! Qui-cusa unga general cacai pôde fazê côntra quánto-cento general!
CÉSAR	Calá bóca! Lembrá qui vôs sã Bruto!

A criada entra, trazendo o general Moisés pela mão. Encaminha-o para o meio da sala. Deixa-o e retira-se.

MOISÉS *(Para Cássio)*	Salvé, César!

Cássio vira Moisés para o lado onde está César.

MOISÉS — Ah! Disculpa!... Salvé, César!

CÉSAR — Salvé! Vêm-cá, mestre-cacai!

MOISÉS *(Ofendido)* — Iou sã general Moisés! Nunca-sã mestre-cacai!

CÉSAR — Vêm-cá, Moisés. Uví, vôs mêdo Egito?

MOISÉS — Nim unchinho.

CÉSAR — Vôs mêdo Jordánia, Iraq, Síria, co tudo cáfri-cáfri di Arábia?

MOISÉS — Nunca mêdo, nim unchinho. Iou têm manéra di cholê ilôtro tudo!

CÉSAR — Bravo, general! Vôs sã divéra capaz. Bom, si ilôtro atacá?

MOISÉS — Iou zinguá!

CÉSAR *(Aplaudindo)* — Bravo! Bravo! Agora, vôs pôde vai. Quelóra iou chomá, vôs azinha vêm, já uví, nunca?

MOISÉS — Já uvi! Salvé, César!

CÉSAR — Salvé, general!

Moisés sai, mas em direcção contrária. Cássio encaminha--o para a saída.

CÉSAR — Vosôtro já uví, nunca?

BRUTO — Sã, sã, já uví!... Vôs já olá? Cacai di morê.

CÁSSIO — Qui pimpám estunga cacai!

CÉSAR — Qui capaz!

CÁSSIO — Co unga ôlo, na-más?

CÉSAR — Sórti qui sã assi. Si têm tudo dôs ôlo, lôgo zinguá ramatá na iou...

A criada entra. Dirige-se para junto de César, fazendo sinais com as mãos; indica o contorno do corpo de uma mulher.

CÉSAR *(Admirado)* Cleópatra?

A criada acena com a cabeça. Aponta para o fundo da plateia.

CÉSAR *(Compondo-se à pressa)* Cleópatra já vêm! Azinha, vosôtro! Cleópatra já vêm.

Vai ao gongo e bate com força. A criada sai. Octávio e Aurélio entram com as trompetas.

OCTÁVIO *(Assustado)* Unde têm? Unde têm fogo?

AURÉLIO Bôbo! Cleópatra já vêm!

(Música: Chao Chao Bambino)

Cleópatra faz a sua entrada pela porta do fundo da plateia. Vcm num palanquim trunsportado por dois egípcios (Cleópatra vem a andar, mas como os panos do palanquim lhe tapam o corpo, de cintura para baixo, dá-se a impressão de que vem sentada). À frente caminha o seu protector.

Cleópatra sai do palanquim junto à escada de acesso ao palco. Soam as trompetas. César vem recebê-la no cimo da escada. O protector e os dois egípcios retiram-se, saindo pela porta lateral da plateia.

(Cessa a música)

CÉSAR Salvé, Cleópatra, Rainha di Egito, siara di coraçám di César!

CLEÓPATRA Salvé, Júlio César, Imperador di Róma, quirumbim di Cleópatra!

Cleópatra repara que Cássio e Bruto não a saúdam.

César avança para Cássio, ameaçador.

CÁSSIO *(Contrariado)* Salvé, Cleópatra!

César avança para Bruto.

BRUTO *(Contrariado)* Salvé, Cleópatra!

CLEÓPATRA *(Para Cássio)* Salvé, animal!
(Para Bruto) Salvé, bôbo!

Cássio e Bruto avançam um passo. Mostram-se zangados. César fá-los parar.

CÉSAR *(Fazendo festinhas no rosto de Cleópatra)* Cleo, bom quiança! Nunca-bom assanhá iou-sua Cássio co iou-sua Bruto... Iou assi querê pa vôs...

Cleópatra retribui as carícias e vai ao toucador; compõe o vestido; asperge perfume. César conduz Cássio e Bruto a um canto e conferencia com os dois.

Entretanto, o protector entra e coloca-se no lugar onde Cleópatra se encontrava.

César volta, pensando que se vai dirigir a Cleópatra.

CÉSAR Cleo! Cleozita!

Em vez de Cleópatra, César dá com o protector. Este mostra uma cara muito séria e não se mexe.

César grita e salta para o colo de Bruto.

César volta a ficar em pé e faz sinal para que Cássio e Bruto se retirem. Os dois saem contrariados.

César aproxima-se de Cleópatra e convida-a para se sentar com ele no sofá. Sentam-se. O protector avança e coloca-se muito próximo do sofá.

César prepara-se para beijar a mão de Cleópatra. Olha para o protector e larga a mão de Cleópatra.

CÉSAR Uví, Cleozita! Vôs pôde, non-pôde chomá estunga cáfri buricido vai fora?

Cleópatra faz sinal com a não e o protector retira-se.

César volta a segurar na mão de Cleópatra.

CÉSAR Cleo, buniteza! Vôs sã já vêm pa casá co iou?

CLEÓPATRA — Júlio, iou-sua Julito! Iou vêm pa fuzí co vôs. Egito ta cerá dente, su vizinho ta aguçá faca. Róma ta reva co vôs. Vêm-cá nôs fuzí vai lóngi...

CÉSAR — Fuzí vai únde!

CLEÓPATRA — Vai lóngi qui lóngi, somente iou co vôs, vôs co iou, co vôsso sapeca! Nôs pôde fuzí vai Ongcông...

CÉSAR — Ongcông?... Iou nádi vai Ongcông!

CLEÓPATRA — Qui-foi nádi vai Ongcông?

CÉSAR — Iou mêdo panhá Ongcông-flú... Vôs querê fuzí? Nôs pôde fuzí vai Macau...

Ouvem-se vozes de amotinados. César e Cleópatra mostram-se alarmados. As vozes continuam.

O protector e os dois egípcios entram e levam Cleópatra. Saem.

CÉSAR *(Muito aflito)* — Isperá iou! Cáfri, Cleo, isperá! Dessá iou tamêm vai! Iou tamêm querê fuzí!

As vozes aproximam-se. Cássio entra, empunhando uma espada.

CÁSSIO — Agora, sã tarde pa fuzí, César!

César esconde-se por baixo do safá.

Entram Bruto, Aurélio, Octávio, Juliano e Cornélio armados com espadas e lanças.

Procuram César. Cássio aponta para o sofá. Dois deles levantam o sofá e descobrem César.

CÉSAR *(Senta-se no chão)* — Qui-cusa vosôtro querê?

CÁSSIO *(Ameaçando com a espada)* — César, vôsso ora já chegá! Vôs ta vai morê!

CÉSAR — Iou nádi morê!

CÁSSIO

Lôgo! Povo querê. Nôs tamêm querê. Vôs nádi casá co Cleópatra!

Aproxima-se e encosta a ponta da espada no corpo de César.

CÉSAR

Aia! Ne-bom fazê cósca pa iou!

Os soldados, cada um por sua vez, encostam a ponta da espada ou lança no corpo de César.

CÉSAR

Vai-na! Iou têm cósca! Cleo! Cáfri! Isperá iou! Moisés cacai, únde têm vôs?

Bruto tira a espada da mão de Cássio, aproxima-se e encosta a ponta no corpo de César.

César levanta-se, olha, apalpa o rosto de Bruto e exclama.

CÉSAR

Vôs tamêm, iou-sua filo Bruto? Ah! Vôs sã diverá bruto! Assi, más bom sã iou morê!

César cai. Todos, um a um, retiram-se.

A criada coxa entra, trazendo o capacete e a espada de César e coloca-os sobre o corpo de César.

Apolónia entra apressada.

APOLÓNIA

Ai! Credo! Santa Maria! Qui-cusa ilôtro já fazê pa iou-sua Julito!... Certo sã já dá quêjo di tánqui pa êle comê!

Apolónia desata a chorar. A criada coxa manda fechar o pano. O pano é fechado lentamente. A criada ajuda a fechar, puxando-o dum lado e doutro.

(Música: CHAO CHAO BAMBINO).

FIM

CRÍTICA À OBRA
"MACAU SÃ ASSI"

«O volume é valorizado por uma introdução elucidativa e por um vocabulário explicativo do significado das palavras e expressões usadas no texto desse trabalho e ainda a reprodução em português dos seus versos.

... bastaria o facto de constituir uma amostra curiosa do «patois» de Macau, fenómeno linguístico que infelizmente tende a desaparecer, ... para merecer as nossas sinceras felicitações».

(«Gazeta Macaense» — 1-1-1968)

«O elegante volume... reúne duas comédias muito engraçadas, escritas e levadas à cena pelo autor... e uma mão-cheia de versos fluentes e de acentuado sabor popular, à moda antiga de Macau, e alguns trechos em prosa, tudo concebido e escrito pelo autor em genuíno «patois» desta terra. ... Aos estudiosos, o livro apresenta-se como uma fonte de informação muito preciosa e muito rara».

(«Notícias de Macau» — 3-1-1968)

«... constitui um inventário de composições em poesia e prosa em genuíno «patois», exactamente como o devia ter falado muita gente de Macau desde os mais remotos tempos.

... e todos lhe estamos agradecidos, todos os que aqui nascidos ou aqui integrados desde os verdes anos com várias décadas de permanência, colhemos nas suas composições aquele aroma de saudade que nos vem da lembrança de tantas velhinhas que conhecemos e que dormem hoje o sono dos justos.»

(«O Clarim» — 4-1-1968)

«O «patois» de Macau é um fenómeno muito curioso da língua portuguesa no Oriente, baseado no português arcaico e largamente influenciado por elementos estranhos, nomeadamente malaio, canarim ou língua de Goa, chinês, espanhol e inglês.

... reuniu num elegante volume... um feixe de versos e textos de prosa, de sabor popular, à moda antiga de Macau...

... é uma obra oportuna, útil e de manifesto interesse».

(«Notícias de Macau — edição semanal ilustrada — 7-1-1968)

«Trata-se de um volume de incalculável valor, para os estudiosos do dialecto macaense, que muito honra e dignifica o seu autor, porquanto o mesmo teve ocasião de revelar muito engenho e arte e profundo conhecimento dos usos e costumes desta terra secular portuguesa, transportando-nos para os bons tempos do antanho.

...uma obra que muito virá a valorizar qualquer biblioteca oficial ou particular e a juventude macaense contraiu uma dívida de gratidão para com o seu autor que muito se esforçou para despertar o conhecimento de um dialecto que estava votado ao esquecimento.

Que o «patois» não é o português mal falado, mas sim, evolução lógica lusíada, em contacto com outras culturas e outros ambientes, demonstra-o este opúsculo...»

(«O Clarim»—14-1-1968)

«Many local Portuguese consider the «macaista» dialect a dying language and a visitor to Macau never hears it spoken nowadays.

Now comes a book... the work of... a local resident who has for the past several years written two short comedies in this local dialect for the theatre, besides prose poems which saw the light in Macau newspapers.

The book is a valuable record of a dying language... (the Author) is to be congratulated for preserving someting of Macau's old culture for future generations of Portuguese to look back upon».

(«South China Morning Post», de Hongkong — 18-1-1968)

«Os versos apresentados são de crítica de costumes, canções de escárneo e mal-dizer, com alguma nota fugidía de lirismo. O leitor, sobretudo o macaense, vibra com esse dia-a-dia da sua terra e do seu meio, descrito, na linguagem típica do saboroso «papiá» antigo.

... Os nossos efusivos parabéns e vivos incitamentos ao autor para que continue a ressuscitar, na escrita, uma linguagem tão característica do génio português, assimilador das mais díspares raças e culturas do globo. ... Parece-nos que o livro ... merece bem um prémio no Concurso de Literatura Ultramarina...»

(«Religião e Pátria» — 31-1-1968)

ÍNDICE

Discursos em versos:

III PARTE — CONTOS EM PROSA

IV PARTE — COMÉDIA QUI-NOVA, CHENCHO

Apêndice:

Acabou de se imprimir este livro
aos 24 de Junho de 1974

— **Em preparação:**

EPÍTOME DE GRAMÁTICA COMPARADA

e

VOCABULÁRIO.